



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA-UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- CAMPUS IV
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

EFIGÊNIA ROCHA BARRETO DA SILVA

**QUAL O LUGAR DA AGROECOLOGIA EM SÃO GABRIEL, BA?
LUGAR DA IDENTIDADE E DO PERTENCIMENTO**

**JACOBINA-BA
2021**

EFIGÊNIA ROCHA BARRETO DA SILVA

**QUAL O LUGAR DA AGROECOLOGIA EM SÃO GABRIEL, BA?
LUGAR DA IDENTIDADE E DO PERTENCIMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso requisito para obtenção do título de graduada em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia-Departamento de Ciências Humanas- Campus IV.

Área de concentração: Geografia

Orientadora: Prof. M^a. Paula Regina de Oliveira Cordeiro

**JACOBINA-BA
2021**

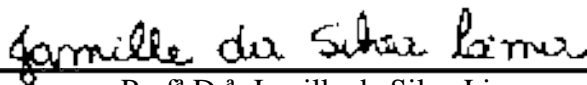
QUAL O LUGAR DA AGROECOLOGIA EM SÃO GABRIEL, BA? LUGAR DA IDENTIDADE E DO PERTENCIMENTO

Monografia submetida à avaliação pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Campus IV, Jacobina – BA, como parte dos requisitos necessários para obtenção da graduação do curso de Licenciatura em Geografia.

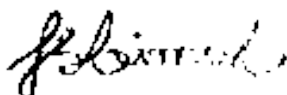
Banca examinadora:



Professora orientadora: M^a. Paula Regina de Oliveira Cordeiro



Prof^a Dr^a. Jamille da Silva Lima



Prof^a M^a. Josianne da Silva Lima

Aprovada em : 12 de Julho de 2021.

*À todos os produtores agroecológicos do grupo
Fraternidade, aos que já se foram e aos que estão por
vir.*

Em memória: Lindomar Lins.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos produtores do grupo Fraternidade pelo empenho, pela vivência, pela disponibilização, pelo afeto e companheirismo direcionado a mim no percorrer desta pesquisa, este trabalho é sobre nós que vivenciamos a terra. Muito Obrigada!

Agradeço ao universo pela conspiração, ao edital, a internet, ao sistema, ao colegiado, a banca de seleção, a todos envolvidos que contribuíram diretamente ou indiretamente para a seleção de Paula Regina como professora substituta no curso de Geografia, do campus IV, sem dúvida a Geografia para mim, tomou outras formas desde a sua chegada.

Agradeço a Paula Regina, por me acolher, por acreditar em mim, por me potencializar na pesquisa e na vida. Não há palavras para descrever a gratidão por tudo e por tanto que fez por mim. Tens a gratidão eterna da minha mãe.

Agradeço às professoras Jamille da Silva Lima e Josianne da Silva Lima por se disponibilizarem a contribuir com este trabalho, desde a qualificação até a banca de defesa.

Agradeço a Williane e Maurício pelo amparo, cuidado e companheirismo na CESG ao longo da trajetória acadêmica.

Agradeço aos amigos que fiz ao longo desta etapa, em especial a meu irmão gêmeo de pesquisa Edvanio Almeida. Também a meu grupo de geminas, Danielma, Joice e Olívia.

Agradeço a ancestral que me nomeia pela referência de força e sabedoria. Nesta grandeza sigo sendo a Efigênia que sou.

Por fim, agradeço a minha família. Encerro essa etapa com a ânsia de voltar pra casa que tanto me aguarda, mas não limitando meu ser a novos voos futuramente, pois onde quer que eu vá, sei o caminho e para onde sempre voltar, para o meu “lugar”. Parafraseando (Louisa May Alcott) Eu jamais poderei amar alguém, como amo minha família.

Em especial aos meus avós, Zuleide e Rosevelte. A minha mãe maravilhosa, Diana. Meu irmão Sávio e a cunhada Rosilane.

Grupo Fraternidade

Peço licença meus amigos
Para agora lhes falar
De um povo conhecido
Um grupo trabalhador
Que cumprem com louvor
A missão de alimentar

O princípio é o respeito
Com base a confiança
Soberania é o direito
Que nos dá a segurança
Da cultura semeada
Que se brota a esperança

Desde a Revolução Verde
A produção é em larga escala
De alimentação que da colheita
Ao cozimento o agrotóxico exala
Este processo transformou nossa racionalidade
Um preço a se pagar a nossa biodiversidade

Tudo isso é muito sério
Alimentação não é brincadeira
Procedência é um critério
Para refogar na frigideira
Intoxicação já não é mistério
E as consequências descem ladeira

Em 2003 com a lei aprovada
Vimos nossa esperança ser renovada
Com a legitimação do alimentado atestado
O agricultor produzir é legitimado
O acesso às políticas públicas é um dever
Que cabe ao Estado prover

É preciso localizar
O município é São Gabriel
Este é o nosso lugar
Onde o clima é semiárido
Se produz em esbanjo
Oferecendo muitas graças ao nosso querido
arcanjo

Ao longo dos tempos as condições se
modificam

Onde cada vez mais as chuvas se erradicam
Novas tecnologias desenvolvidas
Como tanques, piçarras e cisternas para serem
aderidas
A dificuldade cresce em plantar de sequeiro
Pois a chuva insiste em desamparar o
catingueiro

No ano de 2016 os agricultores decidiram se
juntar
Transitar para uma nova racionalidade
Modificando seu modelo produtivo
Resgatando os conhecimentos advindos da
ancestralidade
Estabelecendo o ideal coletivo
E a partir de então agroecológico plantar

Crescimento é a natureza
Do poder criativo
Dentro da Fraternidade
Deste grupo ativo
Baseado na evolução
De tudo que está vivo

A feira acontece aos sábados
No centro da cidade
Precisamente na Rua da União
Lá que é o ponto
Das barracas serem montadas
Para escoar a produção

Logo cedo eles despertam
Trabalhando ao sol nascer
E o plantio semear
Sendo gotejada ao entardecer
Sem adição a planta cresce
Para nos saciar

Para terminar essa prosa
Não tenho mais a dizer
Pois muita dessa história
Ainda há de acontecer
Das práticas e a alternância
Na garantia do Bem Viver

Efigênia Rocha, Livia Rocha.

SILVA, Efigênia Rocha Barreto da. **QUAL O LUGAR DA AGROECOLOGIA EM SÃO GABRIEL, BA? LUGAR DA IDENTIDADE E DO PERTENCIMENTO** 108 f. 2021. Trabalho de conclusão de curso. (Licenciatura em Geografia)- Universidade do Estado da Bahia- UNEB, Jacobina, 2021.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender como se deu a transição dos modelos produtivos, assim como a formação da associação Fraternidade e a implantação da primeira feira agroecológica no município de São Gabriel. O município de Irecê que no passado foi conhecido como a capital do feijão, mesmo atualmente não produzindo grandes extensões da cultura, o território de identidade ainda hoje possui destaque na agricultura. Após muitos anos de colheitas no modelo produtivo de sequeiro, alguns agricultores decidem realizar a transição dos modelos produtivos que consiste em um conjunto de técnicas e razões de produção agrária, que compreende a ação da racionalidade desde o plantio a colheita, e formar uma associação, e no ano de 2016 implantar uma feira agroecológica, sendo específica para tais produtos no município. A pesquisa tem como base as epistemes da Geografia das existências, se utilizando dos pressupostos metodológicos, revisão bibliográfica em teses, artigos e dissertações e livros, foram realizados, pesquisa de campo com técnicas de observação, interação e conversação, se utilizando de ferramentas como GPS, câmera, diário de campo, questionários, gravador na utilização de entrevistas. Para adentrarmos nessa pesquisa o lugar se apresenta como lócus privilegiado da análise aqui proposta, de forma que evidencia as relações existentes entre os produtores e a pesquisadora.

Palavras-chave: Agroecologia. Associação Fraternidade. Lugar. Agricultura familiar.

SILVA, Efigênia Rocha Barreto da. **WHAT IS THE PLACE OF AGROECOLOGICAL IN SÃO GABRIEL, BA? PLACE OF IDENTITY AND BELONGING** 108 f. 2021. Course completion work. (Degree in Geography) - State University of Bahia - UNEB, Jacobina, 2021.

ABSTRACT

This work aims to understand how the transition of productive models took place, as well as the formation of the Fraternidade association and the implementation of the first agroecological fair in the municipality of São Gabriel. The municipality of Irecê that in the past was known as the capital of beans, even today not producing large tracts of culture, the territory of identity still stands out today in agriculture. After many years of harvests in the rainfed productive model, some farmers decide to carry out the transition from the productive models which consists of a set of techniques and reasons for agrarian production, which comprises the action of rationality from planting to harvest, and forming an association, and in the year 2016 implement an agroecological fair, being specific for such products in the municipality. The research is based on the epistememes of the Geography of existences, using methodological assumptions, bibliographic review in theses, articles and dissertations and books, field research with observation, interaction and conversation techniques were carried out, using tools such as GPS, camera, field diary, questionnaires, recorder when using interviews. To get into this research, the place presents itself as a privileged locus of the analysis proposed here, in a way that highlights the existing relationships between the producers and the researcher.

Keywords: Agroecological. Fraternity Association. Place. Family farming.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Organograma da formação da Associação Fraternidade.....	38
Figura 2- Selo SISORG.....	42
Figura 3- Mandala da cadeia produtiva.....	48
Figura 4- Mandala temporal.....	57
Figura 5- Croqui da unidade produtiva de Edinalva Silva	60
Figura 6- Croqui de Google Earth da unidade produtiva da agricultora Soraia.....	61
Figura 7- Ciclo lunar.....	62
Figura 8- Árvore dos sonhos.....	89

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1- Produtores reunidos no dia do mutirão da unidade produtiva de Dona Dina.....	40
Fotografia 2- Feira agroecológica Fraternidade.....	47
Fotografia 3- Produtores e amigos/clientes/consumidores.....	51
Fotografia 4- Animais caprinos na unidade produtiva de Edinalva.....	59
Fotografia 5- Ferramentas.....	64
Fotografia 6- Agricultora realizando a colheita da couve.....	66
Fotografia 7- Plantação de cebolinha evidenciando as mangueiras de gotejamento.....	67
Fotografia 8- Fornos a lenha das unidades produtivas das produtoras Joana e Bernadete.....	69
Fotografia 9- Mulheres produtoras e feirantes.....	70

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Qual o principal fator para a transição em 2015 da agricultura convencional a agroecológica.....	36
Gráfico 2- Sexo:.....	70
Gráfico 3- Há quanto tempo o Sr. Cultiva produtos agroecológicos.....	73
Gráfico 4- Escolaridade:.....	74
Gráfico 5- Com a adoção desse sistema sua rentabilidade econômica.	78
Gráfico 6- Onde costumava vender sua produção anteriormente a produção agroecológica.....	79

LISTA DE MAPAS

Mapa 1- Localização da área de estudo.....	19
Mapa 2- Mapa de localização do município de São Gabriel-BA.....	29
Mapa 3- Mapa Hipsométrico do território de Identidade de Irecê-BA.....	34
Mapa 4- Mapa de localização das unidades produtivas pertencentes a associação Fraternidade.....	44
Mapa 5- Mapa de área do perímetro urbano de São Gabriel-BA.....	45
Mapa 6- Mapa de distribuição dos produtos da associação Fraternidade.....	52

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Características da Agroecologia.....	31
Quadro 2- As principais características da agricultura convencional e agricultura agroecológica.....	37
Quadro 3- Etnotaxonomia de variadas culturas.....	57
Quadro 4- Etnotaxonomia de plantas medicinais.....	58

LISTA DE SIGLAS

APA EJ ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES E PRODUTORAS AGROECOLÓGICA DE JACOBINA

EPAGRI EMPRESA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA

IBGE INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

SEI SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA

LISTA DE TABELA

Tabela 1- Relação da autodeclaração de pertencimento racial dos produtores.....	72
---	----

SUMÁRIO

1. Introdução.....	17
2. Trilhando Os Caminhos Da Agroecologia.....	28
2.1 Revelando São Gabriel.....	28
2.2 Transição Dos Modelos Produtivos.....	30
2.3 Histórico da Associação Fraternidade.....	38
2.4 A Constituição Da Feira Agroecológica De São Gabriel.....	43
3. Evidenciando Os Produtores E As Práticas Agroecológicas.....	54
3.1 Agroecologia No Lugar.....	54
3.2 Desvendando Os Produtores.....	69
3.3 Sustentabilidade E Soberania Alimentar.....	76
4. Expectativas Agroecológicas.....	82
4.1 Do Sonhar Ao Realizar.....	82
4.2 Aspirações Dos Produtores.....	86
Referências	
Apêndice I	
Apêndice II	
Apêndice III	
Anexo I	

1. Introdução

Atualmente é cada vez mais notável a grande degradação ambiental que vem afetando diversos pontos do nosso planeta. Em muitos lugares, os problemas ambientais são impulsionados pelo avanço das fronteiras agrícolas, a exemplo do Brasil, que se destaca com o agronegócio, principalmente na produção e exportação de grãos de soja e milho. Essa produção para exportação ocorre mediante uso de insumos agrícolas de monoculturas em larga escala, ocasionando vários problemas como contaminação do solo, das águas e doenças para as pessoas que os manipulam e os consomem. Assim como promove a expropriação dos lugares, das culturas, substituição dos diversos modos de vida.

Esse modelo produtivo do agronegócio que suprime a natureza acelera o tempo e valoriza a competição do capital é característico da colonialidade, a qual está arraigada em nossa sociedade, que é socialmente aceita, nos sendo imposta em muitos aspectos. Segundo Cruz (2017, p.15) a colonialidade é um processo que gera sequelas em forma de dominação, a qual nos é condicionada e imposta desde os tempos coloniais, sendo este processo responsável pela tentativa de apagamento do nosso ser e assim nos moldar segundo a visão de mundo dos colonizadores, no entanto não conseguiram esse apagamento, pois destes processos surgem as articulações e as resistências contra hegemônicas, esse processo em todos os aspectos, sejam eles políticos, sociais e econômicos. De acordo com Castro Gómez (2005b), a colonialidade se manifesta em três principais segmentos: do poder, do saber e da natureza.

A colonialidade se manifesta em vários aspectos, incluindo a colonialidade na natureza que é a lógica do agronegócio, onde há a dominação e neoextrativismo da natureza para a exportação, no qual o lucro não é direcionado ao próprio lugar, e sim é exportado para os demais países, como a China, por exemplo, com parceria comercial do Brasil em compra de diversos gêneros alimentícios, colonizando nosso lugar. De maneira que podemos afirmar como a colonialidade do poder condiz com a lógica em que o capital exerce poder ditando as regras da sociedade.

Em contrapartida a esse modelo produtivo, temos a agricultura familiar, que se caracteriza por ser de pequena escala em que os trabalhadores em sua maioria é composta pelos componentes da família. Neste sentido, para Wanderley (2009) a agricultura familiar é aquela em que os agricultores são donos dos meios de produção ao mesmo tempo em que produzem seus alimentos. Sendo a mesma produzida a partir das necessidades dos

agricultores no intuito de subsistência do núcleo familiar, podendo ganhar outras dimensões a partir da articulação comunitária em redes de compartilhamento dessa acumulação excedente.

Dentro desse modelo produtivo de agricultura familiar, temos uma nova perspectiva que é a agroecologia. Para Caporal e Costabeber (2004a) a agroecologia consiste em conhecimentos que norteiam a transição dos modelos produtivos convencionais para uma agricultura de produção sustentável, a qual há um respeito ao meio ambiente, ao mesmo tempo em que não há introdução de insumos em sua produção, sendo cada vez mais difundido como alimentos de qualidade com altos índices vitamínicos capazes de proporcionar qualidade de vida a seus consumidores.

Para os produtores componentes do grupo a agroecologia significa o resgate dos moldes de vida e as práticas de agricultura dos seus antepassados, ligando-os a ancestralidade adormecida das várias experiências, do fazer, de seus avós, bisavós como modo de vida, as práticas e saberes foram herdadas, sendo transmitidas de geração em geração, se constituindo no momento de transição o resgate dos saberes e sua valorização, para alguns ancestrais agricultura não é apenas é um trabalho e sim um modo de vida, em todos os sentidos de ser no mundo.

Na agroecologia temos uma valorização dos saberes tradicionais que são repassados familiarmente ou não, de forma que o agricultor no processo de transição agroecológica pode se considerar de maior importância a ação de resgate de saberes mais do que seja necessário aprender todas as técnicas da agronomia e os conhecimentos do zero, como se nada soubesse sobre tal, pois muitos das práticas ele já carregam consigo, já que o agricultor não é visto como tabula rasa, como a psicologia Behaviorista considerava o ser humano: aquele que não detém nenhum conhecimento das experiências e que há necessidade de aprendizado de tudo.

A agroecologia no Brasil é uma pauta de enfrentamento dos movimentos sociais, como evidência os objetivos do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA).

Seu principal objetivo [do MPA] é a produção de comida saudável para as próprias famílias e também para todo o povo brasileiro, garantindo assim, a soberania alimentar do país. Além disso, busca o resgate da identidade e da cultura camponesa, respeitando as diversidades regionais (MPA, 2020, p.1, **grifo nosso**)

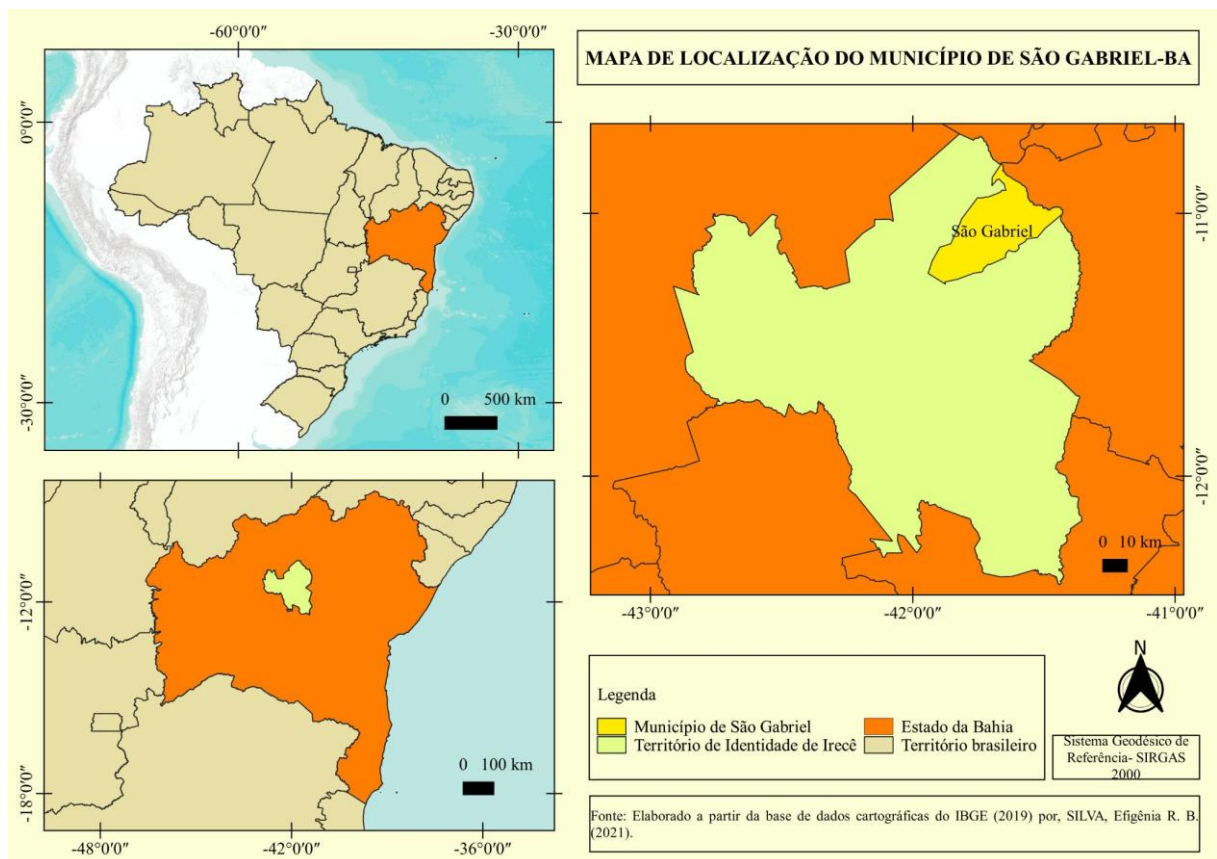
Compreendemos como comida saudável os produtos agroecológicos, uma vez que o trecho retrata a soberania alimentar, em que os movimentos sociais buscam a iniciativa da produção dos alimentos de consumo próprio. Dentre os movimentos sociais brasileiros com

destaque de lutas e enfrentamentos temos as Ligas Camponesas, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e o Movimento dos Pequenos Agricultores.

Esta pesquisa se orienta pela compreensão da agroecologia e seu empoderamento na linguagem científica que vem ocorrendo nas últimas décadas, cada vez mais os recursos e saberes tradicionais são pesquisados e evidenciados em pesquisas acadêmicas, abrindo caminhos para um lugar de valorização dos modos de vida e conhecimentos, dos que a produzem e reproduzem.

Dentro dessa perspectiva, este trabalho se propõe a pesquisar um grupo de agricultores familiares articulados em torno da Associação Fraternidade do município de São Gabriel, localizado no estado da Bahia, outrora praticantes do modelo produtivo de agricultura de sequeiro¹, decidiram realizar a transição para o modelo produtivo da agroecologia.

Mapa 1- Localização da área de estudo.



A necessidade em discutirmos essa temática evoca a trajetórias pessoais, ligadas fortemente pela agricultura, assim como o processo de êxodo rural, processo esse que está enraizado nas histórias de família, que ao longo da infância escutando várias das histórias

¹ (situação em que a plantação é dependente das precipitações anuais que a cada ano se tornaram cada vez mais irregulares)

contadas por os avós sobre a partida de vários dos seus irmãos para São Paulo, na década de 1970, período de uma grande seca que assolou o sertão, os quais fizeram saírem de seu lugar e buscarem novas oportunidades na capital.

Assim a entrada na universidade se dá pelo mesmo processo, pois, foi a falta de oportunidades de continuar a reproduzir o modelo produtivo, realizado pela família na roça, o pontapé para expandir o leque de possibilidades e adentrar no ensino superior.

De acordo com Juliana Dias (2019, p. 111) “É na dobra dessas realidades que o lugar se constitui e é vivido.” De forma que a experimentação e a memória das experiências do lugar definem o significado do mesmo, sendo pessoal e intransferível, por isso cada ser constrói sua relação com o lugar. Dentro dessa associação destacamos a relação enquanto pesquisadoras, na constituição do corpo-lugar que vivencia o lugar, junto aos agricultores, muitos deles conhecidos de tempos memoriais ao longo da vida, de relação afetiva e parental, da memória, lembranças recorrentes de um passado não tão distante, da infância em que presenciando a agricultura de sequeiro em grande escala, na qual participava como agente do processo produtivo, no qual a família semeava grandes tarefas de terra² com apenas uma cultura, como era costume, feijão, milho, mamona, e aguardava a chuva que não decepcionava.

Nessas memórias vividas relatamos a época da colheita, símbolo de fartura desses agricultores, em que muitas vezes o espaço de casa era disputado com as sacas da colheita empilhadas até a altura da parede, na qual enquanto criança a brincadeira era a de pular entre as fileiras, enquanto todos aguardavam o momento de escoar a produção, mas essa espera era árdua, muitas vezes interrompida pela necessidade, pois a venda era realizada em comércios do município, assim a venda estava sujeita a lei da oferta e da procura que influenciava diretamente na lucratividade da produção, já que esse fenômeno é o que regula o valor do produto. Encerrado esse processo os agricultores mais uma vez, junto a sua família, voltavam a preparar o solo para o início de um novo ciclo.

Com o passar dos anos o processo de estiagem se intensificou, com a falta de chuva a produção de sequeiro acabava por não se desenvolver e assim perder a safra pelas condições climáticas, assim esses agricultores, poucos dos muitos existentes no município, decidiram buscar novos caminhos, através de um novo modelo produtivo, que não fosse dependente das

² Tarefa Baiana: Corresponde a uma área de 30 x 30 braços. Portanto, uma tarefa é igual a 4.356m². Recomenda-se cuidado, pois existem outras medidas de tarefas em outros estados. Esta é a usada na Bahia. Disponível em: <https://www.imoveisvirtuais.com.br/Medidas>

precipitações, como uma nova possibilidade adotaram o novo modelo a partir do plantio irrigado.

Vale destacarmos que esse novo modelo produtivo somente foi possível através da perfuração de poços. Segundo Vasconcelos (2014) “poço” pode estar associado [...] a uma “janela” de acesso direto ao aquífero e para a população em geral, representa uma fonte de abastecimento hídrico.

Essa perfuração de poços, sejam eles artesianos ou tubulares, nas propriedades dos produtores, foi facilitado por conta do município estar localizado em uma extensão de rochas cársticas que possuem grande ocorrência de rios subterrâneos.³

Para adentrarmos nesta pesquisa escolhemos a categoria lugar da geografia. Assim trazemos as ideias de Tuan (1983) sobre o lugar.

Conhecer um lugar [...] certamente leva tempo. É um tipo de conhecimento subconsciente. Com o tempo nos familiarizamos com o lugar, o que quer dizer que cada vez mais ai consideramos conhecido. Com o tempo uma nova casa deixa de chamar nossa atenção; torna-se confortável e discreta como um velho par de chinelos. (TUAN, 1983, p.203)

Aqui se faz importante destacar a relação com o lugar, ao longo do tempo, durante anos da vida, o qual é familiar, ao mesmo tempo em que não há lembranças na memória de momentos em que não o tinha a sensação de conhecimento e ao mesmo tempo de pertencimento, como se fosse um lugar de estranhezas. Por isso acreditamos a necessidade da análise a partir desta categoria.

Na contribuição para o conceito de lugar na geografia temos Santos (2012, p.322). “O lugar é o quadro de referências pragmáticas ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das ações humanas”. Sendo o lugar aquele que está interagindo com o mundo, o qual é influenciado pela globalização e sua lógica capitalista ao mesmo tempo em que o lugar é autônomo para romper com estas imposições, sendo ele mesmo protagonista da criação de sua própria lógica, de acordo com seus próprios interesses.

³ O poço, ao perfurar o aquífero, permite a ascensão da água pelo princípio dos vasos comunicantes, e a água jorra na tentativa de atingir a altura da zona de recarga. [...] A zona de ocorrência da água subterrânea é uma região onde é iniciada a maioria das formas de relevo, pois a água subterrânea é o principal meio das reações do intemperismo químico.

KARMANN, Ivo. CICLO DA ÁGUA, Água subterrânea e sua ação geológica. In: TEIXEIRA, W.; FAIRCHILD, T. R. TOLEDO, M. C.; TAIOLI, F. ed. Decifrando a Terra (capítulo 7). São Paulo, Oficina de Textos. 2000. p.114-138.

A escolha da categoria de análise lugar representa o recorte espacial escolhido pois se adequa melhor ao objeto de estudo, o qual enquanto pesquisadora forte relação. Sendo este vivenciado e experienciado através do vínculo com os produtores pesquisados.

Estudar as práticas realizadas pelos agricultores é oportuno, visto que, a prática da soberania alimentar se constitui como um direito. De acordo com Carvalho e João Pedro Stédile (2011) compreendem como o direito dos mais variados povos de produzir seus alimentos em suas propriedades, estando qualquer comunidade localizada em qualquer ponto do planeta, visto que para os mesmos no momento em que vivemos das altas tecnologias, há conhecimento dissipado que viabilize as mais variadas técnicas de produção.

Vale destacar que de acordo com dados do IBGE (2010), a agricultura familiar é responsável por 70% do abastecimento do mercado alimentício interno brasileiro. Esses dados denotam a importância desse modelo produtivo, sendo ele produtor dos principais elementos consumidos por nós brasileiros. Dentro dessa perspectiva, levamos em consideração tais dados para destacarmos a importância dessa pesquisa, que traz aspectos que valorizam a cadeia produtiva realizada por esses produtores em questão, assim como a valorização dos saberes dos agricultores familiares.

Para destacar a relevância desta pesquisa, trago menções a seguir de trabalhos que tiveram êxito em pesquisas com objetivos semelhantes a esta.

Brasileiro (2013), em sua dissertação, produziu o diagnóstico dos principais desafios enfrentados pelos agricultores familiares quanto à referência do certificado dos produtos orgânicos, analisando as normas para a certificação dos produtos orgânicos, identificando o modelo de organização, produção e comercialização e avaliando como produtores causam efeitos positivos e negativos no processo produtivo de produtos orgânicos.

A referida pesquisadora se utilizou da metodologia de pesquisa exploratória quantitativa e qualitativa, realizando pesquisa de campo nas comunidades pertencentes à Associação dos Produtores e Produtoras Agroecológica de Jacobina (APAEJ). No referido campo foi realizada a coleta de dados por formulário com perguntas fechadas, seguido do levantamento de dados mediante amostragens amplas e elaboração de gráficos analisados no resultado da pesquisa.

Costa (2000) abordou em seu trabalho aspectos sobre como se deu a ocorrência da transição dos modelos produtivos da agricultura convencional para a agroecológica no município de Praia Grande no Estado de Santa Catarina. Também traçou um perfil

socioeconômico dos produtores, analisando a organização da produção agroecológica e os limites ao desenvolvimento sustentável.

Nessa pesquisa, utilizou como metodologia inicial o levantamento bibliográfico, após realização de coleta de informações na plataforma do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), seguido de trabalho de campo nos locais de atividade agroecológica do município, onde foram realizadas entrevistas com os produtores e técnicos da Empresa de Pesquisa Agropecuária (EPAGRI), as quais foram gravadas e transcritas para uso na escrita. Além disso, foram necessários dois trabalhos de campo com os técnicos com a finalidade de saneamento de dúvidas relativas à pesquisa, uma vez que foi utilizado o conceito de reprodução espacial.

Frinatto (2010) analisou em sua tese o processo de emergência e organização da produção agrícola de base agroecológica no município de Pelotas no Estado do Rio Grande do Sul. Na organização do referido trabalho, o autor trouxe a recuperação do processo de inserção da agroecologia no referido município, identificando as organizações produtivas, analisando as estratégias de comercialização e apontando os desafios e perspectivas para a produção no município.

Na pesquisa, foi adotada a metodologia de revisão bibliográfica, com técnica de análise qualitativa e realização de trabalho de campo, a partir de entrevista semi-estruturada com roteiro aplicada aos membros das associações, após a qual foi realizada a tabulação dos dados primários para a análise dos resultados. Neste trabalho, o autor utilizou-se do conceito de espaço geográfico para analisar o recorte espacial da sua pesquisa.

Esses três autores elencaram objetivos em suas pesquisas, evidenciando, assim, a importância da temática a ser desenvolvida nesta pesquisa. Destaco a semelhança dos aspectos dos objetivos, assim como a metodologia dos trabalhos da agroecologia. Vale ressaltar a diferença de abordagens de conceitos, nos quais foram adotados espaço e produção espacial, sendo que nesta pesquisa adotamos o conceito chave da geografia “lugar”, levando em consideração que a adoção se dá pela caracterização da pesquisa e as especificidades do recorte espacial.

Ressaltando que me utilizarei de conceituações trazidas em seus trabalhos, assim como as metodologias utilizadas pelos autores acima, visto que os objetivos desta pesquisa se assemelham com os abordados pelos mesmos.

Nesse contexto, essa pesquisa tem como objetivo geral entender como se deu a transição do modelo de produção de agricultura de sequeiro para a agroecológica e como a

formação da associação Fraternidade e a implantação da feira possibilitou um recurso alternativo para a sustentabilidade e a soberania alimentar no município de São Gabriel-Bahia, assim como verificar como e por que se deu a transição dos modelos produtivos, identificar como a associação junto a feira possibilitou uma sustentabilidade econômica aos produtores componentes do grupo, evidenciar o perfil sociocultural e econômico dos agricultores e verificar a importância da implantação da feira para a comunidade consumidora dos produtos.

Já enunciados os objetivos desta pesquisa, trazemos as questões norteadoras a que esta pesquisa se propõe responder, sendo elas: De que forma se deu a transição da agricultura de sequeiro para a agroecológica? Como se deu a formação da associação Fraternidade?

Este trabalho busca analisar as contribuições da Geografia das existências. De acordo com Cátia Antônia (2014), "busca possibilidades de método de pensar, que reconheça a dialética da dominação e da resistência e insurgência como um processo que só pode ser compreendido como totalidade". Sendo esta uma metodologia do pensar os caminhos traçados para fazer a pesquisa, partindo de que o fazer científico não possui neutralidade, pois pensamos, falamos, partimos de um lugar e isso está implicado no ser pesquisador e na pesquisa científica.

Para Cátia Antônia (2014) o geógrafo tem como arma o pensar a pesquisa e a ciência e a forma como é produzida, para que se quebrem os velhos moldes científicos, para serem potencializadas outras várias formas do fazer científico. Como afirma Cruz (2017) acerca da necessidade da renovação do fazer científico a partir de novas metodologias, pois um descolonizar necessita do rompimento de fazer ciência nos velhos moldes coloniais.

Assim, buscamos com este trabalho evidenciar as práticas contra- hegemônicas na tentativa de contribuição com a geografia descolonial, acerca do estudo do lugar que por muito tempo foi desconsiderado pela ciência, despertando quem sabe futuramente os geógrafos em formação a qual este trabalho pode alcançar.

De forma que a construção do trabalho está fundamentada nos Epistemes do Sul, confluindo com o que Boaventura de Sousa Santos e Maria Meneses (2010, p. 54) demonstram.

Como ecologia dos saberes, o pensamento pós- abissal tem como premissa a ideia da diversidade epistemológica do mundo, o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico. Isto implica renunciar a qualquer epistemologia geral. Em todo o mundo, não só existem diversas formas de conhecimento da matéria, sociedade, vida e espírito, como também muitos e diversos conceitos sobre o que conta como conhecimento e os critérios que podem ser usados para validá-lo. (SANTOS; MENESES, 2010, p.54).

De maneira que o trabalho viabiliza as diversas formas de compreensão dos indivíduos sociais, a valorização dos conhecimentos, saberes, cosmo percepções de vida e de mundo, ou seja, como estes sentem e subentendem suas vivências e experiências no lugar a partir do mundo, partindo de uma episteme que não inviabilize a compreensão do saber como não científico, portanto que as valorize.

Alberto Acosta (2016, p. 90) apresenta possibilidade de construções epistêmicas “O Bem Viver emerge como parte de um processo que permitiu empreender e fortalecer a luta por reivindicação dos povos e nacionalidades, em sintonia com as ações de resistência e construção de amplos segmentos de populações marginalizados e periféricos.” (ACOSTA, 2016, p.90).

Para a construção de novas epistemologias Porto-Gonçalves (2017) contribui “As diferenças só se manifestam na relação, no contato, daí o seu caráter contingente geográfico e social. São epistemologias que emergem no contato de epistemes distintas” (PORTO-GONÇALVES, 2017, p. 49). A construção a partir de novas perspectivas, de valorização da diversidade e identidade.

De maneira que “A ecologia de saberes baseia-se na ideia de que o conhecimento é interconhecimento” (SOUSA SANTOS, 2010, p, 53). Consistindo na pluriversidade dos conhecimentos, a ecologia dos saberes propõe a não monopolização do conhecimento, partindo dos conhecimentos diversos e as possibilidades de produção e visibilização do conhecimento.

Para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa, foi necessário alcançar as seguintes etapas metodológicas: imersão no lugar de estudo antes mesmo de encontrarmos enquanto pesquisadoras, vivências semanais na feira, trocas de experiências, estabelecimento e aprofundamento de relações com os produtores, revisão bibliográfica em diversos tipos de trabalhos como livros, dissertações, teses, artigos científicos, análise de documentos da associação como atas de reuniões, regimento interno, registros de compras e vendas, fotografias, realização de trabalhos de campo para observação, anotações de campo, diálogos, conversações, fotografias, aplicação de questionários, realização de entrevistas, tabulação dos dados, transcrição das entrevistas. Desse modo, a escrita da redação se dará com base na interpretação dos dados primários obtidos.

A revisão de bibliográfica ocorreu no primeiro momento exploratório acerca da definição do tema na disciplina de Metodologia da Pesquisa em Geografia no semestre 2019.1, na qual consultamos autores em livros, teses, artigos, que abordam sobre a temática

como Wanderley (2009), Gliessman (2000), Abramovay (1992), Duarte (2009), Carmo (2001), Brasil (2003), Caporal e Costabeber (2002), Ayoade (2006), Vasconcelos (2014), Shiva (2003), Santos (2012), Bialokorski Neto (1994), Porto Gonçalves (2013) que auxiliaram na apreensão dos principais conceitos que norteiam esta pesquisa.

Posteriormente iniciamos a segunda etapa que se consolidou na pesquisa documental, através de análise de documentos como atas de reuniões, registros, cadernos de campo, croquis, regimento da Associação Fraternidade.

Para a realização desta pesquisa foram necessários vários trabalhos de campo, de início o trabalho de campo foi feito para a observação que se constituiu como a participante. Luiz Venturi (2006, p. 76) contribui para a discussão do campo e pesquisa participante “Os antropólogos, por sua vez, ao trabalharem com pesquisa participante, consideram o campo como um método que comporta um conjunto de técnicas utilizadas de acordo com objetivos específicos.” Na qual a observação é uma das técnicas adotadas, em que o pesquisador participante tenha liberdade de interagir com os pesquisados estabelecendo relações de distância e proximidade concomitante.

Neste momento, se colocando em situação de pesquisa foram realizadas observações com um roteiro prévio nos dias de sábado, que é o dia específico que ocorre a feira agroecológica no município. Serpa (2006) adverte sobre a importância do trabalho de campo na produção da ciência geográfica, atrelado às questões e objetivos traçados previamente, para que o trabalho de campo possa ser desvelado pelo pesquisador.

Após a realização da observação direcionamos a pesquisa para as seguintes etapas com pesquisa de campo na qual foram reunidos os pesquisados em uma unidade produtiva pertencente a um membro da associação para a apresentação do projeto de pesquisa, na qual estavam presentes 16 representantes de cada unidade produtiva, os associados presentes aceitaram participar da pesquisa, neste mesmo momento foi realizadas a aplicação de questionários sociocultural e econômico.

O critério de seleção do grupo da pesquisa foi a demonstração em gráficos, a partir da representação de um produtor de cada unidade produtiva, sendo de escolha dos produtores sobre quem seria o familiar escolhido para responder o questionário.

A aplicação de questionários o qual constituiu o levantamento de dados primários, após esta aplicação foi realizado um agrupamento de todos os questionários respondidos e posteriormente a tabulação dos dados com a elaboração de gráficos que evidenciam as informações do grupo vivenciado.

Em outro momento foram realizados trabalhos de campo na feira realizada nos dias de sábado onde são montadas as barracas da feira específica agroecologia no município, localizada na Rua da União, no bairro centro de São Gabriel. Neste trabalho de campo foram realizadas aplicações de questionários com os consumidores com perguntas de múltipla escolha no objetivo de realizar uma avaliação da importância da feira e seus produtos na visão dos consumidores, após esta etapa foi realizada a tabulação dos dados primários coletados e elaborado gráficos interativos que serão apresentados no capítulo 3 deste trabalho.

E para finalizar os trabalhos de campo realizados nesta pesquisa foram realizadas entrevistas abertas, na qual as entrevistas são aquelas em que se permite maior liberdade ao pesquisado para emitir suas respostas expressando ou não suas opiniões, com os produtores que ocuparam os respectivos cargos de coordenadores e presidente da associação concordando integralmente com a gravação, pois os objetivos foram explicados claramente assim como foram garantidos o sigilo quanto a suas identidades, que posteriormente foram transcritas as falas, que foram utilizadas como subsídio para entendimento de questões elencadas no objetivo da pesquisa.

Este trabalho está dividido em três capítulos, a introdução e as considerações finais. Na introdução realizamos a apresentação geral acerca da temática do trabalho, a justificativa do segmento da pesquisa, as questões orientadoras, a metodologia dos caminhos da pesquisa, assim como os objetivos geral e específicos, que se baseiam na pesquisa.

No primeiro capítulo intitulado como “Introdução”, apresentamos as propostas da pesquisa, os objetivos geral e específicos, as questões norteadoras, justificativas, assim como os percursos da construção da pesquisa, partindo dos principais autores que se baseiam no percurso metodológico e epistemológico deste trabalho.

No segundo capítulo intitulado “Trilhando os caminhos da agroecologia em São Gabriel”, caracterizar o lugar que é São Gabriel, evidenciamos a transição dos modelos produtivos, como os produtores a realizarem, a seguir da formação da associação Fraternidade, e por último nos debruçamos sobre a implantação da feira agroecológica no município.

No terceiro capítulo intitulado Evidenciando os produtores e as práticas, apresentamos no primeiro subcapítulo Agroecologia no lugar, no qual nos debruçamos em apresentar muitas das principais características de como os agricultores produzem agroecologia e todos os processos e como ocorrem, seguindo com as características gerais dos agricultores, no qual

apresentamos sobre os dados socioculturais dos mesmos, e então nos propomos a refletir sobre o potencial sustentável dos agricultores em suas práticas agroecológicas.

No quarto capítulo intitulado Expectativas agroecológicas, no primeiro subcapítulo Aspirações dos agricultores evidenciamos as metas dos produtores, com as possibilidades para as melhorias das práticas individuais, já no seguinte subcapítulo Do sonhar ao realizar abordamos as aspirações dos produtores para a agroecologia no município, para outros agricultores, e a importância dos sonhos coletivos na agroecologia e no fortalecimento da ancestralidade e modo de vida, com as considerações finais com as últimas reflexões da pesquisa, seguida das referências e apêndices e anexo.

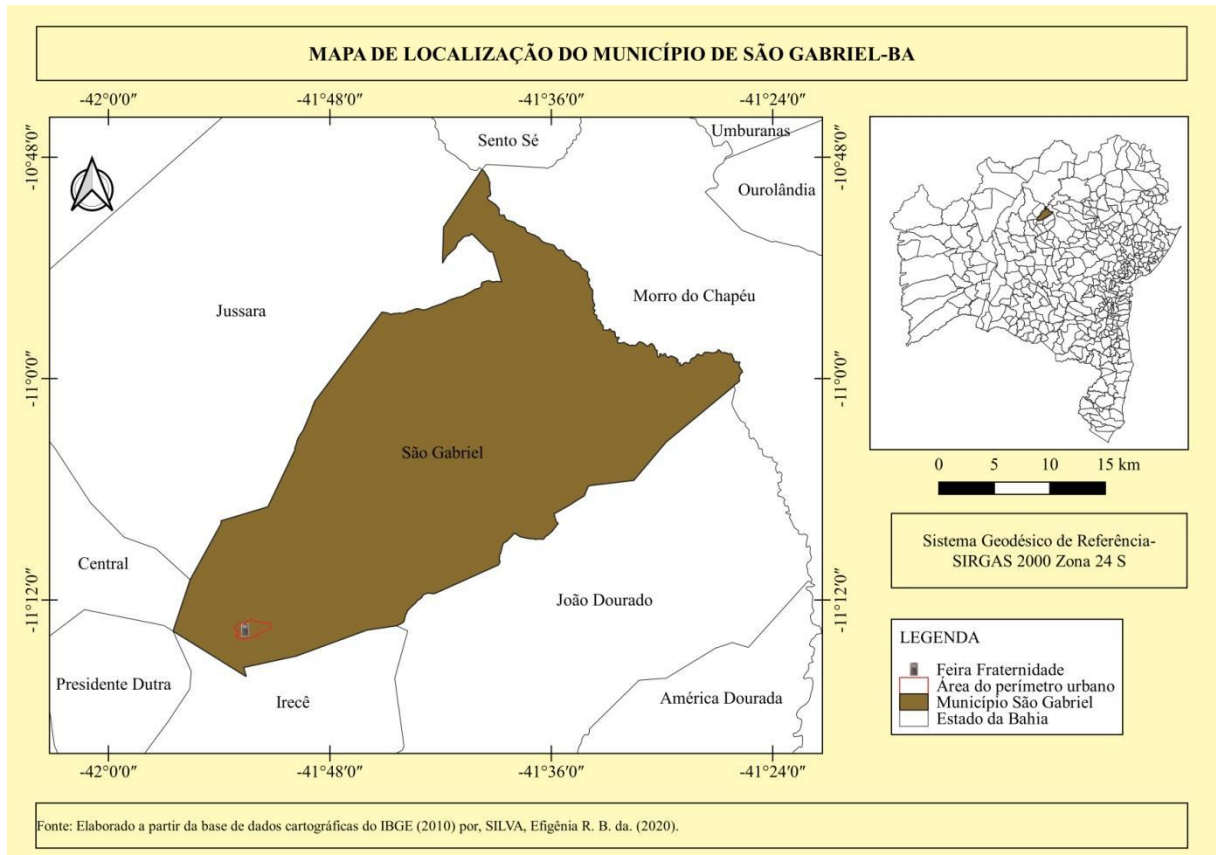
2. Trilhando os caminhos da agroecologia em São Gabriel

Neste capítulo apresentamos o município revelando seus principais aspectos, caracterizamos o processo de transição agroecológica no município, bem como a formação da associação Fraternidade e os processos da implantação da feira agroecológica no município.

2.1 Revelando São Gabriel

O município de São Gabriel está localizado a 482 quilômetros da capital baiana, e a 10 quilômetros do município de Irecê, principal cidade do Território de Identidade, que já foi muito conhecida como capital do feijão, território muito próspero que possui destaque até hoje na produção agrícola. São Gabriel é muito conhecido como município de artistas, cidade da cultura, sua fama na região e fora dela corre sobre o talento nato dos filhos de sua terra para a arte, dentre os mais variados aspectos, como cordelistas, músicos, artesãos.

Nesta terra de artista temos como nosso maior patrimônio uma festa cultural muito conhecida, a chamada cantoria de São Gabriel, festa que reúne artistas locais para as mais variadas apresentações em praças públicas do município, ocorre anualmente possuindo seu destaque por promover e valorizar a cultura do lugar e de seu povo. Neste como em vários outros momentos o município conta com os apreciadores da cultura popular, que provém de vários lugares do país, vindo até mesmo de seus municípios vizinhos que são eles, Irecê, João Dourado, Jussara, Morro do Chapéu e Presidente Dutra, como podemos visualizar no mapa abaixo.



O município em sua paisagem nos revela em seu contraste seu bioma de caatinga, contando com chuvas escassas apesar do seu solo fértil, com maior predominância de cambissolo, sua vegetação distorcida nos revela a adaptação ao clima.

Devido a suas condições temporais do município, esse já visualizou os filhos de sua terra irem embora, muitos desses sendo os agricultores, o êxodo rural se conformou na busca de melhorias nas condições de vida, no entanto muitos ainda aqui permanecem, sendo a população, de acordo com o IBGE (2010), de aproximadamente 18.419 habitantes, dentre os quais 10.486 residentes em zona urbana e 7.933 na zona rural.

O município se formou a partir da povoação às margens da vereda de água do Baixão de São Gabriel, através da criação de fazendas, formação de famílias, foi surgindo agregando pessoas até formar a denominação de povoado de Fazenda de São Rafael, até o momento de emancipação política do ano de 1985, o local se constituía como povoado do município de Irecê.

2.2 Transição dos modelos produtivos

Com a organização individual e coletiva, os agricultores realizaram o processo de transição dos modelos produtivos. Esses agricultores no passado realizavam o modelo produtivo de sequeiro, atualmente vivenciam e realizam a agroecologia. De acordo com a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica a transição consiste em:

[...] processo gradual de mudança de práticas e de manejo de agroecossistemas, tradicionais ou convencionais, por meio da transformação das bases produtivas e sociais do uso da terra e dos recursos naturais, que levem a sistemas de agricultura que incorporem princípios e tecnologias de base ecológica (BRASIL, 2012).

Esse processo consiste na modificação dos modelos de produção na qual o produtor substituirá suas técnicas a partir de então com o manejo adequado, com base no respeito e na confiança estabelecida com a natureza.

Para os produtores agroecológicos de São Gabriel a transição iniciou em tempos divergentes, para alguns desses agricultores a transição já havia ocorrido antes mesmo do ano de 2015, no entanto para outros se iniciou no processo de saída da agricultura de sequeiro para adentrar na agricultura irrigada por poços, nos anos seguintes, uma grande dificuldade retratada por todos os agricultores era a dificuldade no plantio dependente de água da chuva.

A agroecologia é mais que um modelo produtivo é uma ciência singular que consiste em várias técnicas de plantio em harmonia com a natureza, ao mesmo tempo em que consiste em um modo de vida, que ganhou evidência nos últimos anos devido aos problemas ocasionados pela propagação do pacote da revolução verde.

De acordo com Zamberlam; Fronchet (2001) a revolução Verde foi um período do pós-guerra na qual se assolava a fome como problema mundial, em meio a embates geopolíticos ascendeu a preocupação sobre como solucionar tal problema, neste momento através de pesquisas, foram realizados diversos avanços tecnológicos em melhoramento genéticos.

Empenhados em melhorar a agricultura de maneira que otimizam o tempo, para que resolvessem tal dilema, o que conhecemos como pacote da revolução verde consiste nos mais variados produtos que foram adicionados e melhorados, contribuindo para a modernização agrícola capitalista dissipada pelo mundo desde a década de 1970, impulsionada até os dias atuais.

Para Willian Menezes (2014, p.8) a modernização agrícola ocorreu de maneira fragmentada e desigual sobre os mais diversos pontos do planeta, visto entre a dimensão dos países subdesenvolvidos e os impactos nos seus territórios, não ocorrendo diferente no Brasil

já que o Norte e Nordeste foram menos impactados em primeiro momento, ficando concentrados nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do país. É importante destacar que assim como as práticas, também ficaram concentradas nestas regiões as políticas públicas subsidiadas pelo estado.

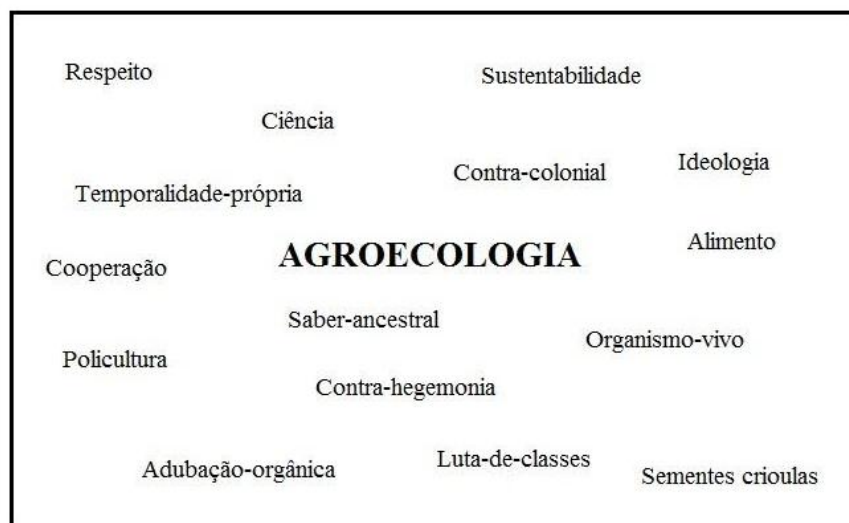
A Revolução Verde e todas as suas implicações nos sistemas agrários, ocasionou o que Shiva (2003, p.81) caracteriza como “erosão da diversidade”, já que as variedades de culturas foram substituídas pelo plantio de culturas específicas, não sendo mais utilizados os bancos de sementes do produtor de sua safra anterior, e sim sementes melhoradas adquiridas a altos preços.

Em contrapartida a essa lógica de agricultura temos a agroecologia, a qual não introduz elementos químicos, tão prejudiciais à saúde do ser humano e dos demais seres vivos, como a água, solo, ar, tão essenciais nesse conjunto que formamos o meio ambiente.

É um sistema de produção que evita, ou exclui amplamente o uso de fertilizantes, pesticida, reguladores de crescimento e aditivos para alimentação animal; utiliza leguminosa, adubação verde, lixo orgânico de fora da fazenda, cultivo mecânico, rochas ricas em minerais e modos de controlar insetos, ervas daninhas e outras pragas (ZAMBERLAM; FRONCHERTI, 2001, p. 88).

Vemos que há um conjunto de técnicas no princípio da agroecologia, sendo necessário o seguimento desses moldes, não sendo considerada produção agroecológica aquela que não respeita os ideais e suas concepções.

Quadro 1- Características da Agroecologia.



Fonte: Elaborado por SILVA, Efigênia R. B. (2020).

Estes agricultores não se identificam com a prática do plantio convencional e agricultura de sequeiro o qual introduz insumos químicos na lavoura, pois mesmo antes da

transição, muitos afirmam não fazerem uso de tais produtos, assim acreditamos ter sido menos complexa a transição, visto que o solo de cultivo não se encontrava contaminado.

Acreditamos que o pontapé para a produção agroecológica tenha sido o curso de capacitação, no qual aprenderam a importância da agroecologia e ressignificam vários saberes, assim como enriqueceram seus conhecimentos através de trocas de experiências e novos conhecimentos transmitidos pela agrônomo capacitado da (BAHIATER).

Ao longo do percurso agroecológico os produtores tiveram oportunidades de exposição, de trocas e sistematizações das experiências locais e fora delas, alguns que tiveram disponibilidade se deslocaram no início do processo para o município de Ilhéus para participarem de um curso de manejo e conservação do solo. Deste curso só participaram 4 produtores, no entanto tiveram como missão transmitir os conhecimentos adquiridos na oportunidade para os demais.

Assim como Caporal e Costabeber (2004) conceituam:

Na agroecologia, é central o conceito de transição agroecológica, entendida como processo gradual e multilinear de mudança, que ocorre através do tempo, nas formas de manejo dos agroecossistemas, que, na agricultura, tem como meta a passagem de um modelo agroquímico de produção (que pode ser mais ou menos intensivo no uso de inputs industriais) a estilos de agriculturas que incorporem princípios e tecnologias de base ecológica (CAPORAL; COSTABEBER, 2004, p. 01).

A agroecologia é caracterizada por um conjunto de práticas e ações que reforça o respeito ao tempo e a sincronia da natureza na produção. Duarte (2009) conceitua:

(...) para a produção de agroecossistemas sustentáveis, a agroecologia, como ciência e prática, utiliza princípios da agricultura tradicional camponesa e conhecimentos e métodos ecológicos modernos. A agroecologia entra, neste sentido, para fortalecer o desenvolvimento rural, fundamentando-se na perspectiva de “transformação da sociedade” para mudar as relações de produção no campo.

Outra perspectiva sobre a transição que vale ressaltar é a de Molina (2011a, p.11):

A transição agroecológica se dá em quatro níveis. Ao nível da lavoura, uma das preocupações fundamentais é com o material genético adaptado ao ecossistema local. No segundo nível, que considera a unidade produtiva, os sistemas sustentáveis são trabalhados em policultivos e rotação de culturas. A organização dos agroecossistemas está no terceiro nível de transição, em que a especialização e o monocultivo são substituídos por arranjos territoriais diversificados. O quarto nível diz respeito à sociedade e ao sistema agroalimentar, que está baseado no mercado global, mediante a integração especializada.

Evidenciamos o cumprimento de todas as etapas pelos produtores, no qual ocorreu a preocupação de que modo se daria sua produção em um novo formato e expandiram as

possibilidades, inclusive na diversificação do plantio de vários cultivos, dentre eles, fruticultura como mamão, coco, manga, assim como a produção de hortaliças, legumes e verduras com extensas variedades.

A transição ocorreu em vários segmentos, a partir de mudança nas práticas, deixando o solo descansar, limitando a terra, não mais cultivando toda sua área, pois é necessário o pousio da terra, entre outra prática foram a tentativa de não cultivar sementes convencionais compradas em comércios locais, e então buscarem sementes crioulas, essa foi e ainda é uma dificuldade das práticas, pois a troca e o acúmulo de algumas culturas é facilitado e outras mais dificultado.

Outro processo da transição foi acabar com as queimadas, era de comum de alguns deles realizarem a queimadas de limpeza da roça após o fim de safra, essa foi uma prática finalizada, outra etapa foi o consórcio de culturas, de maneira que iniciaram semeando vários cultivos e uma mesma área, sempre realizando a rotação de culturas em culturas temporárias.

Dentro da agricultura cada cultura possui uma singularidade, requer um cuidado, possui uma necessidade especial em relação às demais, assim foi necessário o despertar para a sensibilização para a singularidade ao mesmo tempo com a diversidade, lidando com o respeito ao tempo e espaço que cada planta demanda.

Dentro desse processo da diversidade, foram despertando através da sensibilização coletiva e individual por meio de discussões em grupo e trocas de experiências, sobre a necessidade de utilizarem mecanismos de defesas contra insetos e pragas do plantio, assim iniciaram a se utilizar de elementos que possam ser encontrados em sua própria unidade, como o sanjueiro, babosa, fumo, angico, mamona, alho, algodão de seda, urina da vaca, todos estes são utilizados no controle de insetos, como defensivos naturais.

A transição se deu processualmente no despertar, sensibilizando na retomada de práticas ancestrais que durante um tempo foram deixadas de lado, ou utilizadas de maneira inconsciente por esses agricultores.

Diante dessa dependência estabelecida no plantio de sequeiro vemos as interferências e possibilidades que podem ocasionar as condições temporais. Como cita Ayoade (2006, p. 124):

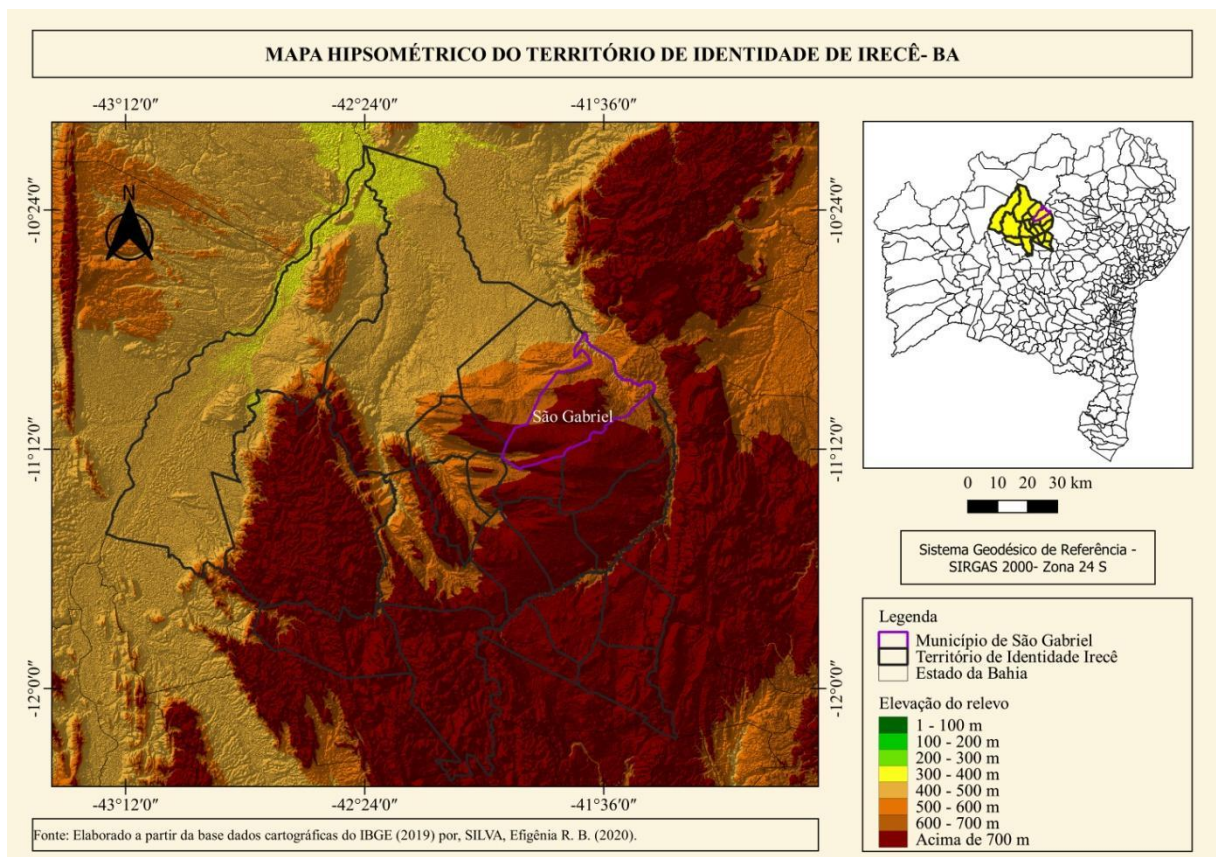
[...] apesar dos recentes avanços tecnológicos e científicos, o clima mesmo não sendo a única, ainda é uma variável muito importante para a produção agrícola, afetando a adequação dos suprimentos alimentícios através dos imprevistos climáticos para as lavouras e do controle exercido pelo clima sobre o tipo de agricultura praticável, ou viável, numa determinada região.

Nesse sentido as condições climáticas podem interferir diretamente nas possibilidades de atividades das pessoas de um local, assim como foi o caso desse grupo que está localizado em uma faixa de clima semiárido o qual possui, altas taxas de evapotranspiração e ações pluviométricas irregulares ao longo das estações do ano.

Ainda que a produção de sequeiro tenha sido utilizada por muitos agricultores, o plantio irrigado é muito característico da região, assim como do novo modelo produtivo agroecológico. Como cita Karmann (2000, p.125) “Unidades rochosas ou de sedimentos, porosas e permeáveis, que armazenam e transmitem volumes significativos de água subterrânea passível de ser explorada pela sociedade são chamados de aquíferos (do latim “carregar água”)”.

O acesso à água é facilitado através do artesianismo que consiste na perfuração de poços jorrante e tubulares, bastante recorrentes devido a área do Território de Identidade Irecê. Como podemos visualizar no mapa abaixo:

Mapa 3- Mapa Hipsométrico do Território de Identidade de Irecê-BA



Como podemos visualizar no mapa a hipsometria corresponde a representação em escala de cores de acordo com a elevação do relevo, assim inferimos sobre a altitude a qual

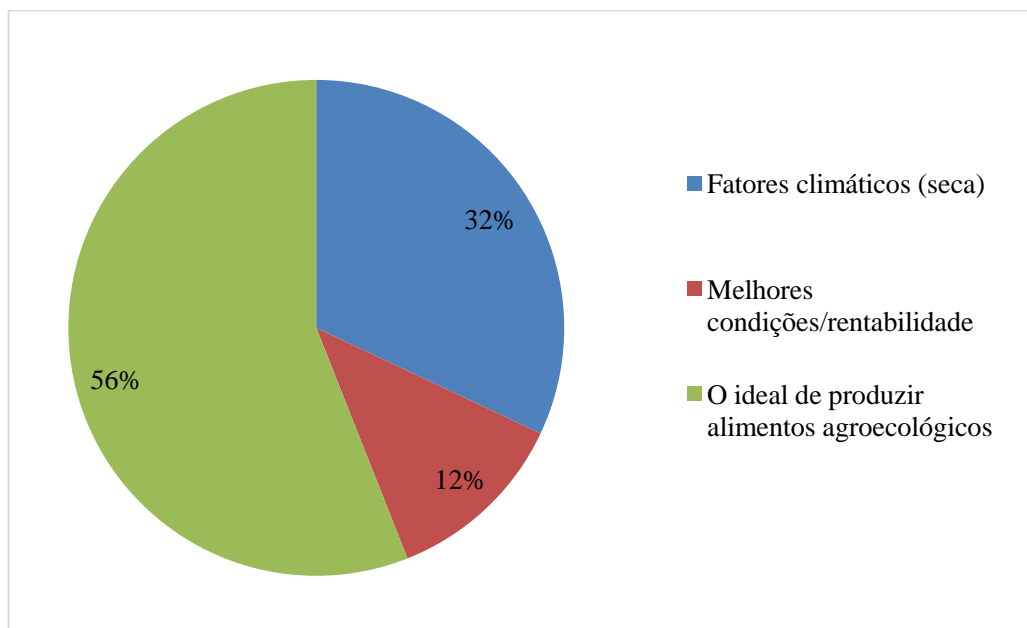
está representada no território de Identidade de Irecê, com destaque para o município de São Gabriel.

A localização geográfica do município, assim como do território potencializa a prática da agricultura, com novos mecanismos, por isso o destaque na plantação de monocultura irrigada como cebola, tomate, cenoura e beterraba. Pois em um passado não tão distante, mais precisamente na década de 1990 o município de Irecê vizinho de São Gabriel conquistou o título, o qual ainda hoje é muito conhecido, como a capital do feijão, por ocupar o posto de maior produtor de feijão do país.

Imerso em todos os processos do capital, de produção em larga escala e introdução de adubos químicos, sementes geneticamente modificadas, que compõem o pacote da Revolução Verde propagado no pós-guerra, alguns agricultores buscam romper as condições do capital e realizar a transição, assim nos atentamos as motivações desses produtores.

A fim de responder a pergunta Qual o principal fator para a transição em 2015 realizada da agricultura convencional para a agroecológica? A pesquisa atendeu a demandas levantadas ao seguimento da pesquisa, uma delas fora a realização de um trabalho de campo na feira, no dia de sábado, na qual os produtores responderam a questionários semiestruturados com perguntas de múltipla escolha, a qual o levantamento das respostas traremos a seguir:

Gráfico 1- Qual o principal fator para a transição em 2015 da agricultura convencional à agroecológica.



Fonte: Dados da pesquisa, (2019).

A partir da leitura do gráfico percebemos que 32% apontaram como resposta fatores climáticos (seca), para a questão levantada de qual seria o principal fator para a transição em 2015 da agricultura convencional à agroecológica? sabemos que o município se encontra no polígono das secas que vem ao longo dos anos passando por mudanças climáticas, com cada vez mais escassas precipitações como se denominam os anos de estiagem, no entanto a relação da seca não se coloca como uma barreira, apesar de afetar as atividades, não as condiciona em uma visão determinista.

O município possui uma vereda de água de um riacho chamado de Baixão de São Gabriel, que nos últimos anos se mantém seco. O mesmo nem nos seus momentos de cheia abasteceu a população. A população atualmente da área urbana é abastecida das águas do Velho Chico, que só foi possível graças a obra de transposição do Rio São Francisco iniciada no governo do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva.

Em algumas localidades da zona rural também ocorre esse abastecimento, no entanto onde não ocorre, as famílias são atendidas por programas sociais de construção ou distribuição de uma ferramenta tecnológica de alta eficiência que são as cisternas, algumas são construídas de cimento, outras são fabricadas em outros materiais como o plástico. A cisterna é responsável pelo acúmulo de água da chuva para serem utilizadas para o consumo humano e sedentação animal. A cisterna não possibilita plantio pois sua dimensão é limitada.

Apesar da porcentagem apontar os fatores climáticos, esta não foi a alternativa que se sobressaiu nas respostas já que 56% responderam a alternativa “o ideal de produzir alimentos agroecológicos”, isso denota a perspectiva dos produtores em um novo modelo produtivo e não apenas uma alternativa de sustentabilidade apenas, mais de um novo modo de vida que engloba esse processo da transição.

A justificativa para o plantio agroecológico parte da premissa de uma preocupação de cunho ambiental, que de acordo com “andar da carruagem”⁴ as futuras gerações estão comprometidas, de acordo com as várias modificações que vêm ocorrendo no nosso planeta. Como já citado anteriormente o território de Irecê, possui relevância no plantio convencional, junto com esse plantio acelerado vem as consequências de contas muito altas a serem pagas, como adoecimentos, causando até mesmo mortes, uma grande curiosidade sempre debatida entre a população são os altos índices de ocorrência de câncer na região.

⁴ Expressão popular de significado de pelo jeito que é possível observar.

Os 12% corresponde a alternativa de melhores condições/ rentabilidade, mesmo quando afirmam os produtores que a dinâmica dos vários cultivos consorciados possuem maior rentabilidade assim como maior diversidade, potencializando positivamente a base alimentar fruto do seu trabalho.

É possível afirmar as especificidades existentes em cada segmento, que são diferenciados entre si em vários aspectos. Apontamos no quadro abaixo.

Quadro 2-As principais características da Agricultura convencional e Agricultura Agroecológica.

Agricultura convencional	Agricultura agroecológica
Valorização da ciência, especialistas, introdução de modernização tecnológica.	Valorização do conhecimento pessoal, habilidades e troca de saberes científicos e tradicionais.
Enaltecimento da concorrência, falta de cooperação e engrandecimento do interesse próprio.	Participação da comunidade, valorização do trabalho em equipe, no qual há grande cooperação entre os sujeitos.
A agricultura é uma empresa, onde a relevância consiste na quantidade, lucro e maior velocidade.	A agricultura é um modo de vida, consiste como primordial o respeito ao tempo e ao meio ambiente, assim como a qualidade de vida.
Dominação da natureza, os seres humanos são separados e superiores à natureza. A natureza consiste principalmente de recursos a serem extraídos e utilizados.	Harmonia com a natureza, os seres humanos fazem parte e são sujeitos a natureza. A natureza é valorizada por si mesma.
Plantio de monoculturas, com introdução de insumos agrícolas, sementes melhoradas, transgenia, do pacote Revolução Verde.	Plantio diverso, com utilização de nutrientes do solo e matéria orgânica, sementes crioulas, produção através de rotação de culturas.
Utilização de maquinário pesado, com longas jornadas de trabalho, através da subordinação de empregado e patrão.	Utilização de maquinário simples, manual, o agricultor é livre para as demandas e as jornadas de trabalhos diários e descanso próprio de sua família.

Fonte: Adaptado de BEUS e DUNLAP, 1990.

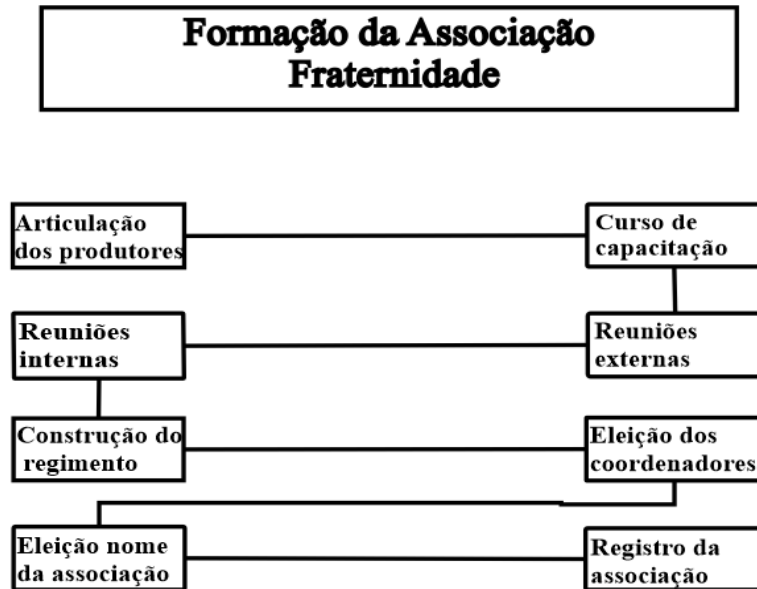
2.3 Histórico da Associação Fraternidade

A partir dessa transição ocorrida dos modelos produtivos, o modelo agroecológico potencializou a formação de uma associação intitulada Fraternidade e em seguida a implantação da primeira feira agroecológica no município de São Gabriel, Bahia.

A associação se constituiu no ano de 2016, composta por agricultores que haviam realizado o processo de transição de modelos produtivos e os que estavam dispostos a realizar. O principal intuito de organização coletiva, fora dado pontapé inicial de registrar a associação

e através desta buscarem recursos, cursos, assistências técnicas que pudessem potencializar as práticas de todos os componentes do grupo. Abaixo temos um organograma no qual consistem as etapas da formação da associação.

Figura 1-Organograma da Formação da Associação Fraternidade



Fonte: Associação Fraternidade. Elaborado por Silva, Efigênia. R. B. (2020).

A associação se deu a partir das etapas acima, no qual aqui buscaremos explicar os processos, o primeiro foi articulação dos agricultores, no qual eles foram conversando entre si, articulando aqueles que tinham como objetivo participar da organização, em seguida participou de um curso de capacitação que nos atentaremos posteriormente, na próxima etapa realizaram reuniões externas com o grupo Raízes do Sertão, que consiste em um grupo de articulação agroecológica do Território de Identidade de Irecê do qual o município faz parte, esta reunião foi fundamental para os encaminhamentos que deveriam ser realizados por o grupo.

Após esta reunião externa, ocorreram várias reuniões internas, na qual organizaram a documentação necessária, construíram o regimento interno da associação, elegeram a coordenação do grupo, e em uma destas reuniões decidiram o nome da associação, o nome foi estabelecido através de votação dos membros a partir das sugestões dos membros, neste referido dia o grupo elegeu o nome Fraternidade para compor o nome da associação, este mesmo nome sugerido pela companheira Lívia Rocha.

A produtora Lívia Rocha se desvinculou do grupo há algum tempo para se dedicar a outros projetos, trazemos a sua visão sobre a escolha do nome.

A questão do nome fraternidade é um conjunto de pessoas que confraternizam os saberes e os próprios alimentos, o significado pra mim é tudo, é eu ser fraterno com você com o próximo e com o grupo principalmente, onde há um grupo que tiver individualismo não há fraternidade, pois o individual não é fraternal, e isso se encaixa diretamente com o grupo. Na minha visão pessoal o nome fraternidade não fui eu quem escolheu, ou sugeri, nem foi o grupo que aceitou sabe, acho que a própria espiritualidade já tinha determinado isso, eu simplesmente fui um canal para indicar, por que às vezes a gente indica uma coisa mais é Deus que tá botando a gente pra falar aquilo, não é um coisa que você criou de sua mente não, eu tenho certeza que eu estava aberta naquele momento em sintonia com todo mundo, com o grupo e aquela ideia surgiu, pra mim isso é significativo, eu interpreto como uma canalização daquilo do que é fraterno mesmo, da comunhão em nós que já estava posto por a ancestralidade (ROCHA, Livia 2020).

A produtora nos revela em sua fala sobre a importância da espiritualidade, sendo esta inferência crucial pois este é o nome ideal para titular esse grupo, acreditando que nenhum outro nome representaria tão bem o grupo como este.

Como última etapa deste processo se deu o registro da associação com anexo dos documentos de comprovação de seus membros e do regimento devidamente assinado e reconhecido em cartório.

De acordo com Maria Fernandes; Eriberto Moraes (2014, p.31):

As experiências com o associativismo têm sentido bons resultados para os agricultores familiares, principalmente porque os interesses coletivos são tidos como prioridade. Organizadores em associações, os pequenos agricultores possuem mais chances de terem suas reivindicações atendidas pelos governos. Isso porque os associados não falam por si mesmo e sim por toda a associação (FERNANDES; MORAES, 2014, p. 31).

O grupo através do associativismo possui pontos característicos abordados pelos autores, já que a associação é uma forma idealização e prática de junções individuais para a coletividade, partindo da união a possibilidade de organização, como requerimento de projetos comuns do coletivo, que possam atender a demanda do grupo, beneficiando a todos os componentes direta ou indiretamente.

Dentre a organização do grupo há uma cláusula que deve ser seguido entre todos os membros, dentro dos representantes o grupo conta com dois coordenadores que são eleitos em assembleia geral composta por todos os participantes com mandato de 1 ano, “cabe aos coordenadores realizarem assembleias, cumprir e fazer valer as decisões da assembleia, assim como representar o grupo”.(REGIMENTO INTERNO FRATERNIDADE, 2016, p. 2).

Já aos demais associados compete participar de todas as discussões, organizações, fiscalização, zelar pela boa convivência com os companheiros, participar das

articulações do grupo, não comercializar produtos de origem duvidosa. Estará sujeito a ser afastado do grupo o associado que desrespeitar o regimento ou os companheiros, ou o produtor feirante que não participar de 03 feiras sem justificativas prévias (REGIMENTO INTERNO FRATERNIDADE, 2016, p.1).

A associação Fraternidade não possui um prédio de funcionamento, sua organização se dá por meio de reuniões mensais ou quinzenais de acordo com as demandas do grupo, nas unidades produtivas dos respectivos produtores que são caracterizados como unidades produtivas.

Dentro dessas parcerias há um estreitamento dos laços ao longo das necessidades individuais dos componentes, desde o nome do grupo “Fraternidade” traz o princípio da colaboração entre si, assim como a organização. Podemos compreender a partir da fala do produtor Reinilson (2020).

Bom o nome Fraternidade foi escolhido através de votação, a partir das sugestões do grupo, foi sugerido por uma companheira que saiu do grupo, por mim foi escolhido sem pensar no significado forte, mais deu muito certo, por que nois somos fraternos antes mesmo de achar [...] é a questão da ajuda sabe? quando se precisa. (MACHADO, Reinilson, 2020).

Destacamos a iniciativa dos membros na realização de um mutirão que ocorreu no fim do ano de 2018, a organização se deu com a finalidade de ajudar na plantação e manejo na unidade produtiva de uma associada, que devido a problemas de contaminação da sua área cultivada, foi necessário interditar e reiniciar todo o processo na área mais afastada de sua propriedade, a contaminação se deu através do vento das aves ao carregar as sementes de outras áreas próximas que possuem outra dinâmica de plantio, com introdução de elementos químicos, essa contaminação fugiu do controle da produtora, que não teve como deter, no entanto a área foi isolada assim que percebido e tudo que ali estava cultivado foi perdido devido este ocorrido.

Com a mudança a produtora necessitava reiniciar o processo, foi então que esse mutirão compostos pelos associados se reuniram na unidade da companheira junto a própria e realizaram o processo de manejo da terra, neste momento os companheiros realizaram a doação de sementes e mudas crioulas de diversas culturas, sendo que no referido dia do mutirão semearam a área a qual reservaram para plantio com as principais culturas demandadas.

Fotografia 1- Produtores reunidos no dia do mutirão na unidade produtiva de Dona Dina.



Fonte: Arquivo pessoal do produtor Marcio Santos, 2018.

Como vemos na fotografia do referido dia, os agricultores reunidos possuem um espírito fraterno, no qual é valorizado o compartilhamento de conhecimentos, de habilidades, e ajuda entre os produtores assim percebemos a consideração do coletivo e a devida superação do individualismo, tão importante para os ideais agroecológicos. Um dos marcos da associação são as parcerias, devido estas os produtores possuem certificação de produtos agroecológicos, desde o ano de sua constituição 2016.

A certificação se deu a partir de reuniões internas do grupo, na busca por assistência técnica junto a Superintendência Baiana de Assistência Técnica e Extensão Rural-BAHIATER, em reuniões externas na busca por parcerias com núcleos já certificados, a partir da organização a busca pela certificação se fez com êxito, apesar dos requerimentos burocráticos de documentos da propriedade, mesmo assim essa não foi uma dificuldade enfrentada pelos coordenadores e todo o grupo, pois na constituição do grupo já havia sido exigida a regularidade em documentações como é o caso, da declaração de terra Imposto sobre a Propriedade Territorial Rural (ITR).

Para o grupo a certificação se dá por unidade produtiva, sendo os produtos certificados, através da realização de visitas, sendo realizada uma visita a cada mês em alguma propriedade para inspeção das atividades em conformidade, essas visitas são realizadas por todos os componentes da associação e do núcleo Raízes do Sertão da Rede de Agroecologia Povos da Mata, do qual são membros.

A certificação é garantida por a Lei nº10.831, de 23 de dezembro de 2003, sancionada por o então presidente Luís Inácio Lula da Silva:

XVI-Sistemas Participativos de Garantia da Qualidade Orgânica:conjunto de atividades desenvolvidas em determinada estrutura organizativa, visando assegurar a garantia de que um produto, processo ou serviço atende a regulamentos ou normas específicas e que foi submetido a uma avaliação da conformidade de forma participativa; (BRASIL, 2003, s.p).

Vale destacar que na certificação dos produtos possui o selo SISORG como o da figura abaixo:

Figura 2- Selo SISORG



Fonte: BRASIL,2003.

Esse processo de avaliação em conformidade é realizado com todos os associados com propósito de confiança e assegurabilidade do processo produtivo dos produtos, dentro das proposições da agroecologia.

A organização da associação se dá por meio de reuniões e visitas. As reuniões ocorrem mensalmente, ou de acordo com as demandas dos assuntos em comum. Já as visitas ocorrem de duas maneiras, as visitas de pares, que ocorrem nas unidades produtivas de todos os associados duas vezes ao ano, ou seja, de seis em seis meses, nesta visita interna os associados discutem as demandas e analisam as práticas da referida unidade em conjunto.

É importante destacar que nessas visitas não há resistências, já que não é uma escolha do agricultor ser visitado ou não, é uma exigência quanto a ser integrante do grupo. Participando de visitas nas unidades produtiva de Soraia, compreendemos como se dá o processo que possui um roteiro bem simples, todos atentamente circulam pela unidade em conjunto, surgem dúvidas que são sanadas imediatamente, percorrem toda a área, e então ao finalizarem o percurso se organizam e preenchem a caderneta de campo, que traz questões a serem respondidas por os visitantes e os visitados, de maneira que são abertas a sugestões, e críticas de melhoramento das práticas.

A outra visitação que acontece é o olhar externo, esta é constituída por o mesmo roteiro, no entanto seu diferencial é que os visitantes não são apenas os agricultores da associação, são também agricultores que compõem o grupo de certificação a qual eles pertencem.

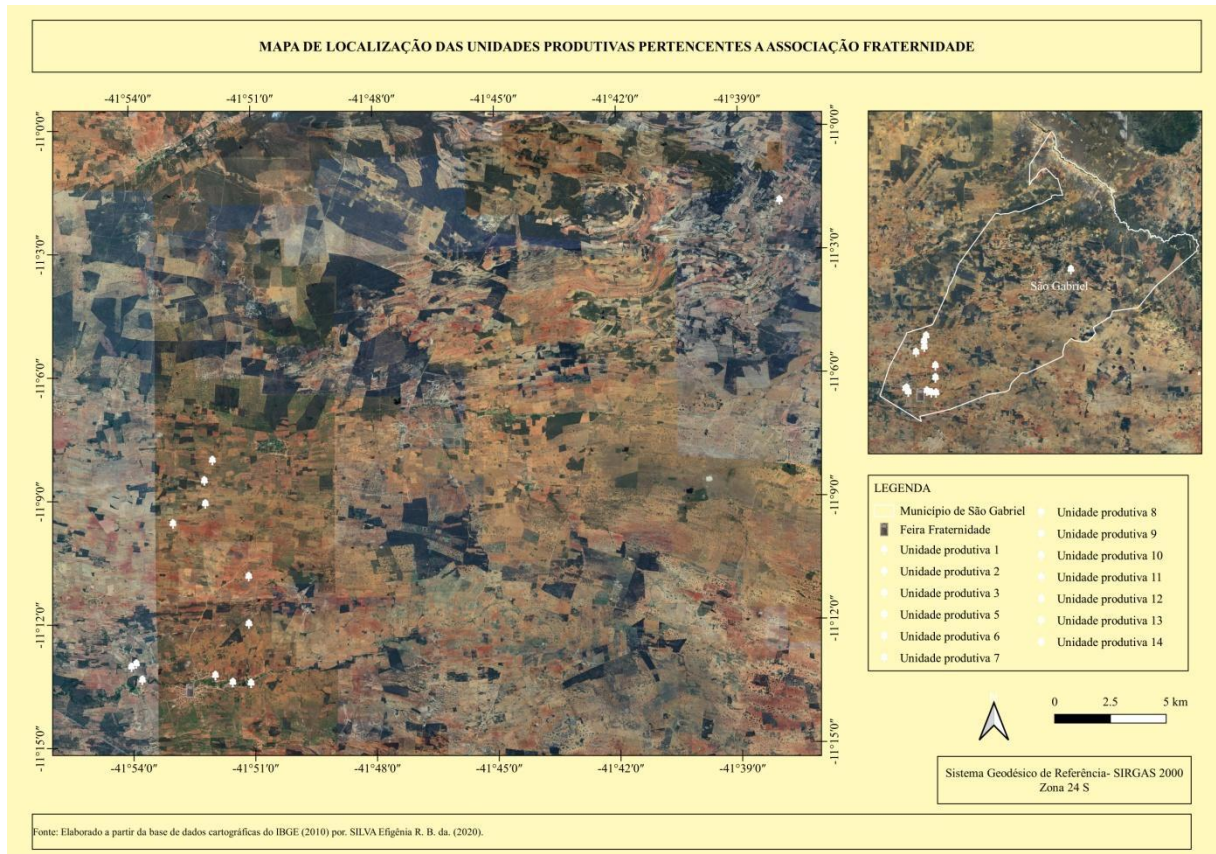
2.4 A constituição da feira agroecológica de São Gabriel

A partir da formação dessa associação, as produtoras e os produtores se organizaram para mais uma etapa: a implantação da primeira e única feira agroecológica no município de São Gabriel, Bahia, essa feira foi idealizada pelos produtores e é realizada aos sábados pela manhã até os dias atuais, com regularidade semanal.

A associação possui atualmente 16 unidades produtivas associadas, porém nem todas realizam a prática da venda na feira, na composição da feira estão apenas 9 barracas, isso por que 7 dos produtores associados escolhem não realizar o escoamento na feira, realizam nos mais diversos pontos de venda conjunta da associação, e em suas propriedades, assim como realizam o fornecimento de produtos em falta dos demais produtores feirantes.

Abaixo temos um mapa com a localização das unidades produtivas, no entanto não contamos todas as unidades, por dificuldade no acesso para coleta de coordenadas. É importante perceber que a localização da feira está em destaque na cor amarela, isso vale por percebermos a distância implicada no trajeto dos produtores no deslocamento realizado pelos mesmos.

Mapa 4- Mapa de localização das unidades produtivas pertencentes a associação Fraternidade

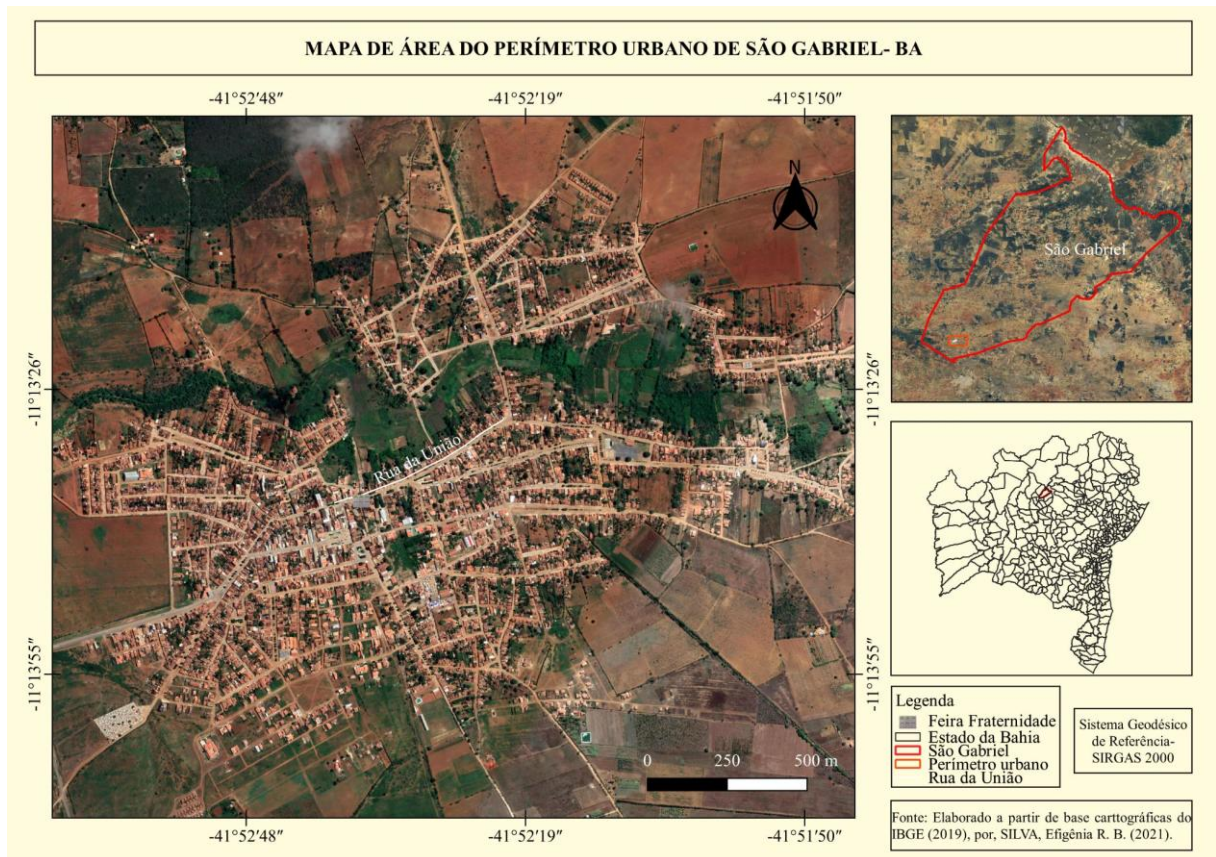


Sendo assim podemos afirmar que há dois tipos de organização entre os componentes desse grupo, o que chamaremos de produtores-feirantes que são aqueles que realizam sua produção e realizam o escoamento principalmente na feira aos dias de sábado e produtores-não-feirantes que são os que produzem seus alimentos agroecológicos e realizam o escoamento de sua produção em sua propriedade ou por encomendas.

Há também um produtor-não-feirante que realiza o escoamento de sua produção e outros produtos agroecológicos em um ponto comercial, que fica localizado na Praça Largo da Pátria, centro de São Gabriel, a forma diferencial de comercialização se dá por conta do mesmo não possuir produtos que atendam a demanda semanal, apesar de não possuir aspirações de comercialização na feira. Dentre sua oferta de produtos há diversos produtos agroecológicos em outras formas, como frutas dissecadas, torradas, grãos, entre outros, estes produtos são adquiridos através do fornecimento em rede.

A feira está localizada na Rua da União, Centro, próximo à igreja católica de São Gabriel, Bahia. É notável destacar que a feira agroecológica foi articulada para o escoamento de suas produções, em dia diferente do que ocorre na feira tradicional no município que é realizada regularmente aos domingos. Como podemos visualizar no mapa abaixo:

Mapa 5- Mapa de área do perímetro urbano de São Gabriel-BA



Na compreensão de Araújo (2012, p. 52) “A feira é o local em que as sociabilidades se manifestam em todas as suas dimensões, sendo na rua que elas se expressam com maior intensidade”. Assim a feira é o lugar de possibilidades, das várias vivências possíveis, de trocas simbólicas e materiais.

Sendo importante refletirmos sobre a ótica da amplitude de sua prática. Somando com a compreensão da autora.

Tais espaços vão além de simples pontos de compra e venda de mercadorias. São lugares privilegiados, em que se desenvolve uma série de sociabilidades. Ao, muitas vezes, pontos de encontro tradicionais de amigos ou de simples conhecidos, loci escolhidos para aos mais variados atos da vida social e mantém, assim, um sentido de permanência e de identidade (ARAÚJO, 2012, p. 51).

Dentre os aspectos ressaltados pela autora como permanência e identidade, destacamos a relação estabelecida do cliente na frequência de comprar os mesmos produtos em uma mesma banca, isso está atrelado também a permanência na fidelidade entre cliente e feirante.

Segundo Ramalho (2010) é de extrema importância uma feira própria para produtos, pois ela propicia que os sujeitos compartilhem experiências únicas que dão significância ao espaço de socialização, relações de pertencimento com o local e com os demais que os vivenciam.

A partir das experiências adquiridas ao longo dos campos vivenciados, é notável a ligação e satisfação dos agricultores feirantes, em um momento no qual ocorria a feira, me atentei a uma situação em que a produtora feirante comentava sobre a amizade que havia estabelecido com suas clientes de maneira que todas as exigências, ela as atendia, pois ela acreditava que agradar ao cliente fazia o diferencial na confiança em seus produtos.

É interessante nos atentarmos que em várias ocasiões vimos isso ocorrer, que o cliente ao chegar à feira e não encontrar o produto em uma barraca ele percorre todas as outras em busca, não encontrando ele realiza a encomenda para ser entregue ao longo da próxima semana, é importante destacar que posterior ao dia de feira agroecológica que ocorre no dia de sábado, há a feira convencional do município no domingo, mesmo assim o cliente escolhe receber o produto alguns dias depois do que realizar a compra de outros produtos que não sejam os agroecológicos.

Fotografia 2- Feira agroecológica Fraternidade



Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

Visualizamos nas fotografias acima a feira ocorrendo, a feira ocorre dos dois lados da rua, estando as barracas distribuídas entre os lados opostos da rua, é possível visualizar os clientes conversando em frente a barraca, alguns se preparando para partir, a feira ocorre das 05:00 da manhã às 10:00, durante esse período possui vários fluxos de clientela diferenciados em demais horários, todas as 4 fotografias foram capturados nos momentos iniciais por volta das 06:00, a escolha do horário se justifica pela visibilidade das barracas possível neste horário, já que com o correr do horário, o aumento do fluxo, os clientes estacionam os automóveis o mais próximo das barracas possível.

Conforme Carvalho citado por Gomes et al (2008) a feira agroecológica é um espaço singular à medida que possibilita o estabelecimento de relações entre o agricultor e o consumidor que gera a confiança na qualidade dos produtos assim como garante o melhor negociação de preços com a valorização dos produtos, sendo uma relação fragmentada quando possui a figura do atravessador, sendo estes as principais características para a necessidade de uma feira agroecológica.

De acordo com a Superintendência Baiana de Assistência Técnica e Extensão Rural – BAHIATER (2017), no ano de 2017 a Bahia contava com o número de 116 Feiras agroecológicas em todo o estado da Bahia, é fundamental destacar a relevância de uma feira especificamente agroecológica nos municípios, uma vez que cativa a clientela para os alimentos sustentáveis, assim como da significância e valorização para o produtor escoar sua produção, uma vez que a venda direta ao consumidor estabelece um maior vínculo de confiabilidade entre os mesmos.

Para Finatto e Corrêa (2010), a ação da feira agroecológica possibilita uma ligação dos agricultores com a produção de maneira que ele se sente realizado e motivado em proporcionar aos seus clientes um produto de qualidade para seu consumidor.

Essa ligação possibilitada nesse novo modelo produtivo não era estabelecida antes da realização da transição, já que no modelo anterior os produtores realizavam o escoamento da sua produção por atravessadores, que são comerciantes de armazéns de produtos agrícolas que negociam através da compra e venda desses produtos de mercado em sacas.

Sendo neste modelo o valor estabelecido pelo valor de mercado evidenciando o processo de lei da oferta e da procura, onde muitas vezes o produtor apesar de sua produção ser expressiva não conseguia manter uma sustentabilidade econômica já que não havia um poder de negociação diante da venda da produção.

Explicitamos o processo produtivo realizado por estes agricultores iniciando com a preparação da terra que após o pousio está descansada, depois realizam o plantio, no qual semeiam as culturas temporárias, realizam a irrigação na parte da tarde que é o horário de evapotranspiração menor do dia, realizam a capinação que é a retirada de alguns de plantas crescentes, aplicam os defensivos naturais que os mesmos produziram, e então deixam descansar.

Ao fim do descanso realizam iniciam a colheita com todo cuidado, então realizam a separação para depois iniciar o processo de lavagem. E então realizam a produção dos derivados, do avoador, brevidade e vários outros já citados e então se organizam para o deslocamento das suas unidades até o município, chegando lá realizam a montagem das barracas e comercializam os produtos. Findando o processo produtivo os produtores após realizarem a comercialização voltam as suas unidades separam as sementes e a matéria orgânica para a produção de um novo ciclo.

Figura 3- Mandala da cadeia produtiva.



Fonte: Associação Fraternidade. (2020). Elaborada por Silva, Efigênia. R. B. (2020).

Acima podemos visualizar o ciclo produtivo realizado pelos produtores, evidenciando todas as etapas do processo produtivo. A partir da nova forma de escoamento da produção com a feira, foi eliminada a figura do atravessador, já que a partir de então os produtores vendem seus produtos na feira ou realizam entregas diretamente residencial dos clientes.

O atravessador é um comerciante que realiza o processo de compra diretamente aos agricultores, sempre desvalorizando o produto para obter lucratividade, o papel do atravessador é de comprar a um preço desvalorizado e revender a um preço de mercado, geralmente é vendido a grandes comércios em rede. O atravessador geralmente possui maior rendimento, pois concentra a maior rentabilidade do produto, já que ele não tem trabalho de produção.

Anteriormente a comercialização dos produtores ocorria a partir da finalização da colheita e a venda nos comércios do município com os atravessadores que compravam

desvaloriza o produto e comprava a um valor menor, sendo este valor regulado de acordo com a lei da oferta e da procura citado anteriormente, como os agricultores dependem da sua produção para subsistência raramente podiam esperar essa pequena valorização quando não fosse época de safra.

Atualmente realizam a comercialização das mais variadas formas possíveis, sempre valorizando o seu trabalho, a qualidade e o devido valor agregado ao produto, de acordo com sua produção, é importante destacar que essa valorização se dá na autoestima do produtor, que se eleva a maneira que se sente valorizado em tudo que o faz, coisa que para os mesmos é algo novo, pois mesmos eles já ouviram e relatam e mesmo nós as seguintes frases “estude pra ser gente, para não acabar na roça”. Ou até mesmo “estudou tanto para acabar vivendo de roça”. A agroecologia tem esse potencial de valorização do agricultor como pessoa e todos os seus aspectos que o envolve enquanto ser, não apenas suas práticas e sua produção.

Para refletirmos sobre a condição do homem da roça, é oportuno as explicitações de Maria Dalva Macêdo (2011).

Mas, o que significa ser da roça? A elucidação desta questão depende da análise das representações que, em tempos e lugares diferentes, forjaram esses sujeitos. Portanto, ‘o ser da roça’ é, antes de mais nada, uma construção histórica. O sentido que lhe é conferido está sempre em consonância com o tempo e com o espaço. O ser da roça, através do olhar externo, pode ser representado: de forma romantizada, como um ser puro, ingênuo e dócil; como o tabaréu, ignorante, analfabeto e incivilizado; como “um cabra macho”, valente, que ‘não leva desaforo pra casa’; como o roceiro, pobre, sujo, vítima da fome e, por isso, incapaz de aprender; como o messiânico, ruidoso das procissões e caravanas para fontes de milagres; etc. De acordo com a representação escolhida, ele pode ser discriminado a partir de estereótipos e/ou vitimado através de discursos que o estigmatiza como ‘pobre coitado’ (MACÊDO, 2011, p.83).

Podemos inferir sobre a discriminação do homem da roça, como retrata autora sobre duas formas de olhares sobre o ser como uma condição, isso evidente a negatividade da pessoa na e da roça, como se o mesmo fosse um ser esquecido pela humanidade e graças do mundo, essa sendo a incompreensão da identidade do outro com a roça, com o modo de vida e o lugar, desbravando outros conhecimentos e lugares ou até mesmo não.

A colonialidade se manifesta na forma do homem visualizar as formas de ser do outro com estranheza, a partir da visão insensível e discriminatória das escolhas do outro, a partir do momento que enxergam como regresso, como atraso no tempo, fracasso, estagnação, falta de ambição, ao retornar a roça, ou mesmo, ao decidir não evadir do seu lugar.

Já que como caracteriza Cruz (2017), “uma representação/narrativa que celebra a cosmovisão da modernidade/colonialidade, instituindo um imaginário em que se atribui, a

priori, uma positividade ao novo, ao moderno, e uma negatividade ao velho, ao passado, ao tradicional”. A partir do autor podemos compreender a correlação da aceitação da modernidade naturalizada, de maneira que existe uma lógica de que todos devam evoluir com o novo para que não seja encarado como atrasado. (CRUZ, 2017, p. 21).

De acordo Ramalho (2010) a capacidade do comerciante é potencializada a partir da eliminação do atravessador, tanto quanto em confiabilidade como em valorização comercial dos seus produtos, visto que na feira eles podem estabelecer preços que julgarem adequados aos seus produtos e estabelecerem negociação diretamente com o cliente.

Fotografia 3- Produtores e amigos/clientes/consumidores.



Fonte: Arquivo pessoal de Silva. A. Edinalva, 2020.

Esta imagem retrata a socialização que ocorre no momento de comercialização, que ocorre a gama de combinações entre os indivíduos que são amigos, clientes e consumidores ao mesmo tempo. Assim a feira pode se destacar como ponto de encontro que possibilita vivências e experiências aos mesmos.

Percebemos essas relações através das conversas noticiadas sobre acontecimentos da cidade, políticos, como mortes, nascimentos e demais acontecimentos como chuva, estiagem e tantos outros. Há também conversações pessoais entre si.

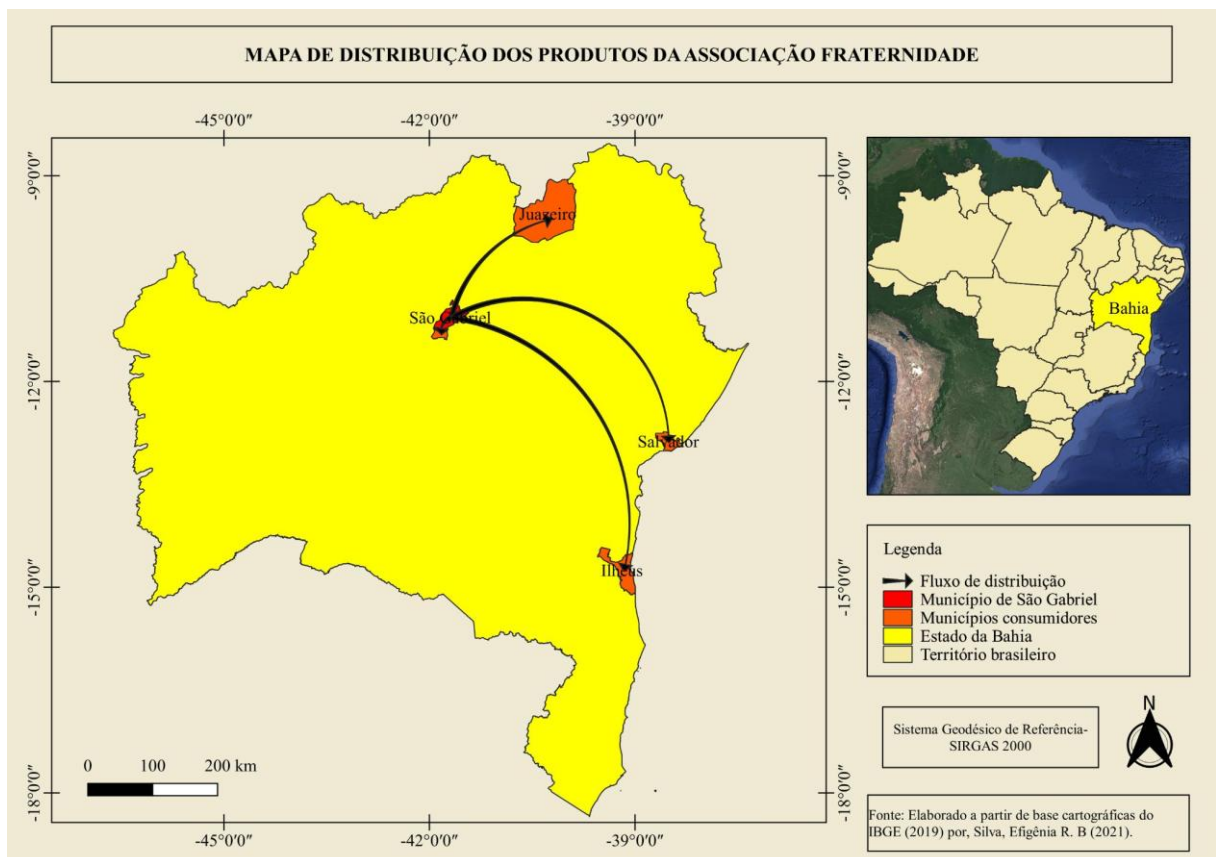
A feira está localizada próxima a igreja católica aqui relatou um momento de sociabilidade, vejamos quando o sino da igreja soa três badaladas, este se constitui em um

momento de inquietação entre eles, na reflexão sobre quem pode ter sido o protagonista de morte, assim buscam na memória quem são os que estão enfermos pela cidade, então se constitui um momento singular de busca de informações.

Sabemos o privilégio que se tem o conhecimento enquanto poder, este mesmo se faz, quando um cliente trava a busca através de conversações junto aos produtores para deter o conhecimento do ocorrido, sobre quem? Quando? Onde e Por que morrerás? E o mesmo quando alguém chega ao local detendo essa informação.

Além da venda direta ao consumidor na feira, os produtores realizam a comercialização dos seus produtos através de redes agroecológicas da qual fazem parte, como a Rede Povos da Mata e compradores de outros municípios como podemos verificar no mapa abaixo, a rede de distribuição dos alimentos realizada a associação não se limita a comercializar os seus produtos apenas na feira e em suas propriedades, pois o escoamento se dá também fora do município.

Mapa 6- Mapa de distribuição dos produtos da associação Fraternidade



O processo de comercialização se dá na última etapa do ciclo produtivo realizado pelos produtores, até o reinício do ciclo. Essa comercialização através da organização social

entre os pares se dá cada dia mais articulada, atualmente os produtores realizam o fornecimento de seus produtos para uma rede de supermercados Grão localizados no município de Salvador, há um grande ponto positivo na valorização realizada por esta ação, pois os produtos mesmo sendo vendidos em quantidades consideráveis não são desvalorizados, sendo comercializados no valor de mercado.

A comercialização também se dá de outra forma, feitas em redes dos núcleos através do entreposto, que consistem em pontos de apoio para recebimento dos produtos de vários grupos, que compõem as redes agroecológicas do grupo Raízes do Sertão formado por as associações dos municípios do Território de Identidade nos municípios vizinhos, a participação deste grupo está condicionada a certificação de produção agroecológica.

O grupo Fraternidade iniciou o processo de criação de entreposto localizado no bairro da Quixabeira de São Gabriel, esse consiste no ponto de apoio destinado apenas aos produtos do grupo, a organização se dá da seguinte maneira, os produtores se articulam através do grupo de contato do WhatsApp⁵ as disponibilidades de produtos e quantidades, então os coordenadores realizam o contato com a rede para realizar o levantamento da demanda de produtos, então após o levantamento os coordenadores do grupo realizam a divisão e quantidade para que nenhum dos produtores fiquem com sua demanda excedente, a divisão é realizada de acordo com as demandas, sendo o mais justa possível.

Definido isto então os produtores realizam a entrega no entreposto da associação Fraternidade e escolhem um dos integrantes para realizarem a entrega do grupo no entreposto regional que fica localizado no mercadão em Irecê, esta responsabilidade de entrega de um entreposto ao outro é revezado entre os componentes, já que demanda disponibilidade para a realização do deslocamento.

Na organização da comercialização do grupo Raízes do Sertão, todos os componentes contribuem com uma pequena taxa para manter o ponto de entrega, que subsidia a manutenção do local como pagamento de contas como água, luz e até mesmo o aluguel. Destacamos que toda essa comercialização é realizada de maneira articulada e organizada, os produtos possuem notas fiscais compra e venda que são disponibilizados no ato da entrega.

Dentro desta organização comercial se faz necessário explicitarmos a conceituação de interações espaciais de Roberto Lobato Corrêa (1997).

⁵ O WhatsApp é uma alternativa ao sistema de SMS que possibilita o envio e recebimento de diversos arquivos de mídia: textos, fotos, vídeos, documentos e localização, além de chamadas de voz. Fonte: Disponível em: <https://www.whatsapp.com/about/?lang=pt_br>. Acesso: 22 de abr de 2021.

As interações espaciais constituem um amplo e complexo conjunto de deslocamento de pessoas, mercadorias, capital e informação sobre o espaço geográfico. Podem apresentar maior ou menor intensidade, variar segundo a frequência de ocorrência e, conforme a distância e direção, caracterizar-se por diversos propósitos e se realizar através de diversos meios e velocidades. (CORRÊA, 1997. p. 279).

De acordo com o autor podemos compreender as interações espaciais que ocorrem nesta organização, nas distâncias do trajeto percorrido pelas mercadorias, a partir das dinâmicas eficientes em que ocorrem, de tempo de fluxo rápido, devido às mercadorias se tratar de alimentos perecíveis, que requerem velocidade como fator essencial atrelado a qualidade.

Dentro dessas organizações se dão as interações, nas articulações dos produtores, nas demandas dos produtos, nos contratos comerciais de compra e venda, nas demandas de entrega desde o deslocamento da produção aos entrepostos, aos caminhos percorridos em cada direção rumo a um destino.

3. Evidenciando os produtores e as práticas agroecológicas

Neste capítulo evidenciamos as práticas da agroecologia, da forma como ocorre no lugar que é São Gabriel, apresentando as singularidades da vivência dos produtores, assim como as experiências que os constituem enquanto pessoas políticas em seu modo de vida.

3.1 Agroecologia no Lugar

A agroecologia em seus princípios surge em contraposição às ideologias advindas da globalização, da colonialidade, que nos impõe as monoculturas e apropriação privada da natureza. Assim, buscamos analisar a agroecologia a partir do lugar.

Assim corrobora Santos (2012, p.113) “A cada momento, cada lugar recebe determinados vetores e deixa de acolher muitos outros. É assim que se forma e se mantém sua individualidade”. Diante disso compreendemos que o lugar não está impedido de influências externas, do mesmo jeito que possui autonomia para projetar suas próprias escolhas.

De modo que a agroecologia não se produz desligado da globalização, uma vez que a soberania alimentar, segundo Carvalho e Stédile (2011) consistem no direito de produção de alimentos, os autores conceitua desta forma, afirmando que já há muito conhecimento disseminado sobre as formas de produção. Com base nisso inferimos que é um marco da

globalização, a dissipação das informações e o conhecimento sobre as diversas técnicas possíveis nos vários lugares nos diversos pontos do planeta.

Mesmo pensarmos em uma “globalização que chega aos lugares, fragmentada, hierarquizada, descontínua e desigual” (SANTOS, 2012, p.183). Podemos concluir como a agroecologia e algumas técnicas alcançaram o lugar que é São Gabriel, por estes agricultores que hoje praticam a soberania alimentar e contribuem com a segurança alimentar de tantos outros.

Segundo Serpa (2017):

O lugar é sempre processual e articula diferentes espaços de conceituação. Essa articulação de recortes/escalas geográficas (do local ao global) será tanto mais ampla como mais complexa conforme a capacidade de articulação dos grupos envolvidos, assim como sua acessibilidade ao meio técnico disponível em cada lugar concreto (SERPA, 2017, p. 591).

A partir do autor refletimos sobre a interação do lugar e do mundo, estando eles interagindo, de maneira que não possamos analisar um separado do outro, negando suas influências entre si. De modo que o mundo perpassa o lugar, que o reage ao mundo segundo sua lógica. Então nos atentamos que a agroecologia no lugar se enquadra como “a organização que gera a solidariedade”, já que os mesmos se articulam na auto cooperação entre si (SANTOS, 2012, p.338).

Doreen Massey (2014, p.2) colabora para entendermos o conceito de lugar “Um lugar não é uma coisa fechada, com uma identidade essencial, é uma articulação específica de relações globais, e é esta articulação de relações mais amplas que apresenta a sua particularidade”. Desta forma compreendemos que o lugar se produz através da interação com o mundo, de maneira que no lugar ocorre o mundo e no mundo ocorre o lugar.

É neste enfoque que podemos compreender como a agroecologia no lugar é capaz de romper com as imposições do capital, e esse rompimento se dá também no associativismo como citado anteriormente, em que é valorizado o sujeito, a solidariedade e não a competição, como lhe é sugerido pelo capitalismo.

Consequente é necessário pensarmos como a agroecologia no lugar contribui para a tentativa de rompimento da colonialidade, cuja idealização consiste em atrasada, arcaica, improdutiva, passível de ser desenvolvida, com uma visão de modernidade no plantio de exportação (CRUZ, 2017, p.22).

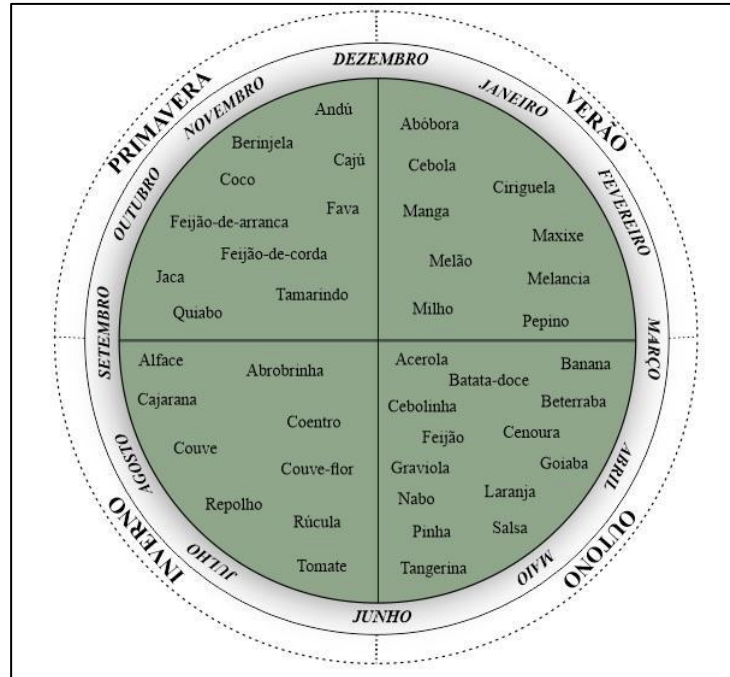
É importante refletir sobre a diversidade das práticas, das relações, dos indivíduos mesmo que unidos de alguma forma, perpassando entre semelhanças e diferenças. Como aponta Relph (2012).

A distinção entre *lugar* e *lugares* é fundamental. Geografia como estudo de lugares se refere à descrição e comparação de diferentes partes específicas do mundo; geografia como estudo de lugar baseia-se (e ao mesmo tempo transcende), naquelas observações particulares para esclarecer as maneiras como os seres humanos se relacionam com o mundo (RELPH, 2012, p.22).

Assim a agroecologia no lugar ocorre, se utilizando de rotação de culturas, na qual produzem diversos alimentos, como legumes, hortaliças, frutas e derivados. A produção de frutas em sua maioria se dá de diversos tipos de fruticulturas que são espalhadas por suas propriedades, parte dessas árvores frutíferas consistem em frutas temporãs, que são aquelas que dão fora do período esperado de safra. Esse fenômeno das frutas temporãs consiste em uma boa alternativa para abastecimento desses agricultores. Dentre as variedades de frutas temporãs que são encontradas nas propriedades temos a manga, tangerina e caju.

Um dos principais princípios da agroecologia é o respeito ao tempo, como já citado anteriormente. Como aponta Porto Gonçalves “O mundo não tem um relógio único” (PORTO-GONÇALVES, 2017, p.39). Sendo imprescindível levar em consideração as requerências temporais da vida, seja animal ou vegetal, sendo assim construímos com base nos conhecimentos dos agricultores, as temporalidades das culturas de acordo com suas experiências no plantio, como veremos na mandala abaixo.

Figura 3- Mandala temporal



Fonte: Fraternidade, 2020.

Na figura temos a exemplificação de algumas culturas produzidas pelos produtores e suas temporalidades sazonais, no calendário anual, já que cada planta requer condições específicas para seu desenvolvimento, grande parte desses conhecimentos são observados ao longo do tempo por seus familiares mais velhos, e alguns foram adquiridos em suas experiências, desta forma os mesmos realizam a classificação das árvores frutíferas temporãs.

Segundo Costa Neto (2008), citado por Portillo (2012). A etnotaxonomia tem foco na perspectiva cognitiva, de como os organismos vivos são percebidos, identificados, denominados e classificados (COSTA-NETO, 2008). De maneira que exemplificaremos as variedades de plantio agroecológico no quadro a seguir, na busca da demonstração da diversidade que compõem o cultivo desses alimentos.

Quadro 3- Enotaxonomia de variadas culturas.

Variedades			
Frutas		Legumes, verduras	
Nome popular	Nome científico	Nome popular	Nome científico
Acerola	<i>Malpighia glabra</i>	Abóbora	<i>Cucurbita moschata Duch</i>
Banana-caturra	<i>Musa acuminata Cavendish Subgroup</i>	Alface	<i>Lactuca sativa L</i>
Banana-da-prata	<i>Musa sapientum</i>	Alho poró	<i>Allium ampeloprasum L.</i>
Banana-café	<i>Musa sapientum</i>	Andú	<i>Cajanus Cajan</i>
Banana-maçã	<i>Musa acuminata</i>	Batata doce	<i>Ipomoea batatas L</i>
Cajarana	<i>Cabralea cangerama</i>	Berinjela	<i>Solanum melongena L.</i>
Caju	<i>Anarcadium occidentale</i>	Beterraba	<i>Beta vulgaris L</i>

Cana	<i>Saccharum officinarum</i>	Cebola-branca	<i>Allium cepa L.</i>
Ciriguela	<i>Spondias purpurea</i>	Cebola-roxa	<i>Allium cepa L.</i>
Coco	<i>Cocos nucifera</i>	Cebolinha	<i>Allium schoenoprasum L.</i>
Goiaba	<i>Psidium guajava</i> (Myrtaceae)	Cenoura	<i>Daucus carota L.</i>
Graviola	<i>Anona muricata</i>	Coentro	<i>Coriandrum sativum L.</i>
Jaca	<i>Artocarpus heterophylla</i>	Couve	<i>Brassica oleracea L. var acephala D.C.</i>
Laranja	<i>Citrus sinensis L. Osbeck.</i>	Feijão de corda	<i>Não encontrado</i>
Limão	<i>Citrus limon L. Burmann f</i>	Mandioca	<i>Manihot esculenta</i>
Mamão	<i>Carica sp</i>	Maxixe	<i>Cucumis anguria L.</i>
Manga-espada	<i>Mangifera indica L</i>	Palma	<i>Nopalea cochenillifera</i>
Manga-mamão	<i>Não encontrado</i>	Pepino	<i>Cucumis sativus L.</i>
Manga-rosa	<i>Não encontrado</i>	Pimenta	<i>Capsicum frutescens L</i>
Melancia	<i>Citrullus lanatus (Thunb)</i> <i>Matsum. & Nakai</i>	Quiabo	<i>Abelmoschus esculentus (L.) Moench</i>
Melão	<i>Cucumis melo L. var inodorus Naud.</i>	Rúcula	<i>Eruca sativa L.</i>
Tamarindo	<i>Tamarindus indica</i>	Salsa	<i>Petroselinum crispum (Mill.) Nym.</i>
Tangerina	<i>Citrus reticulata Blanco</i>	Tomate	<i>Lycopersicon esculentum Mill.</i>
Pinha	<i>Duguetia furfuracea</i>		
Umbú	<i>Spondias Tuberosa</i>		

Fonte: Embrapa, 2010; Ministério da Saúde, 2002. Elaborada por SILVA E. R. B. (2020).

Dentro da prática agroecológica realizada há também a presença de plantas medicinais, que são utilizadas das mais variadas formas, como chás, insumos e conserva em elixir em garrafas, as mesmas são utilizadas em formas preventivas e curativas, muitas são recolhidas nas roças, possuem especificidades, algumas são utilizadas a raiz, outros o caule, outros as folhas e também o fruto, a depender da finalidade. Algumas plantas são comercializadas pelos agricultores sobre encomenda como as principais exemplificadas no quadro abaixo.

Quadro 4- Etnotaxonomia de plantas medicinais

Variedades			
Nome popular	Nome científico	Nome popular	Nome científico
Alecrim	<i>Salvia rosmarinus.</i>	Folha de goiaba	<i>Psidium guajava</i>
Alfavaca	<i>Hiptis mttabilis</i>	Folha de ciriguela	<i>Spondias purpurea</i>
Arruda	<i>Ruta graveolens</i>	Hortelã	<i>Mentha villaosa</i>
Babosa	<i>Aloe vera</i>	Hortelãzinho	<i>Mentha pulegium</i>
Boldo	<i>Vemonia conndensata</i>	Manjericão	<i>Ocimum minimum</i>
Catinga de porco	<i>Caesalpinia</i>	Mastruz	<i>Chenipodium sp.</i>

	<i>pyramidalis Tul</i>		
Cabeça de frade	<i>Melocactus bahiensis</i>	Orégano	<i>Origanum vulgare L.</i>
Capim santo	<i>Cymbopogon citratus</i>	Picão	<i>Bidens pilosa</i>
Erva doce	<i>Pimpinella anisum L.</i>	Quebra pedra	<i>Phyllanthus niruri,</i>
Erva cidreira	<i>Melissa officinalis</i>	Umburana	<i>Amburana cearensis</i>
Folha de cana caiana	<i>Saccharum officinarum L.</i>	Vick	<i>Mentha arvensis</i>

Fonte: EMBRAPA, (1995); EMBRAPA, (2007); CICLO VIVO, (2016); UFRJ, (2021); IBF, (2020); PFMNs, (2021); CERRATINGA, (2021); FLORIEN, (2020); JARDINEIRO NET, (2017).

As plantas com utilização medicinal constituem saberes muito utilizados por os mais variados grupos humanos, constituem práticas desenvolvidas e adquiridas pelos mais velhos, ao renovar as gerações de uma mesma família.

Como a prática agroecológica praticada também ocorre a criação de animais, como cabra, vaca, galinha, ovelhas, patos e porcos, a criação destes animais está alinhada às práticas, já que muitos dos alimentos dos animais provêm das plantações. A produção de palma, milho e sorgo consistem na base alimentar de várias espécies das criações, na qual é utilizado os frutos, assim como também as raízes e caules das plantas.

Fotografia 4- Animais caprinos na unidade produtiva de Edinalva



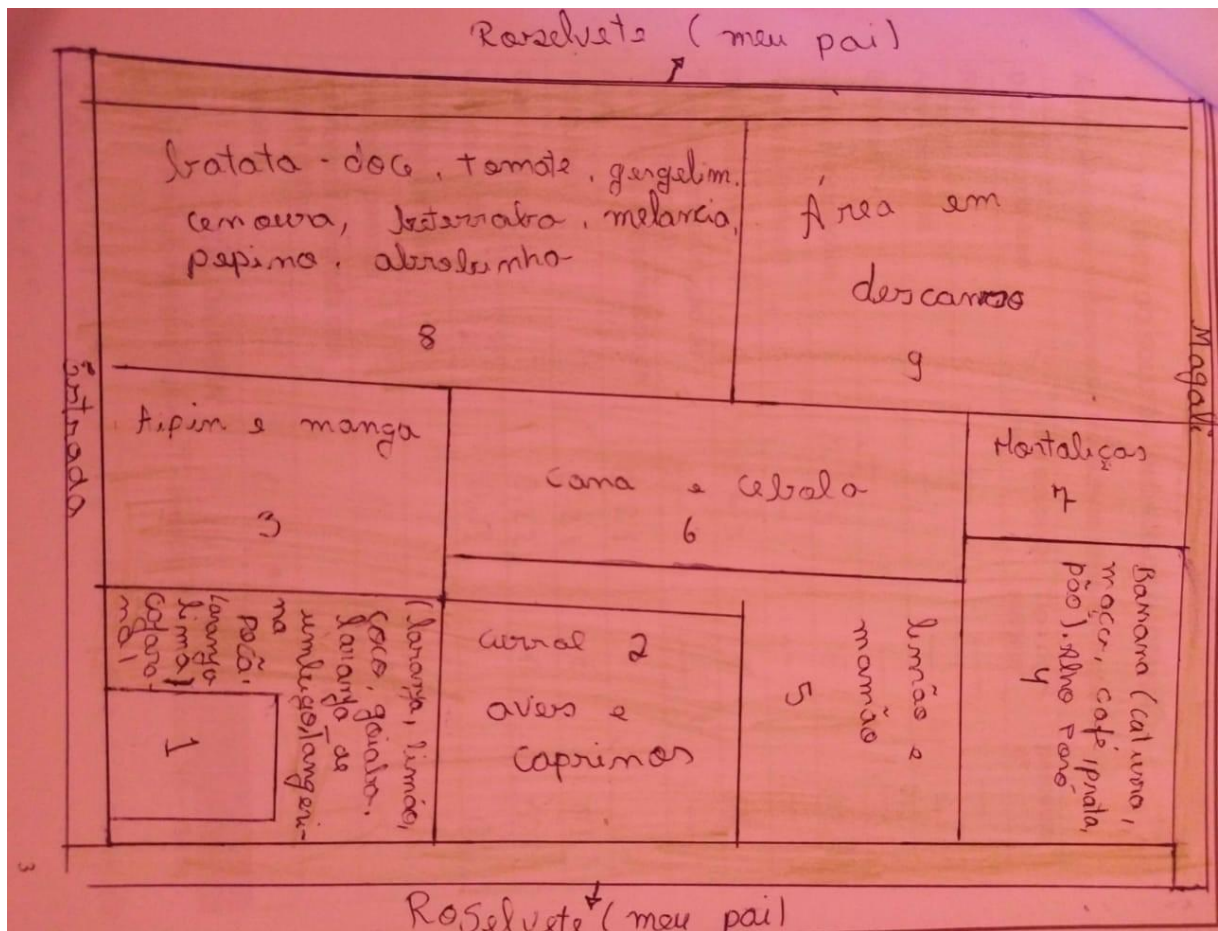
Fonte: Dados da Pesquisa, 2019.

Na fotografia ao lado esquerda as cabras estão se alimentando de pés de maxixes, que foram arrancados após o fim da produção, é importante destacar como os agricultores são práticos e funcionais na questão do reaproveitamento e destinação. Na fotografia do lado

direito aparecem cabras e galinhas descansando sob a sombra. Estas criações possibilitam os vários derivados que são beneficiados ou consumidos em sua fase primária, como o ovo e o leite. Atualmente a criação de animais não possui certificação agroecológica, no entanto é um caminho burocrático que os produtores estão percorrendo.

Esses produtores realizam a rotação de culturas, que consistem na variação de plantios, de maneira que eles realizam a divisão da área plantada, podendo variar de tamanho, de acordo com área de cada propriedade, é importante destacar que a rotação só é possível em cultivos temporários, como podemos ver no croqui da unidade produtiva abaixo, em que este produtor delimitou todas as divisões do terreno dele.

Figura 5- Croqui da unidade produtiva de Edinalva Silva.



Fonte: Arquivo pessoal SILVA, E. A. 2020.

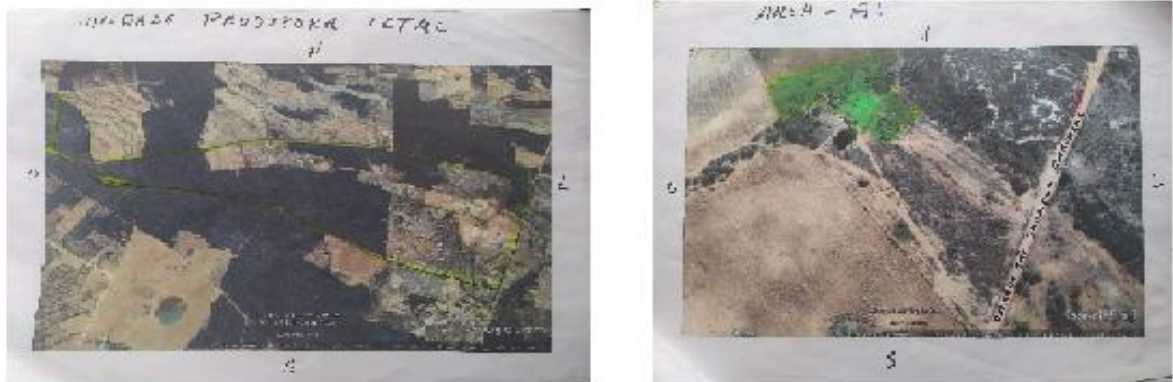
Na área do terreno, há delimitação para cada atividade, área de criação dos animais, áreas de cultivos permanentes próximos a residência, em maioria de fruticulturas, uma área para o descanso da terra. Esse processo de descanso é primordial para recarga do solo, no qual ele se prepara durante um período para receber novos cultivos de outras culturas, para que

seja realmente eficiente este descanso do solo é primordial que seja uma nova cultura cultivada na área. Já que a rotação consiste neste processo de fazer a alternância de culturas em uma mesma área.

Todos os agricultores possuem os croquis da área de suas respectivas unidades produtivas, assim destacamos a seguir a utilização de ferramentas geográficas como o Google Earth que a produtora utilizou para mapear sua área. Temos a exemplificação da mesma área em dois ângulos distintos, a diferença consiste na dimensão da escala, a cada modificação na área de plantio, é necessário um novo croqui que abrange as dimensões do terreno e seus usos.

O croqui é uma imagem retirada do Google Earth que corresponde a unidade da produtora Soraia. Ao lado esquerdo visualizamos a área total como revela seu título, vemos que em destaque possui uma demarcação de cor amarela na delimitação a qual lhe corresponde. Já ao lado direito a demarcação de cor verde revela a área cultivada de culturas temporárias.

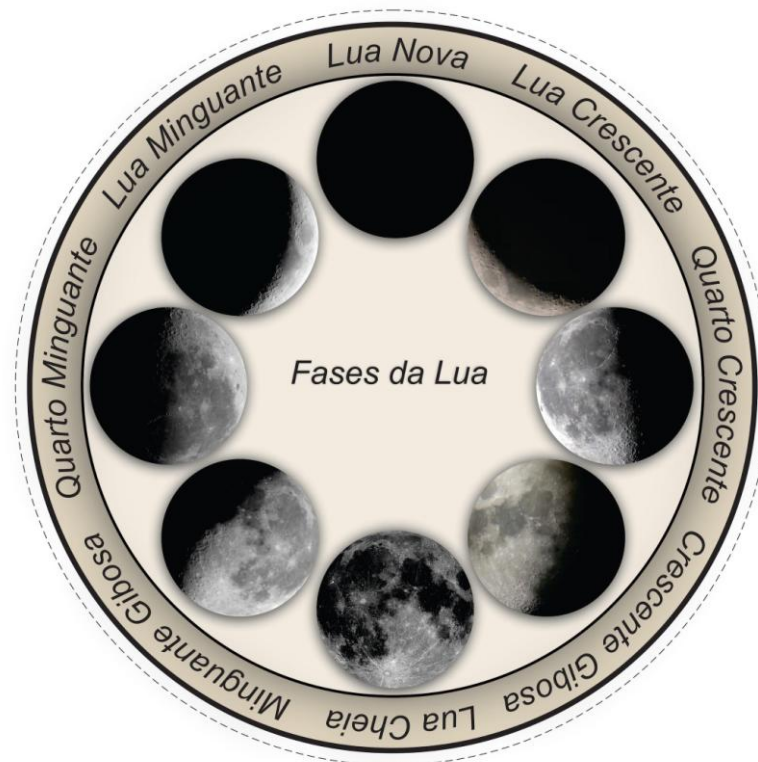
Figura 6- Croqui de Google Earth da unidade produtiva da agricultora Soraia.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

Um das técnicas apreendidas por esses agricultores, ao longo dos anos e da vida, saber repassado entre a família é a utilização das fases da lua no ciclo produtivo. Vejamos abaixo a figura do ciclo lunar:

Figura 7- Ciclo lunar.



Fonte: Astrosurf (2010); EarthSky (2017);BBC (2014); Herb/fcpsy (2003); Moonglow Jewlery (2002); NASA/Robert Gendler (2000); Time and Date 1 (2001); Time and Date 2 (2002); Universe Today (2010).
Elaborada por SILVA. E. R. B. (2020).

As fases da lua norteiam os agricultores no plantio, de maneira que cada fase possui sua influência nos demais aspectos da vida, assim como no momento oportuno da realização de cada atividade na terra. A lua nova é um momento propício para semear pois se plantando neste quadrante o cultivo irá germinar na lua crescente, podendo assim render, crescer com maior desenvoltura.

A fase da lua minguante caracteriza um momento oportuno para capinação dos matos que nascem na terra, a jurubeba (*Solanum sp*), por exemplo, é um espécie que se prolifera com bastante facilidade na terra, então é utilizado este quadrante para arrancar ela, para não render, pois a lua ajuda a diminuir a ocorrência dela na terra. É importante destacar que o dia de destaque da lua é o dia de sua maior força, assim podendo sua influência ser mais eficaz sobre as diversas atividades a serem desenvolvidas.

A lua nova é considerada como um momento propício para colheita, pois ela influencia no rendimento e qualidade da colheita, de maneira que é notável para os agricultores essa distinção pois quando a colheita é realizada no quadrante da lua minguante não ocorre rendimento da colheita, assim como no quadrante da lua cheia ocorre a procriação de gorgulho, inseto, nos alimentos de maneira que fará o agricultor perder parte do cultivo.

De acordo com esses saberes, quanto maior escura a noite, mais propícia às diversas atividades, como cortar o cabelo, abater animais, plantar, colher. Este momento se dá na proximidade do quadrante e no específico dia de maior destaque na lua nova, sendo que esta mesma consiste na noite mais escura do ciclo lunar, até que outra inicie.

Assim como a noite mais clara do ciclo é o dia de destaque na lua cheia, isso é um apontamento de descanso para o agricultor e para a terra, pois nesse momento deve se limitar a tomar decisões e também atividades na área de cultivo.

Esses saberes dos agricultores partem a partir da vivência no lugar, à medida que foram observados e aprendidos nas gerações passadas, assim é um conhecimento que é ensinado pelos mais velhos, ao mesmo tempo que é adquirido por às novas gerações. Vemos que há uma preocupação em repassar esses ensinamentos, mesmo que muitas vezes não seja perdido por algumas pessoas, mas que não os levam em consideração, pois pode ser tido como folclórico.

É importante ressaltar a influência lunar e as formas de compreender e apreender tais conhecimentos que são repassados através da oralidade, se constituindo em uma forma eficiente de repassar os conhecimentos desde os mais remotos tempos entre os ancestrais. Bonfim (2013) contribui para o entendimento da oralidade.

[...] para ficar em apenas dois conhecidos e consagrados exemplos; natural entender oralidade como elemento intrínseco às culturas ancestrais ou populares, como transmissão oral de conhecimentos, como “cultura oral” e ainda como “vocalidade” e neologismos afins. [...]. Pensá-la, isto sim, a partir da tensão, a partir do modo como interpela a grande narrativa do paradigma grafocêntrico. Pensá-la nestes termos nos permite esquivar as igualmente recorrentes abordagens que situam o debate sobre oralidades e interculturalidade, por exemplo, em sua relação com um outro radicalmente diferente, a saber: oralidade e interculturalidade pensadas tão somente a partir da relação entre um “nós” (auto definidos como urbanos, civilizados, contemporâneos) e um “eles”, considerados ancestrais, primitivos, populares, etc. (BONFIM 2013, p.10).

Diante da contribuição do autor, inferimos sobre o papel relevante e único na transmissão dos conhecimentos, assim como a necessidade do rompimento do entendimento e ambiguidade entre a escrita e a oralidade, que se faz dividir e mesmo apagar o papel da oralidade sobre os saberes populares.

Segundo Vandana Shiva (2003) os rompimentos na reprodução dos saberes são ocasionados por os seguintes movimentos:

[...] Ao se elevar acima da sociedade e de outros sistemas de saber e simultaneamente excluir outros sistemas de saber da esfera do saber fidedigno e

sistemático, o sistema dominante cria seu próprio monopólio exclusivo. [...] Além de tornar o saber local invisível ao declarar que não existe ou não é legítimo, o sistema dominante também faz as alternativas desaparecerem apagando ou destruindo a realidade que elas tentam representar (SHIVA, 2003, p. 24-25).

É importante refletirmos a partir das contribuições de Shiva (2003) acerca de constituição do saber, assim como é potencializado o saber científico e menosprezado o saber popular como algo inválido, assim podemos retomar sobre a ação da colonialidade do saber, nesse movimento de valorização científica por uma desvalorização e anulamento popular, isto está imbricado nas visões coloniais da desvalorização descrenças nos sentidos e significados do ser com a natureza e toda a sua interferência simultânea.

Na visão de Cruz (2017) “As outras formas de ser, as outras formas de organização da sociedade, as outras formas de conhecimento são transformadas não só em diferentes, mas em carentes, arcaicas, primitivas, tradicionais, pré-modernas” esse movimento é justificado pela modernização, como se tudo e todos estivessem passíveis de desenvolvimento (CRUZ, 2017, p. 21).

A colonialidade do saber é perversa a maneira que torna tecnologias, saberes, conhecimentos obsoletos, à medida que gera uma inutilidade de tais elementos, ou mesmo que não a inutilidade mais a visão desacreditada de quem as utiliza. Vejamos como exemplo as ferramentas das fotografias abaixo.

Fotografia 5- Ferramentas



Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

Visualizamos fotografias de três ferramentas, da esquerda para direita, um espantalho, uma enxada, e uma capinadeira, que constituem tecnologias utilizadas por agricultores em suas atividades. O espantalho é utilizado para espantar os pássaros e outros animais terrestres da plantação, a enxada é utilizada para capinar, que é cavar o mato pela raiz da terra, e a capinadeira puxada pelo animal, em que é utilizada para retirar mato a uma dimensão maior.

É importante destacar a combinação da utilização da enxada e da capinadeira, as plantas são cultivadas ou sinônimo em fileiras com espaçamento entre si, a capinadeira será utilizada para capinar nos entre meios das fileiras, já a enxada será utilizada para retirar o matos entre as plantas entre si de uma mesma fileira, elas são assim ferramentas complementares, muito eficientes.

Para alguns essas são ferramentas ultrapassadas que não deviam mais ser utilizadas, pois é antiga, velha e até mesmo arcaica, sendo esta uma visão colonial, no entanto para os agricultores são tecnologias essenciais e indispensáveis, mesmo utilizando várias outras em suas atividades.

Inclusive dentre as formas de plantio utilizado, é realizado o controle de pragas através de defensivos naturais, que são produzidos por os próprios agricultores, orientados por o agrônomo da BAHATER e também foram adquiridas a partir das experiências familiares, as produções desses defensivos ocorrem coletivamente, assim todos podem garantir a qualidade e a fidelidade do produto, dentre eles destaco o biogel⁶, um grande aliado para espantar as formigas das hortaliças.

Os agricultores têm por costume acordar cedo, junto com o nascer do sol por volta das 5 da manhã, e logo se envolvem nas demandas diárias, geralmente nas sextas feiras é o dia destinado a colheita e com blusas de mangas compridas, com chapéus de palha, traçam o caminho com o destino a roça, iniciam a colheita manual com muito cuidado, como podemos ver na fotografia abaixo, a agricultora realizando a colheita da couve, o envolvendo com cautela as mãos as folhas para não desfolhar.

Fotografia 6- Agricultora Edinalva realizando a colheita da couve

⁶ Defensivo natural produzido por os agricultores que são compostos pela mistura dos diversos produtos, 60 litros de rume de boi, 30% de água, 2 quilos de pó de rocha, 2 quilos de cinza, para esta mistura é necessário de 8 em 8 dias colocar capim moído, o tempo mínimo de descanso é de 13 dias. A utilização na plantação consiste na mistura de 1 litro de biogel cuado em 10 litros de água.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2019.

Dentre a produção tem-se como principal componente o solo, sabemos que cada tipo de solo possui composições específicas, de maneira que não se pode generalizar sobre o manejo adequado que atenda a todos, em vista disso os produtores em sua vasta experiência não aconselha de qualquer modo a introdução de toda e qualquer matéria orgânica, uma vez que a mesma pode deixar o solo ácido e mais carente. Essa é uma prática constante dos produtores de não realizarem a adição imprudente de matéria orgânica, por isso eles realizam apenas a introdução dos que lhes é orientado durante as visitas de conformidade segundo a necessidade.

Neste mesmo aspecto do solo, por o lugar está localizado em clima semiárido como explicitado anteriormente, é necessário o plantio por meio de irrigação, nesta forma de irrigação, ocorre de forma regular, nos horários de fim de tarde, e por sistemas de gotejamento, por demandar água de maneira econômica, e até mesmo energia, assim como não prejudicar o solo com os processos de salinização por meio da evaporação devido às águas salgadas.

Nesta fotografia podemos visualizar o canteiro de hortaliças no qual está plantando cebolinha, é possível notar a presença de mangueiras nos entremeios das plantas, que são furadas em pequenos furos ao longo de seu comprimento que ao fim da tarde ao ligar a bomba, a água percola a mangueira e goteja alimentando a planta.

Fotografia 7- Plantação de cebolinha evidenciando as mangueiras de gotejamento



Fonte: Dados da Pesquisa, 2019.

Os agricultores realizam o beneficiamento, produzindo tapioca, farinha, queijo, tempero, brevidade, avoador, pão, pão de queijo, beiju, polpas de frutas, dentro de suas unidades produtivas, alguns produzem apenas algum desses, necessariamente nem todos a realizam, por exemplo, a farinha é produzida através de vários processos derivados da mandioca, assim como a tapioca.

A produção dos derivados da mandioca inicia através da raspagem da mandioca, que é feita no estabelecimento da casa de farinha, após descarregar a ruma de mandioca é de costume sentar vários familiares raspando a casca em volta do monte, esse se constitui em um momento de socialização para as mulheres em sua maioria, mas que também há a presença de homens.

O processo de raspagem se dá de duas maneiras complementares em seu ciclo, na frente da ruma se posiciona as mulheres que são responsáveis por rapar os pés da mandioca, ou seja, que irão raspar a mandioca até certo ponto, no fim da ruma ao lado das redes estendidas ao chão que ficam as mandiocas para serem cevadas, ficam as chamadas ponteiros as pessoas que irão raspar os pés da mandioca, são as partes das extremidades da raiz, essa divisão se dá para otimização do tempo, é importante destacar a habilidade necessária as ponteiros que geralmente são em menos quantidade.

Após o processo de raspagem inicia o processo de cevar, que consiste na trituração da mandioca. Essa mandioca triturada é depositada no chamado cocho, que é coletado e depositado em caixas de eternit para iniciar o processo que chamamos de tirar a tapioca, ou lavar, junto a mandioca é adicionado a esta Eternit muita água para de tirar com os panos, a tiragem é realizada com a retiradas de porções espremidas em outro caixa.

Ao fim desse processo de tirar o material líquido das caixas são deixados por horas para decantação. O material sólido será prensado para que saia o líquido e então será triturado novamente, para que seja jogado no forno quente que ao ser torrado se torna farinha.

Voltando ao material que foi deixado decantar, é necessária mais uma etapa que consiste na dissolução da tapioca com água para coar, esse processo irá garantir que a tapioca não tenha qualquer resíduo.

Finalizando o desmanche será depositada em bacias cobertas, que irão ficar durante toda uma noite decantando. Na manhã seguinte o último passo é escorrer a água coberta da mandioca e separar a borra da tapioca através da lavagem das bacias.

Esse processo da produção da tapioca demanda muitas funções, realizadas por membros familiares e até mesmo em parcerias, as funções especializadas são as raspadeiras (ponteiras e peseiras), cevador, preneiro e torrador. Com a tapioca finalizada ela se encontra pronta para ser comercializada tanto fresca como seca, assim como possibilita a mesma como matéria prima para vários derivados já mencionados anteriormente.

O processo de secagem da tapioca não é necessário para o forno como o da farinha, ele é realizado de forma muito simples e prática, em chamados girais. Os girais são feitos por os agricultores, através do assentamento de postes ou paus na terra, em cima são pregados tabas de maneira transversal, e então são colocados plásticos ou até mesmos panos limpos para serem colocadas pequenas porções de tapioca, que são secas com o tempo, esses girais são construídos em lugares que possuem árvores ao redor, que fazem barramento do vento ao mesmo tempo em que recebe fragmentos de sol durante horários específicos do dia para facilitar a tapioca de secar.

O beneficiamento ocorre das mais variadas formas possíveis, de acordo com as estruturas disponíveis em cada unidade, sendo adaptado particularmente por cada produtor. Esses fornos são utilizados para assar avoadores, brevidades, pães de vários tipos e gostos, são alimentados por lenha que são provindas das próprias unidades, vejamos imagens de alguns de fornos em duas unidades diferentes, é importante ressaltar que as fotografias não buscam provocar comparações.

Fotografia 8- Fornos a lenha das unidades produtivas das produtoras Joana e Bernadete.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

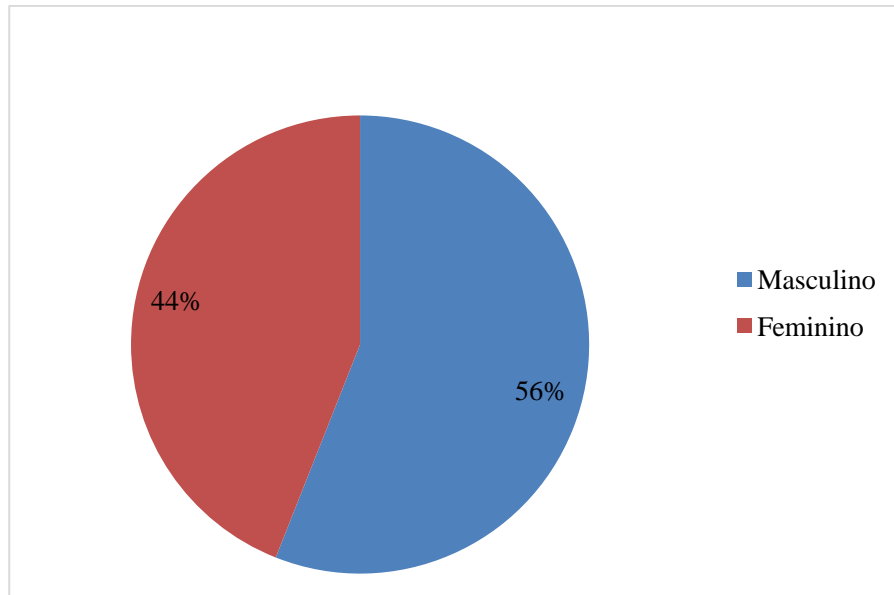
A imagem a esquerda corresponde ao forno da produtora Joana, já a imagem superior à direita a parte de frente que está assando no momento da fotografia pães, já na parte inferior é a parte de trás do forno no qual o produtor está alimentando o fogo, empurrando a lenha para demandar a temperatura que requer o cozimento dos pães, estas ao lado direito corresponde a unidade da produtora Bernadete.

3.2 Desvendando os produtores

A caracterização do perfil dos produtores traz as informações sobre um componente de cada família, representando cada unidade produtiva que compõem a associação. De maneira é necessário destacar que do total foram 16 produtores que responderam o questionário, informando as características gerais da família.

A partir do perfil sociocultural e econômico dos produtores podemos evidenciar com maior ênfase às características dos componentes do grupo. Dentre o levantamento realizado temos quanto ao sexo de acordo com o gráfico.

Gráfico 2- Sexo:



Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

Podemos compreender a partir da leitura do gráfico acima que 56% dos produtores são do sexo masculino e 44% do sexo feminino. Diante disso inferimos sobre a considerável participação das mulheres como representantes de suas famílias, atuantes no processo produtivo agroecológico. Algumas atividades as mulheres possuem maior dedicação do que os homens, no entanto não são excluídas, por exemplo, a comercialização na feira.

Fotografia 9- Mulheres produtoras feirantes



Fonte: Arquivo pessoal SILVA, Edinalva A., 2016.

Na fotografia retirada no ano inicial da feira, visualizamos as produtoras feirantes, da esquerda para direita, Neta, Emília, Gilvanete, Joana, Edinalva, Bernadete, Soraia, Dina, organizadas em frente as barracas com produtos frutos dos seus trabalhos, dos quais elas ali se encontram com a finalidade de comercialização.

Em pleno século XXI, sabemos os processos sociais enfrentados por os diversos grupos sociais, vivemos um momento de enfrentamento de resquícios coloniais, como o preconceito, machismo, racismo, e as várias fobias as minorias sociais⁷, no entanto o ideal agroecológico vem como resistência contra hegemônica se unindo aos diversos grupos de lutas sociais. Dito isso é importante ressaltar a importância da agroecologia na vida de muitas das mulheres componentes do grupo Fraternidade.

É importante compreensão da agroecologia de forma que destaquemos a existência no papel de resistência ímpar na contra hegemonia. Para Porto-Gonçalves (2017, p.51) “Por isso, mais do que resistência, o que se tem é R- Existência, posto que não se reage, simplesmente, a ação alheia, mas, sim, que algo preexiste e é a partir dessa existência que se R- existe. Existo, logo resisto. R- existo.”. Confluindo com a contribuição do autor pensando a forma de existência em essência uma resistência do próprio ser.

Uma vez que a participação fortalece o empoderamento feminino, a medida que as mulheres assumem papel de lideranças, responsabilidades que antes não haviam exercido, como é o caso na organização como coordenadoras de grupo, ou até mesmo na condição de produtora feirante, na qual possuem liberdade para estabelecer relações com várias outras pessoas, como amigos/clientes/consumidores, isso as fortalece como pessoas, como pessoa, como mãe, elevando sua autoestima como “mulheres da agroecologia”.

Vale destacar que esse movimento não são apenas rosas no caminho, pois as mulheres a medida que se fortalecem despertam ciúmes em seus próprios companheiros, uma vez que se sentem inseguros, ameaçados, por acreditarem que têm por natureza propensão a liderança, na chefia, no entanto este já é pensamento que está em processo de desconstrução no grupo e em vários outros lugares, a medida que as mulheres conquistam cada vez mais espaços de lideranças.

⁷ Porque a palavra “minorias”, nesse caso, não se refere a um número menor de pessoas, à sua quantidade, mas sim a uma situação de desvantagem social. Ou seja, apesar de muitas vezes coincidir de um grupo minoritário ser realmente a menor parte da população, não é o fator numérico o essencial para que uma população possa ser considerada uma minoria. São as relações de dominação entre os diferentes subgrupos na sociedade e o que os grupos dominantes determinam como padrão que delineiam o que se entende por minoria em cada lugar. Comportamentos discriminatórios e preconceituosos também costumam afetar os grupos minoritários. Exemplos LGBTQ+, população negra, povos indígenas, mulheres, deficientes.

Fonte: Disponível em: <<https://www.politize.com.br/o-que-sao-minorias/>>. Acesso em: 06 de abr de 2021.

Em relação a raça vivemos no Brasil desde meados de 1960 , a questão racial é considerada através da autodeclaração, sendo assim necessário que o indivíduo se declare de acordo com sua etnia, sendo assim foram questionados (PETRUCCELLI, SABOIA, 2013, p.23-24).

Tabela 1- Relação da autodeclaração de pertencimento racial dos produtores.

Branca	Amarela	Parda	Preta
2	0	13	1

Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

Desta forma visualizamos as respostas sendo que 2 se autodeclararam brancos, seguindo de 13 pessoas autodeclaradas pardas, e apenas 1 se autodeclarou como pretas. No recenseamento o IBGE realiza a somatória dos quantitativos autodeclarados pretos e pardos no agrupamento geral para definir e quantificar a população negra no país.

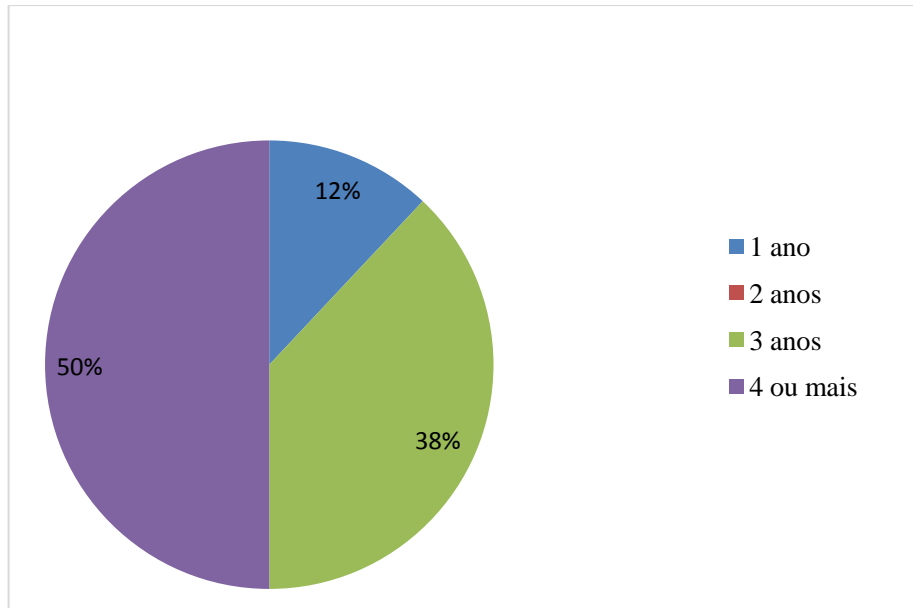
O processo de autodeclaração se dá da maneira que a pessoa se constitui, de acordo como ela se vê e se identifica socialmente, com os processos a qual se caracteriza. No entanto é importante mostrar que o IBGE, no recenseamento realizado a cada 10 anos pelo órgão, na classificação de raça, a cor parda não se constitui como uma classe, à medida que é integrada automaticamente a cor negra todos aqueles que se autodeclararam pardos.

Acreditamos ser importante evidenciar a temporalidade das práticas agroecológicas dos agricultores, uma vez que o processo de transição não ocorre apenas nos modelos produtivos, ocorre também de racionalidades, na construção política e ideológica de enfrentamento, por isso inferimos que esses se constituem em processos distintos e que podem caminhar juntos ou não.

Assim evidenciamos a transição dos modelos produtivos, aqui buscamos refletir sobre a transição racional que alguns em suas temporalidades estão realizando, cada um à sua maneira, uma vez que essa transição está em visualizar a questão política e ideológica da agroecologia, em não a ver apenas com o valor econômico. Pois mesmo enquanto ciência, a agroecologia também é um modo de vida.

Para compreendermos sobre a inserção dos produtores no plantio agroecológico, visto que a entrada na organização pode ter se dado posterior a sua formação, os questionamos sobre a quantidade de tempo que está exercendo esta prática agroecológica. Verificamos no gráfico.

Gráfico 3- Há quanto tempo o Sr. cultiva produtos agroecológicos.



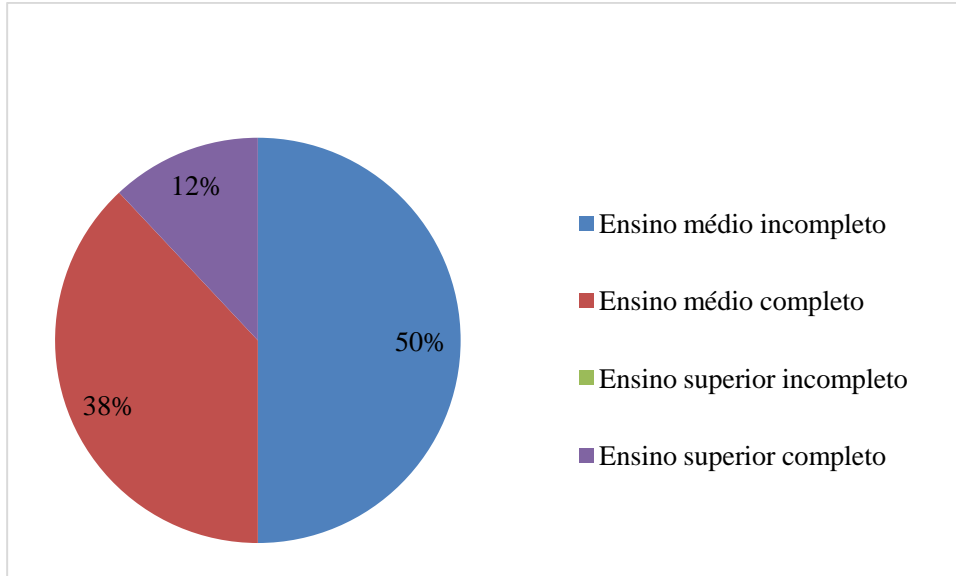
Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

Identificamos que 50% dos questionados responderam realizar este cultivo há 4 anos ou mais, seguido de 38% apontaram a alternativa de 3 anos, em contrapartida de 12% há apenas 1 ano. Desta forma constatamos que a maioria dos produtores realiza esta prática desde o período inicial da associação. No entanto, como citado no capítulo 1, vimos que a transição agroecológica demanda tempo para adoção, podemos inferir que alguns dos produtores com tempo posterior a formação da associação realizou esta posteriormente, talvez até sendo a constituição da organização o pontapé a impulsionar a modificação.

Mesmo visualizando as respostas apontadas no gráfico é equivocado afirmarmos que a transição racional se modifica com o tempo de transição dos modelos produtivos, sendo possíveis os que possuem menos tempo de transição produtiva se identificar com maior criticidade a transição racional.

Já na relação da escolaridade temos.

Gráfico 4- Escolaridade:



Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

De acordo com o gráfico, quanto à escolaridade, verificamos que 50% apontaram possuir ensino médio incompleto, assim também 38% equivalente aos que possuem ensino médio completo, somando a esses temos 12% com ensino superior completo, sendo os respectivos cursos de graduação em Serviço social e Geografia.

Na organização dos produtores, os mesmos já conseguiram participar de cursos de capacitação para o grupo, alguns para todos os componentes do grupo sem demandar escolhas, e outros em que os mesmos são livres para optarem ou não participar, já que existem regras de participação e regimento interno da organização.

Nesses cursos e em outros tantos momentos da vida a escolaridade se faz necessária, por isso a importância da desmistificação de que os agricultores se constituam como analfabetos, já que o gráfico acima nos revela que todos de alguma forma frequentaram a escola em algum momento da vida. Isso facilita o processo de capacitação, no processo de ensino de aprendizagem nos quais se colocam.

Também destacamos a relevância deste dado, no processo de autonomia participativa no grupo e fora dele, nos processos burocráticos exigidos pelas políticas públicas, na regulação de documentos de terras, na articulação da comercialização, na troca de conhecimentos com os pares e em vários outros momentos.

Do ponto de vista de Dardel (2015) há no ser humano a essencialidade de um lugar, sendo deste lugar que partimos a construção do próprio ser. Dentro dos sentidos das vidas dos produtores é importante refletirmos sobre a relação dos mesmos com o lugar. Tuan (1977) afirma:

Uma terra natal tem seus pontos de referência que podem ser feições de grande visibilidade e significância pública tais como monumentos, santuários ou um campo de batalha ou cemitério sagrado. Esses sinais visíveis servem para elevar o sentimento de identidade de um povo; eles encorajam a consciência de e a lealdade a um lugar. Mas um forte sentimento de pertença à terra natal pode surgir independentemente de qualquer conceito explícito de sacralidade; ele pode se formar sem memória de batalhas heróicas perdidas ou ganhas e sem o vínculo de medo ou superioridade em relação a outro povo. O pertencimento, de maneira profundamente subconsciente, pode vir simplesmente com familiaridade e sossego, com a garantia de sustento e segurança, com a memória de sons e cheiros, de atividades comunitárias e prazeres caseiros acumulados ao longo do tempo (TUAN, 1977, p. 159).

O lugar os remete ao pertencimento daquilo que é vivenciado ao longo da vida, o sentimento de pertencimento construído ao longo da vida, com a trajetória neste lugar que é São Gabriel, se constitui o lugar de vivência, experiência, produção e reprodução. A partir do pertencimento retomamos Tuan (1983) quando o autor retrata que o lugar nos leva tempo a ser conhecido e experienciado.

O pertencimento a este lugar se dá ao nascer, crescer, viver, correr, andar, brincar, aprender, trabalhar, vivenciar, estudar, e tantas outras práticas de uma vida, que se encaixam no que o autor caracteriza como “prazeres caseiros acumulados ao longo do tempo” (TUAN, 1977, p.159). Assim como Dardel (2015, p.40) caracterizou “Igualmente imaginário é o fato de que, nas relações indicadas por habitar, construir, cultivar, circular, a Terra é experimentada como base”. Exploramos a visão da terra como base para todo o ser, que possibilita e atrela a base da vida em que podemos vivenciar, partilhar e pertencer.

O lugar na abordagem de pertencimento e identidade viabiliza abordarmos a Geografia das emoções. “Sem nossas emoções, nossa vida e nossa existência não fariam sentido. Os lugares não teriam “graça”, não teriam histórias, não teriam vivências, não teriam experiências. Sem as emoções, os lugares seriam estáticos, sem movimento, sem intenções, sem ações.” (SILVA, 2019, p. 20) De acordo com a autora, valorizamos a abordagem da variável “emoção” para compreender as relações construídas do pertencimento ou não com o lugar.

Eduardo Galeano (1940, p.47) corrobora no entendimento da identidade: “Somos enfim, o que fazemos para transformar o que somos. A identidade não é uma peça de museu, quietinha na vitrine, mas a sempre assombrosa síntese das contradições nossas de cada dia.” Compreendemos que a identidade não é algo esgotável e fechada é portanto remontada nas múltiplas facetas da vida cotidiana e toda sua complexidade.

É importante pensarmos sobre a relação de identidade com o lugar. Relph (1976):

A relação entre comunidade e lugar é de fato muito poderosa na qual cada um reforça a identidade do outro e na qual a paisagem é muito mais uma expressão comum de crenças e valores comunitariamente mantidos e de envolvimento pessoais. [...] E as mensagens e símbolos da paisagem comumente experienciados servem então para manter [...] “uma consciência de lugar coletivamente condicionada” e isso dota as pessoas de um lugar com essencialmente a mesma identidade que o lugar mesmo e vice-versa. [...] Em resumo, as pessoas são o lugar delas e um lugar é seu povo e não obstante possam ser prontamente separados em termos conceituais, na experiência não são facilmente diferenciados (RELPH, 1976, p. 34).

A partir das explicitações de Relph (1976), compreendemos a identidade como uma ligação intrínseca de junção entre o lugar e o indivíduo, como se constituíssem componentes complementares. Sendo que o lugar imprime condições coletivas ao mesmo tempo em que as pessoas imprimem condições individuais sobre o lugar, resultando na identidade. De forma que não existe identidade sem lugar.

Em Stuart Hall (2014) encontraremos a seguinte contribuição.

Utilizo o termo “identidade” para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, no falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar” (HALL, 2014, p. 111-112).

A identidade portanto se constrói a partir da interação do indivíduo e sua relação com o lugar a que se identifica, sendo esta a essencialidade subjetividades da constituição da identidade, como ela atravessa o ser e sua cosmo percepção sobre o seu modo de vida. A identidade é definida também a partir da alteridade, da diferença.

3.3 Sustentabilidade e soberania alimentar

A prática da agricultura convencional com a introdução de novos elementos ocasionou uma prática de insustentabilidade financeira para os produtores, uma vez que os mesmos são expropriados de suas terras, não são atendidos pelas políticas públicas, que por sua vez são bastante burocráticas ao atendimento do pequeno produtor, fazendo com que o mesmo, não tenha poderio para adentrar ao modelo de produção em larga escala para competir com o

latifundiário. O mesmo ocorre com o produtor de sequeiro⁸ em sua produção própria que não possui autonomia para garantir sua sustentabilidade econômica.

De acordo com as práticas desenvolvidas acreditamos na autonomia desses produtores, sendo cabível afirmar que os mesmos possuem uma sustentabilidade econômica a partir da agricultura familiar e da agroecologia. Na visão de Anand e Sen (2000), a sustentabilidade econômica é uma forma de autogerenciamento econômico dos produtores, mantendo uma equidade, se auto gerindo com a ponderação com as gerações futuras, sempre com responsabilidade mantendo sua qualidade de vida.

Desta maneira, Leff traz suas contribuições sobre a sustentabilidade na agricultura.

Os movimentos das populações rurais pela autogestão de seus recursos ambientais sinalizam a possibilidade de passar das políticas preventivas e remediáveis diante do processo de degradação socioambiental para a construção de uma racionalidade produtiva sobre bases sólidas de equidade e sustentabilidade. Esses são os princípios que orientam os movimentos sociais pela reapropriação da natureza, de suas culturas, de seus saberes, de suas práticas e de seus processos produtivos, abrindo-se caminho através da instauração de novos direitos ambientais, culturais e coletivos. (LEFF, 2006, p. 486)

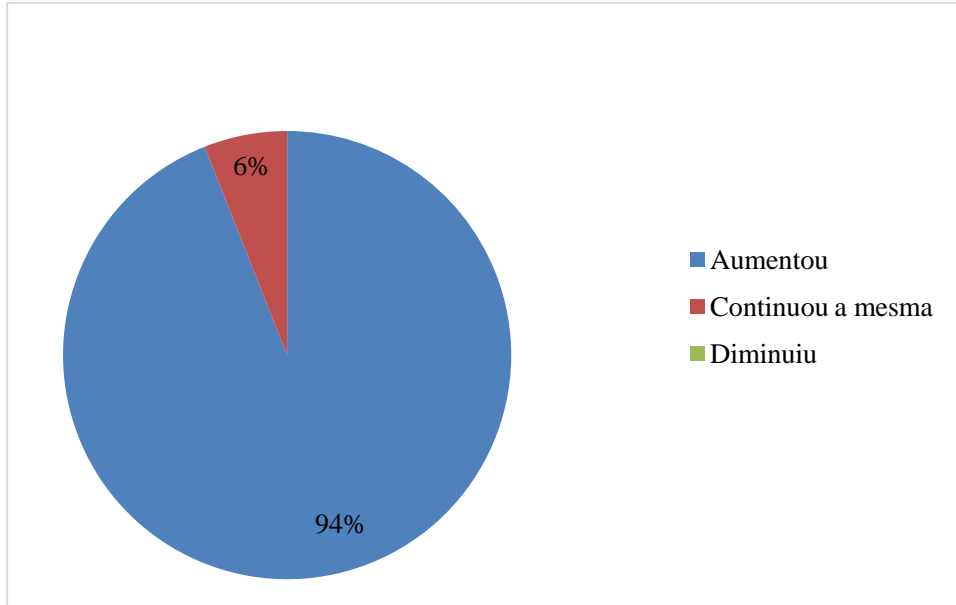
Assim é cabível refletir sobre a organização da agroecologia nos movimentos sociais, cujo fazem enfrentamentos contra o poder hegemônico e a racionalidade do capital que tenta os impor a “monocultura da mente” como cita Shiva (2003). No entanto, a agroecologia em São Gabriel tem organização social, mas não possui nenhum tipo de enfrentamento local, disputa ou conflito no lugar.

O potencial de sustentabilidade desses agricultores se encontra na produção de alimentos de qualidade, de forma que buscam manter o equilíbrio entre a produção, a qualidade de vida e sua sustentabilidade econômica, de maneira que os mesmos possam autogerir sua família com sua produção.

Diante disso veremos a seguir, com o intuito de enfatizar esse potencial econômico, questionamos.

Gráfico 5- Com a adoção desse sistema sua rentabilidade econômica.

⁸ Agricultura convencional é aquela que é introduzida nos produtos do pacote da revolução verde, em suma maioria se baseia no sistema de irrigação com uso de pivôs centrais e altas dinâmicas produtivas. Já a agricultura de sequeiro é baseada na produção dependente exclusivamente das águas da chuva.

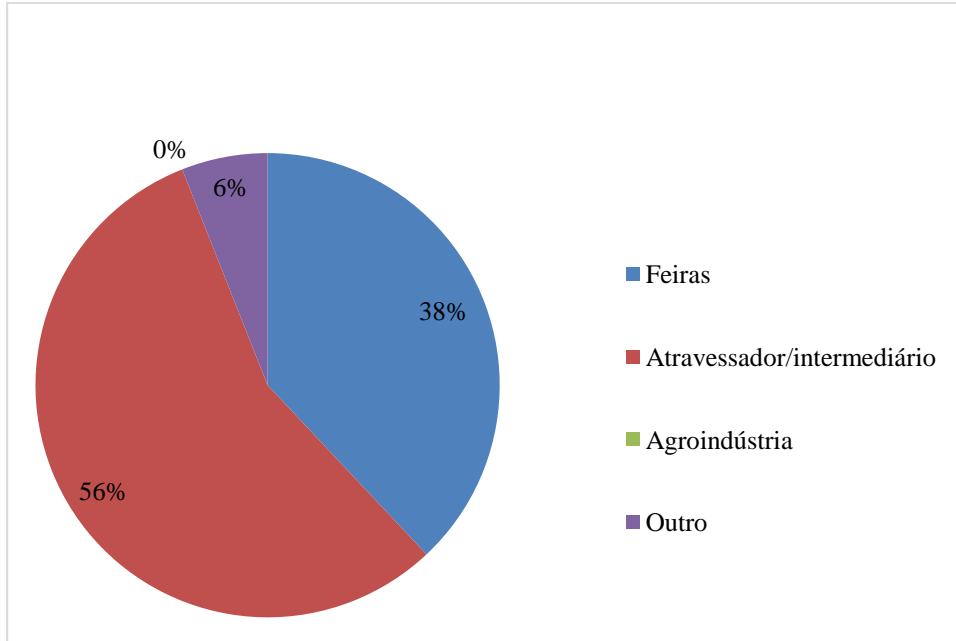


Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

Diante do gráfico, podemos nos atentar sobre as respostas quanto ao questionamento realizado: "Quanto a adoção desse sistema sua rentabilidade econômica? As respostas consistem, 94% afirma que sua rentabilidade econômica aumentou com esta prática e 6% informou que continuou a mesma, 0% respondeu que diminuiu. Inferimos diretamente sobre o potencial de uma maior qualidade de vida por estes agricultores, visto que a rentabilidade está diretamente ligada ao acesso a bens e consumo de uma população.

Como já citado anteriormente no capítulo 1, as novas práticas exigem uma nova forma de comercialização, isto está diretamente ligada a lucratividade do produtor, vejamos.

Gráfico 6- Onde costumava vender sua produção anteriormente à produção agroecológica.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

Desse modo, o gráfico nos traz a relação das respostas quanto “Onde costumava vender sua produção anteriormente a sua produção agroecológica”? Visualizamos que 56% afirmaram vender para atravessadores ou intermediários, já 38% apontou vender em feiras, cabe ressaltar que seria esta a feira convencional do município, e 6% responderam vender em outros locais, sendo estas quitandas ou diretamente ao consumidor.

Para Caporal e Costabeber, (2003, p. 13). “A sustentabilidade deve ser considerada em suas múltiplas dimensões: econômica, social, ecológica, política, cultural e ética.” De forma que a sustentabilidade não pode ser considerada apenas sobre uma dimensão, por exemplo, da econômica que visualiza o lucro como meta, e que não esteja levando em conta a ética, ou até mesmo a ecologia, pois se não houver uma visão holística não consistirá em sustentabilidade de acordo com os autores, pois é necessário todo o conjunto bastante complexo.

Em tal caso, a sustentabilidade se contrapõe no modelo convencional de agricultura, que cada vez mais vem se tornando insustentável, devido a alta dinâmica do lucro, a exploração e apropriação da natureza, a supressão do tempo para aumento de produtividade.

As contribuições de Altieri acerca da sustentabilidade (2001):

[...] sob a perspectiva da produção, a sustentabilidade somente poderá ser alcançada “no contexto de uma organização social que proteja a integridade dos recursos naturais e estimule a interação harmônica entre os seres humanos, o agroecossistema e o ambiente”, entrando a Agroecologia como suporte e com “as ferramentas metodológicas necessárias para que a participação da comunidade venha a se tornar a força geradora dos objetivos e atividades dos projetos de desenvolvimento [rural sustentável]”. Citando a Chambers (1983), lembra que, assim, espera-se que os

agricultores e camponeses se transformem nos “arquitetos e atores de seu próprio desenvolvimento” (Altieri, Miguel. 2001 pág. 21).

Em conformidade com o que o autor traz, podemos nos atentar sobre a soberania como o conjunto de fatores imprescindíveis, que viabilizem a sustentabilidade de maneira que os indivíduos sejam autônomos de suas práticas e todo o processo que os envolvem de protagonismo, para guiar seus caminhos e seus horizontes de acordo com suas aspirações.

A sustentabilidade que evidenciamos no processo dos produtores tange a outras relações e organizações que perpassam a vivência desses produtores, dentre tantos outros a níveis nacionais e mundiais, desde a segurança alimentar à soberania alimentar.

Maluf (2001, p.147) destaca a conceituação de segurança alimentar.

[...] segurança alimentar significa garantir, a todos, condições de acesso a alimentos básicos de qualidade em quantidade suficiente, de modo permanente e sem comprometer o acesso a outras necessidades básicas, com base em práticas alimentares saudáveis, contribuindo, assim, para uma existência digna num contexto de desenvolvimento integral da pessoa humana .

A segurança alimentar é garantia de alimentação, em um país com dimensões continentais e com produção de exportação exorbitante pensar a segurança alimentar através da produção interna, em uma viável autonomia capaz de autogestão é uma necessidade assim como remonta a soberania alimentar e sua autonomia.

Para João Stédile (2011, p.3) a soberania alimentar é um direito de produzir alimentos pelos povos e dinamizar através da comercialização a circulação de alimentos saudáveis. A soberania alimentar se constitui nas formas de valorização de produção, nas dinâmicas de autogestão de produção e relações estabelecidas entre produto e produtor. Assim como afirma Krauser (2015, p.49) “trabalho da agroecologia, da soberania alimentar (que é muito) deixa de ser alienado, torna-se parte de quem produz, gera novas relações e outro nível de consciência nas famílias” Portanto a soberania alimentar tem em diversos níveis a possibilidade de mudança social.

Na visão do MPA (2012, p.20) a soberania alimentar “é uma proposta alternativa de produção e consumo, que apoia os povos em sua luta contra o agronegócio e as políticas neoliberais promovidas por instituições financeiras e transnacionais”, a soberania está em confluência e em busca de transformação em prol de toda sociedade, uma vez que a produção e sua interação beneficia e agrega cada vez mais pessoas para contribuir com a pauta alimentar, política, econômica e social.

Contribuindo com as discussões acerca da segurança alimentar e soberania alimentar. Joelson Ferreira e Erahsto Felício na obra *Por Terra e Território* (2021, p.65-66) apontam.

Porque a segurança alimentar é sobre a provisão de alimentos- independente se vão ter ou veneno- para nutrir-se por todo o ano. já a soberania alimentar é sobre as condições para produzir e consumir seus alimentos: sem veneno, valorizando sua cultura alimentar, emancipando-a, aperfeiçoando-a com novos conhecimentos, enfim, que você aperfeiçoando-a com novos conhecimentos, enfim, que você tenha um real poder de decisão e gestão sobre o processo de produção daquilo que você come.

É fundamental os apontamentos dos autores, uma vez que o fragmento trazido consiste em uma obra de elucidação do comprometimento e das pautas sociais dos povos, precisamente dos núcleos atrelados a Teia dos Povos, com alta dinâmica nas jornadas de organização política e de luta.

Atualmente muito se tem falado sobre desenvolvimento sustentável que tem como premissa o equilíbrio social, ambiental e cultural do homem e do meio, no entanto, o modelo de agricultura difundido desde a Revolução Verde a qual é responsável pelo crescimento do PIB do país, é notavelmente cada vez mais insustentável, como citado anteriormente. Diante disso, a agroecologia surge com um potencial de uma agricultura que viabilize o equilíbrio de produção na natureza.

Soglio (2016, p.13) em seus escritos nos convida à reflexão sobre a agricultura, visto que, muito sobre ela já se falou aqui neste trabalho.

A agricultura é muito mais do que a sua parte inserida nas cadeias produtivas, pois abrange a alimentação, a gestão do ambiente e a cultura humana. Para muito além do objetivo de gerar lucro, a agricultura deveria ser vista como a atividade humana de gerenciar o ambiente e de obter alimentos e outros produtos.

Desta maneira devemos nos ater que a agricultura não deve está associada apenas a comércio e lucro, pois a mesma possui bem mais que isto, a agricultura é mais que uma atividade desenvolvida por o homem, o que para muitos é que a agricultura consiste em um modo de vida.

Porto Gonçalves (2017, p. 213) contribui.

O advento de uma agricultura monocultura, voltada exclusivamente para o mercado, tem sido responsável pela dissociação entre agricultura, pecuária e extrativismo (caça, coleta, pesca), cuja consorciação, até muito recentemente, estava amplamente disseminada pelo mundo.

Confluindo com percepção do autor a monocultura inviabiliza as múltiplas possibilidades em um ramo para a garantia da sustentabilidade, já que limita as possibilidades, quando se traça um único caminho, ao contrário da agroecologia com seus ramos indissociáveis de inúmeras possibilidades holísticas conjecturais.

De acordo com Porto Gonçalves (2018) “Sequer podemos falar de produção de excedentes com a monocultura, até por que essa ideia pressuporia que o produtor direto vende o que lhe excede, o que está longe de ser o caso.”. Diante da impossibilidade de uma sustentabilidade da produção no âmbito da monocultura, salientamos a variável da agroecologia e suas potencialidades.

A monocultura pode ser uma questão limitante nos vários âmbitos, desde a produção alimentar até a racionalidade como mencionado anteriormente por Vandana Shiva sobre a “monocultura da mente”. A monocultura impossibilita as variações, as possibilidades de outras produções, de outros pensamentos, formas de vida, a monocultura limita a uma cultura, a uma única possibilidade, invalidando e inviabilizando outras tantas.

A monocultura da produção como cita Porto Gonçalves não pode ser encarada com a venda de excedentes, justamente por que os produtos da monocultura não há excedentes, pois segue a lógica de maior e mais intensa produção para exportação, tudo que for produzido é comercializado de forma contínua e de rápida circulação no mercado.

4. Expectativas agroecológicas

Neste capítulo apresentamos as expectativas dos produtores em suas práticas, na agroecologia e no modo de vida, evidenciamos a importância e a valorização dos sonhos no modo de vida. A prática do sonho na influência do presente e do futuro na vida cotidiana, das inúmeras possibilidades dos vários caminhos a serem percorridos. A agroecologia prima o futuro, a qualidade de vida para as gerações atuais e às futuras, se constituindo de imponente relevância pensar as expectativas futuras, nas articulações, nas organizações para o bem viver dos povos.

4.1 Do sonhar ao realizar

Os agricultores possuem aspirações, sonhos que desejam realizar. Para algumas pessoas, sonhos são utópicos, como aqueles que não se realizariam, no entanto cada um em

sua individualidade detém a possibilidade de sonhar às vezes dormindo, às vezes acordado, consideramos que há sempre algo a ser sonhado, mesmo não desejando que seja compartilhado.

Em *A Queda do Céu*, Davi Kopenawa e Albert Bruce (2015, p.90) mencionam a desvalorização dos homens na valorização do sonho. “São palavras que escutamos no tempo dos sonhos e que preferimos, pois são nossas mesmo. Os brancos não sonham tão longe quanto nós. Dormem muito, mas só sonham com eles mesmos.” O Xamã Davi chama a atenção para a limitação dos homens na ação do sonho, como ele cita “os homens brancos” não valorizam o sonho, constituem o sonho como algo sem importância e as projeções de sonhos que concebem são em sonhos egoístas e autocentrados no seu próprio ser.

Na cosmovisão dos povos indígenas o ato de sonhar não é dissociável da vida cotidiana dos povos, a vivência nos sonhos são valorizadas e reveladoras tanto quanto as experiências dos momentos não oníricos. Como afirma o Xamã Kopenawa no filme *A Última Floresta* “Quando você sonha, você organiza o pensamento.”(BOLOGNESI, 2020, 14m). Para o neurocientista Sidarta Ribeiro (2019, p.15) aponta que “cada vez mais se dorme menos, e as pessoas cada vez menos sonham, interferindo diretamente na qualidade de vida”.

Sidarta (2019, p.43) remonta acerca do sonho ancestral.

De um jeito ou de outro, o alvoroço causado pelos sonhos deve ter sido cotidiano. as decisões importantes da vida desperta passaram a depender, ao menos em parte, dos bons ou maus auspícios revelados nas imagens noturnas. Sonhadores cujos sonhos muitas vezes correspondiam a fatos posteriores devem ter começado a ser valorizados pelo grupo.

Como apontado por o autor o sonho para os ancestrais, o sonho conjectural consistia em uma qualidade para aqueles que os sonhos não conseguiam atingir com tal experiência e possibilidade de projeções de futuros próximos ou remotos, mesmo que todos realizarem e cultuarem o sonho com a importância devida, tais sonhos tinham seus escolhidos para tal experiência.

Sobre os sonhos trazemos a visão de Ailton Krenak (2019) para refletirmos sobre.

Quando eu sugeri que falaria do sonho e da terra, eu queria comunicar a vocês um lugar, uma prática que é percebida em diferentes culturas, em diferentes povos, de reconhecer essa instituição do sonho não como experiência de dormir e sonhar, mas como exercício disciplinado de buscar as orientações para as nossas escolhas do dia a dia. Para algumas pessoas, a ideia de sonhar é abdicar da realidade, é renunciar ao sentido prático da vida. Porém, também podemos encontrar quem não veria sentido na vida se não fosse informado por sonhos, nos quais pode buscar os cantos, a cura, a inspiração, e mesmo a resolução de questões práticas que não consegue discernir, cujas escolhas não consegue fazer fora do sonho, mas que ali estão abertas como

possibilidades. Fiquei muito apaziguado comigo mesmo hoje à tarde, quando mais de uma colega das que falaram aqui trouxeram a referência a essa instituição do sonho não como uma experiência onírica, mas como uma disciplina relacionada à formação, à cosmovisão, à tradição de diferentes povos que têm no sonho um caminho de aprendizado, de autoconhecimento sobre a vida, e a aplicação desse conhecimento na sua interação com o mundo e com as outras pessoas. (KRENAK, 2019, p. 25).

Krenak (2019) sobressalta a ação de sonhar por diversos povos, em variados lugares, em que são valorizados em sua infinitude complexidade e singularidade, sendo assim um sentido a ser compreendido e acreditado, evidenciando a direção dos segmentos a serem decididos, dentre as possibilidades dos vários caminhos que as vidas podem tomar.

Na visão de Juliana Dias (2019):

O sonho nos apresenta conteúdos manifestos através dos quais podemos contar aos outros sobre o que sonhamos, mas também possui o conteúdo latente a partir do nosso material inconsciente. Então, os sonhos não possuem apenas resíduos diurnos do que foi vivido, mas também trazem algo que precisa do sonho para se manifestar. Mas se o material inconsciente precisa do sonho para ser visto, ele continua a seguir as leis de funcionamento [...]. Ou seja, o que parece no sonho não é idêntico ao vivido nem ao material inconsciente. (DIAS, 2019, p. 96)

Para a autora, o sonho é uma mediação entre o consciente e o inconsciente, sendo este o mediador da interação entre os sentidos e os meios, não podendo ser dissociado, ao mesmo tempo em que o sonho é uma chave de busca a um novo modo de projetar a vida no imaterial.

De acordo com Tiganá Santos (2019):

Um sonho [ndozi] é uma comunicação áfona. É, ao mesmo tempo, um meio e uma mensagem. Esta mensagem pode ser audível, pictórica e cênica. Possui uma origem [túku], um canal [ngongo/n'landa], com ou sem receptor [tâmbudi] destinatário. A origem/fonte da mensagem pode ser natural, espiritual ou sobrenatural. [...] O sonho pode ser um reflexo de atividades diurnas, uma repetição de atividades passadas ou uma projeção das próprias atividades e imaginação no futuro. Mas, ainda mais importante, ele pode ser um aviso sobre um evento futuro ou iminente: boas ou más notícias (SANTOS, 2019, p. 88- 89).

O sonho lançado mão como meio, em seus múltiplos sentidos e alternativas, sabemos das suas infinitas façanhas, como a mãe que sonha com o filho em um momento de perigo, como um apostador que sonha com números de loteria e acerta sendo assim beneficiado pelo prêmio, o sonho mesmo que dormindo como acordado nos demonstra possibilidades em vários aspectos da vida, seja ela individual ou coletiva. Portanto acreditamos nas contribuições do autoconhecimento, do sonhar ao realizar, uma vez e sempre levando em consideração as experiências dos conhecimentos adquiridos e construídos nos sonhos.

Sidarta (2019, p.46-47) explicita a contribuição dos sonhos como uma ferramenta na prática da agricultura.

Plantar e colher com eficácia, sem perder todo o esforço de meses por causa de problemas inesperados, exigiram um grande refinamento da capacidade de prever mudanças ambientais e de acumular conhecimentos entre gerações, acelerando a catraca cultural. Se sonhos inspirados de bravura e táticas grupais foram importantes da época das grandes caçadas de mamute, durante a invenção da agricultura eles devem ter cedido lugar a sonhos epifânicos de contemplação panorâmica das regularidades naturais, com o reconhecimento cada vez mais preciso dos períodos de chuva e seca, cheias e variantes, frio e calor.

Importante destaque para a contribuição do autor, na epifania de clima/tempo no conhecimento geracional dos saberes atravessados ao longo dos ciclos, acerca da sazonalidade e as probabilidades de inferências na agricultura, desde o plantar a colher, sendo esse alinhado entre os sonhos e a observação direta no horizonte da empiria cotidiana.

Com a essencialidade da perspectiva do sonho Marandola Jr e Lúcia Gratão contribuem: "Mas o sonho nos traz, de nossa inconsciência-consciência, este saber e estes sentimentos. A vigília, onde pensamos guiar e controlar nossa atividade metafísica tem no sonho a parceria e a somatória neste pensar- pensante do homem." (MARANDOLA JUNIOR, GRATÃO, 2002, p. 6).

Consideramos os sonhos elemento constituinte do ser humano, uma vez que praticar o sonhar nos constitui como parte significativa da constituição do ser. Assim como afirma Freire, "É impossível existir sem sonhos" (FREIRE, 2001, p. 35). Sendo um sentido consciente e inconsciente atrelado a existência humana, que a impulsiona a projetar sua existência no mundo.

De maneira elucidativa é explicada por Brandão e Streck (2006, p. 13) "[...] faz lembrar que o indivíduo não existe por si e nem para si. Ele é sempre o resultado de outras tramas; da relação com outras subjetividades; [...] da confluência de conhecimentos, sonhos e condições históricas". Compreendemos como a complexidade dos elementos dos componentes do indivíduo como explicita os autores sendo constituinte desses o sonho em sua essencialidade.

Para Sidarta Ribeiro (2019, p.337) "O sonho acontece no alheamento à realidade para imaginar o que poderia ser". Desta forma compreendemos o entrelaçamento dos sonhos como possibilidade elementar de projeções do futuro e o presente, assim como do passado, os sonhos são chaves para uma janela de acesso que permite o entendimento do ser e experiências adormecidas de sua trajetória ou dos seus ancestrais. Sendo essas experiências

importantes para a ressignificação do ser, a quebra de ciclos, inícios de outros, possibilidade de superação de traumas ancestrais, vindas de gerações, conexões com propósitos das gerações vindouras.

É importante trazeremos a visão de Boff (2005) para uma lógica de transformação social implicando em novas formas de ver o mundo, visões mais conscientes.

Transformações fundamentais na consciência e na sociedade supõem uma mudança de paradigma. É o nosso caso. Estamos mudando de paradigma civilizacional. Com isso queremos dizer [...] que está nascendo um outro tipo de percepção da realidade, com novos valores, novos sonhos, nova forma de organizar arquitetonicamente os conhecimentos, novo tipo de relação social, nova forma de dialogar com a natureza, novo modo de experimentar a Última Realidade e nova maneira de entendermo-nos a nós mesmos e de definir nosso lugar no conjunto dos seres (BOFF, 2005, p. 27-28)

Seria estas mudanças paradigmáticas para uma nova sociedade que se transforma à medida que se desconstrói, modificando assim sua racionalidade, de ter e de ser, partiríamos assim do pressuposto de dominação para convivência em um novo tipo de relação consciente de equidade.

Dentre os vários sonhos somam a conscientização da população do lugar, alguns agricultores acreditam que a informação ainda é uma questão a ser superada, já que relatam que algumas pessoas ainda desacreditam da qualidade de seus alimentos, e possuem uma visão errônea de que os alimentos agroecológicos devem ser esmirrados, os mesmos que por vezes duvidam da procedência. Para os produtores essas pessoas são poucas, no entanto acreditam que há a necessidade de conscientização dessas, para que as pessoas compreendam a importância da alimentação na qualidade de vida.

Para os sonhos do grupo contam com a união, com a espiritualidade fraterna para prosseguirem reproduzindo suas práticas no futuro, para contribuírem com a qualidade de vida das futuras gerações, através das práticas agroecológicas do lugar para o mundo, visto que a circulação de seus produtos cada vez mais expandem as fronteiras do lugar.

4.2 Aspirações dos produtores

Diante do que foi dito anteriormente, do que realizaram e realizam os produtores, agora nos propomos a pensar as possibilidades sobre o que há de vir a frente, o que há de vir para os produtores, para o lugar que é São Gabriel, para agroecologia no município, para as novas transições que poderão ocorrer neste lugar, que desencadeará reflexos frente às futuras gerações, no meio ambiente, na justiça social e também no planeta.

Ao pensarmos em expectativas da agroecologia é importante compreendermos o significado da palavra expectativa: “condição de quem espera para que algo aconteça, estado de quem espera algum acontecimento, baseando-se em probabilidades ou na sua possível efetivação” (DICIO, Dicionário online). A palavra está diretamente relacionada ao que se espera considerando as possibilidades, é importante notar que o esperado pode ser o resultado de ações desenvolvidas no objetivo de alcance da meta.

Sendo assim os produtores foram questionados sobre as expectativas individuais para o futuro da/na agroecologia, várias são as possibilidades no âmbito positivo, de vários aspectos possíveis. Evidenciaremos algumas expectativas.

Moça, para melhorar pra mim, o que podia mudar, ou que eu podia conquistar só, seria aumentar o tamanho da minha roça, pois minha roça ficou pequena pra tanto cultivo, e temos que respeitar o pousio e o tempo, se eu tivesse mais roça, podia plantar ainda mais. (ROCHA, Jorge Paulo, 2020).

Para o produtor sua perspectiva está no aumento gradativo de sua propriedade, de maneira que é possível inferirmos sobre a maior demanda que poderá ser instituída de acordo com a variável produtiva. A questão das dimensões da terra pode ser considerada como reflexo da concentração de terras no país. No que tange a concentração de terras. Guiomar Germani (2006, p.125) aponta que "desde o século XVII em Pernambuco e Bahia, acentuaram a tendência à formação de imensos latifúndios e sua concentração em mãos de poucos privilegiados.". A concentração de terras está relacionada à extrema desigualdade, a jogos de interesse, desde a Lei de Terras que suprimem e isolam as possibilidades de acesso à terra pelos povos.

Segundo Oliveira et al (2005) a expansão do agronegócio, a suprimição de pequenos proprietários, a exploração do capital, a má gestão e o impedimento de acesso às políticas públicas, são processos que intensificam a concentração de terras nas mãos de latifundiários e a dificuldade de acesso a terra para produzir e reproduzir pelos pequenos.

Abaixo temos a opinião do agricultor Reinilson Machado:

O que eu queria para melhorar era água, a água do poço é muito pouca, tem época do ano, lá pra setembro que eu fico quase sem água, por isso meu plantio fica limitado, com outro poço bom de água eu não teria problemas como esse, era uma melhoria pra mim(MACHADO, Reinilson, 2020).

A perspectiva do produtor Reinilson está atrelada a água, que é um recurso que em certos períodos do ano limita sua produção, poderíamos inferir que este seria um ponto

negativo capaz de desestabilizar sua sustentabilidade, no entanto neste período o produtor e sua família possuem como alternativas os beneficiamento e as árvores frutíferas temporãs, como foi citado anteriormente. Já a produtora Joana Pereira expõe sua visão:

Para ficar melhor eu queria construir minha agroindústria dentro da minha propriedade, pra melhorar as coisas que eu faço pra vender, quem sabe eu poderia construir também uns lugares para receber as pessoas como pousadas, pois já recebi pessoas de fora que vieram fazer pesquisas, produzir um documentário sobre agroecologia, no dia as pessoas queriam ficar aqui na minha roça, mas eu não tinha estrutura para acomodar todo mundo por que era muita gente, isso é uma possibilidade, pois a gente tá crescendo e a tendência é melhorar, pois nosso grupo é unido e articulado e já veio gente querendo conhecer sobre a agroecologia, muita gente de fora. (PEREIRA, Joana, 2020).

A possibilidade de visibilidade da agroindústria, de recebimento de visitas, interação com pessoas para conhecimento e aprendizado no acompanhamento das atividades dos produtores, se constitui como uma possibilidade de fortalecimento do grupo nas práticas para além do lugar, de pessoas de outros lugares, a valorização através da vivência será uma agente de propagação dos ideais agroecológicos.

O turismo agroecológico já é uma realidade em alguns locais, em que produtores possuem locais de recepção para visitantes com roteiros variados na propriedade, o ramo tem a crescer e engajar vários outros, visto que, os turistas visitantes se encontram sempre em busca de novas experiências.

Para o produtor Suiberto sua expectativa de melhoria seria.

Acho que seria bom, se a gente tivesse mais possibilidades de crédito, na cidade já foi concedido muitos benefícios a um tempo atrás antes da associação e as pessoas fizeram o PRONAF mesmo e não pagaram, daí com essa inadimplência o Banco do Nordeste fica regulando empréstimos quando ver que somos daqui às vezes, se não fosse isso, mais mesmo assim a gente ainda consegui, mais era bom demais se viesse ainda mais, é a gente saber investir (ROCHA, Suiberto, 2020).

A melhoria que traz o produtor Suiberto, expõe uma complexa realidade da dificuldade do pequeno agricultor no acesso a créditos agrícolas, uma vez que os maiores investimentos de tais políticas públicas são distribuídos desigualmente no território nacional, e ainda assim são em maioria acessada pelos grandes produtores de exportação, que por vezes estão na frente, devido a burocracia, por melhores condições de pagamentos, com menores taxas de juros, por exemplo.

Para Guerra et al. (2007, p.7) o foco das políticas públicas sempre foram e continuam sendo os grandes e médios estabelecimentos rurais, o que culmina no distanciamento do acesso às políticas públicas aos pequenos agricultores quando os não excluem por completo o

acesso. De acordo com Mattei (2005, p.13) com a constituição de 1988 surgiu a possibilidade de democratização do acesso às políticas públicas no país, a partir do gerenciamento social.

A partir do estudo da FAO/INCRA que foi desenvolvido estudo sobre agricultura familiar, direcionando as políticas públicas para as especificidades dos agricultores, facilitando a categoria social e o acesso aos benefícios aos grupos.

Com o princípio de coletividade que possui este grupo, explicitamos alguns dos sonhos do grupo Fraternidade para o futuro da agroecologia no lugar como está exposto na árvore dos sonhos abaixo.

Figura 8- Árvore dos sonhos



Adaptado por SILVA, Efigênia R. B (2020).

Na árvore os sonhos aparecem como flores que se transformaram em algum momento em frutos a serem colhidos, as árvores possuem cada uma em sua singularidade, uma

temporalidade própria, com seus respectivos processos de florescimento e frutificação. Os sonhos na árvore representam a frutificação que ocorrerá, cada um dos sonhos que sonham os produtores para a agroecologia no lugar, dentro de suas perspectivas.

Os produtores têm como sonhos, mais produtores realizarem a transição agroecológica no município, novos integrantes na associação e formação de novas associações requerendo direitos e se articulando para uma nova consciência alimentar e o crescimento da valorização do agricultor e do alimento. Dentro desses sonhos temos o comprometimento das escolas para a conscientização das crianças desde cedo, para que elas se desenvolvam em uma nova racionalidade, para que sejam mais conscientes.

A importância de sonhar remete às possibilidades de cosmovisões indígenas que permeiam a valorização de outras racionalidades, de outros povos que permeiam os vários sentidos, sons para compreender a vida, o homem na natureza.

Partindo das contribuições de Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015, p.38) concluímos sobre a importância do sonho, como apontou o xamã da limitação do ato de sonhar dos brancos, no entanto o resgate, a interação e a valorização dos sonhos como experiência da aprendizagem, alarga as possibilidades de compreensão do mundo, de si e dos outros. Este é o ponto fundamental que aponta o xamã a egoidade dos sonhos dos brancos, que só consegue sonhar em volta de si e para si, já para os povos indígenas o sonho é o complemento da experiência, da vivência diária, que não pode ser anulada ao despertar.

Portanto o sonho compreende a vivência presente e futuro a partir das projeções e experiência no adormecer e no despertar, assim refletimos sobre esse ponto de encontro entre a agroecologia do sonho do presente e futuro para o que está por vir, em novos caminhos, uma justiça social, segurança alimentar, consagração do homem-natureza e soberania alimentar.

No desenvolvimento desta pesquisa buscamos compreender como se deu a transição dos modelos produtivos e como potencializou a implantação da feira agroecológica no município de São Gabriel, Bahia. Assim como evidenciar a relação dos feirantes e consumidores, as contribuições da feira para o município, e as relações dos produtores com os produtos, com a feira e os consumidores.

Evidenciar o processo de transição agroecológica dos produtores foi de fundamental importância, para compreender as relações estabelecidas a partir dessa nova prática implantada pelos mesmos, sendo importante caracterizar que a transição da racionalidade é um processo particular e ocorre em múltiplas temporalidades.

Destacamos as relações dos produtores com os produtos, com os parceiros, as relações de amizade e camaradagem que se construíram ao longo do processo de construção da associação e implantação da feira e como está diretamente relacionado com o ideal agroecológico, mesmo que haja contradições.

Diante disso, salientamos a importância desse estudo na visibilização da agroecologia no município, das práticas desses agricultores e sua relevância na construção do “Bem Viver”. No ensejo a essa temática o desenvolvimento de pesquisas futuras como compreender o acesso a políticas públicas por esses agricultores ou até mesmo o amadurecimento epistemológico, conceitual e ontológico da agroecologia no lugar/ o lugar da agroecologia.

Referências

- ABRAMOVAY, Ricardo. Uma nova extensão para a agricultura familiar. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL, 1997. Brasília: **Anais ...** Brasília: PNUD, 1997.
- ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1992.
- ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. Tradução de Tadeu Breda- São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016. 268 p.
- ALTIERI, M. A. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 3.ed. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS, 2001. (Síntese Universitária, 54).
- ALTIERI, M. MASERA. **O Desenvolvimento rural sustentável na América Latina: Construindo de baixo para cima**. In: ALMEIDA, J. e NAVARRO, Z. (Org.) *Reconstruindo a agricultura: Ideais e ideais nas perspectivas do desenvolvimento rural sustentável*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997, p.72-105.
- ALTIERI, M. y TOLEDO, V.M. **The agroecological revolution of Latin America: rescuing nature, securing food sovereignty and empowering peasants**, *The Journal of Peasant Studies*, v. 38, n. 3, p. 587–612. 2011.
- ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. 3 Edição. São Paulo: Editora: Expressão Popular, 2012.
- Anand, S., & Sen, A. (2000). Human development and economic sustainability. *World development*, 28(12), 2029-2049.
- ARAÚJO, Giovanna de A. F. (2012). **Continuidade e descontinuidade no contexto da globalização: um estudo de feiras em Portugal e no Brasil (1986-2007)**. Tese de Doutorado em História Contemporânea (Universidade do Minho -UMINHO) e História Social (Universidade Federal da Bahia - UFBA), Braga, Portugal.

A Última Floresta. Direção: Luiz Bolognesi. Roteiro: Davi Kopenawa Yanomami. São Paulo-SP. 74', DIGITAL, COLORIDO, 2020.

AYOADE, J. O. **Introdução à climatologia para os trópicos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, 258p.

BAHIATER. Superintendência Baiana de Assistência Técnica E Extensão Rural. **Levantamento de Feiras com Alimentos Saudáveis da Agricultura Familiar Bahia**. 2017. 1f. Disponível em: < <http://www.bahiater.sdr.ba.gov.br/servicos/feiras-agroecologicas-na-bahia> >. Acesso em: 03 de nov.de 2019.

BEUS, Curtis E; Riley E. DUNLAP. "Conventional versus alternative agriculture: the paradigmatic roots of the debate". **Rural Sociology**, 55(4):590-616, 1990.

BIALOSKORSKI NETO, S. **Agribusiness cooperativo: Economia, doutrina, e estratégias de gestão**. Piracicaba: ESALQ/USP, 1994.

BOFF, L. **Virtudes para um outro mundo possível, vol. 1: hospitalidade - direito e dever de todos**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BONFIM, Carlos. **Quem sabe outra oralidade? A propósito de práticas acadêmicas e indagações sobre a diferença**. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos, Universidade Federal da Bahia. 2013. p.10.

BONNAL, Philippe; CAZELLA, Ademir A.; MALUF, Renato S. Multifuncionalidade da agricultura e desenvolvimento territorial: avanços e desafios para a conjunção de enfoques.

BRANDÃO, C. R. e STRECK, D. R.. A pesquisa participante e a partilha do saber: uma introdução. In: BRANDÃO, C. R. e STRECK, D. R. (Orgs). **Pesquisa Participante: o saber da partilha**. 2ª ed., Aparecida-SP: Ideias e Letras, 2006. 7-20p.

BRASIL. “Lei nº 7.794 de 20 de agosto de 2012 dispõe sobre a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica”. **Em Diário Oficial da União**, Brasília, nº 50. Seção 1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/decreto/d7794.htm>. Acesso em: 01 de dez de 2020.

BRASIL. “Lei nº 10.831 de 23 de dezembro de 2003 dispõe sobre a agricultura orgânica e dá outras providências”. Em **Diário Oficial da União**, Brasília, nº 205, Seção 1, 2003.

BRASIL. Decreto nº. 7.794, de 20 de agosto de 2012. Institui a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica. **Diário Oficial da União, Brasília**, n. 162, p.4, 21 ago. 2012. Seção 1.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Secretaria da Agricultura Familiar: Institucional. **MDA**. 2019. Disponível em: <http://www.mda.gov.br>. Acesso em 17 de dezembro de 2019.

BRASIL. **Senado Federal**. Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Disponível em: Acesso em: 3 mar. 2014.

BRASILEIRO, Maria Genilde Moreira. **A produção orgânica em Jacobina-ba: desafios para adquirir sua certificação**. 2013. 85 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Licenciatura em Geografia) - Universidade do Estado da Bahia, Jacobina, 2013.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e extensão rural: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA. 2004a.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia. Enfoque científico e estratégico para apoiar o desenvolvimento rural sustentável**. Porto Alegre: EMATER/RS, 2002. p.48.

CARMO, R. B. A. **A Questão Agrária e o Perfil da Agricultura Brasileira, 1999**. Disponível em: <<http://www.cria.org.br/gip/gipaf/itens/pub/sob>>. Acesso em: jan. 2021.

CARVALHO, Horacio Martins de. STEDILE, João Pedro. **Soberania Alimentar: Uma Necessidade dos Povos**. Disponível em: <<https://www.ecodebate.com.br/2011/03/25/soberania-alimentar-uma-necessidade-dos-povos-artigo-de-joao-pedro-stedile-e-horacio-martins-de-carvalho/>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

CARVALHO, Horácio Martins de. STÉDILLE, João Pedro. **Soberania Alimentar: Uma Necessidade dos Povos**. 2011. Disponível em: <<https://www.ecodebate.com.br/2011/03/25/soberania-alimentar-uma-necessidade-dos-povos-artigo-de-joao-pedro-stedile-e-horacio-martins-de-carvalho/>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

CASTRO-GÓMEZ, S. **La poscolonialidad explicada a los niños**. Popayán: Universidad del Cauca, 2005b.

CORRÊA, R. L. Interações Espaciais. In. CASTRO, I. E.; GOMES, P. C.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Explorações Geográficas**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 279-318.

Costa Neto, E. M. & H. F. Magalhães. 2007. **The ethnocategory “insect” in the conception of the inhabitants of Tapera County**, São Gonçalo dos Campos, Bahia, Brazil. *Anais da Academia Brasileira de Ciências* 79 (2): 239-249.

COSTA, Josane Moreira de. **Agricultura familiar e a questão da sustentabilidade: o exemplo da produção agroecológica no município de Praia Grande (SC)**. 2000. 98 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Criciúma, 2000.

CRUZ, V. C. Geografia e pensamento descolonial: notas sobre um diálogo necessário para a renovação do pensamento crítico. **Geografia e Giro descolonial: experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento crítico**. 1ed. Rio de Janeiro: Letra capital, 2017, v. 1, p. 15-36.

DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015. p.40-41.

DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SUSTENTABILIDADE Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. Cap. 1, p.11-38.

DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. **LUGAR GEOPSÍQUICO: CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE PARA UMA EPISTEMOLOGIA DA GEOGRAFIA**. 2019. 172 f. Tese (Doutorado em Geografia) - INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, Campinas, 2019.

DICIO, **Dicionário online**. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/expectativa/>>. Acesso em: 20 de abr. de 2020.

DUARTE, Luciana Rodrigues Ramos. **Transição agroecológica**: uma estratégia para a convivência com a realidade semi-árida do Ceará. Dissertação de Mestrado. UFC, 2009.

EMBRAPA. Disponível em:

<[https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/C22F9A4962A6E2E68325771C0065A2E4/\\$File/NT0004404E.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/C22F9A4962A6E2E68325771C0065A2E4/$File/NT0004404E.pdf)>. Acesso em: 01 de jan de 2020.

EMBRAPA. **Marco de Referência em Agroecologia**, Brasília, 2006. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 16, n. 2, p. 185-227. Disponível em: <www.pronaf.gov.br/dater>. Acesso em: 01 de dez de 2020.

FERNANDES, Maria José Costa; MORAES, Eriberto Pinto. **AGRICULTURA FAMILIAR E AGROECOLOGIA**: uma análise da Associação dos Produtores e Produtoras da Feira Agroecológica de Mossoró (APROFAM) – RN. Duque de Caxias. Espaço Científico Livre projetos editoriais. 1º edição-2014.

FERREIRA, Joelson; FELÍCIO, Erahsto. **Por Terra e Território**: Caminhos da Revolução dos Povos no Brasil. Arataca (BA): Teia dos Povos, 2021. p.178.

FINATTO, R. A. CORRÊA, W. K. Desafios e perspectivas para a comercialização de produtos de base agroecológica - o caso do município de Pelotas/RS. **Revista Brasileira de Agroecologia**. Porto Alegre, v.5, n.1, p. 95-105, 2010.

FINATTO, Roberto Antônio. **As transformações no espaço rural e a emergência da agricultura familiar de base agroecológica** - Pelotas/RS. 2010. 139 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Pelotas, 2010.

FRATERNIDADE, Regimento Interno. **Associação Fraternidade**. 2016. 2 f.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis**. Editora UNESP, São Paulo, 2001.

GALEANO, Eduardo. 1940-. Celebração das contradições/2. In: **O livro dos abraços** / Eduardo Galeano; tradução de Eric Nepomuceno. – 2 ed. – Porto Alegre: L&PM, 2009. Geógrafos Brasileiros. - nº 1 (1949) - São Paulo: AGB, 1949. 2006. p. 69-76.

Germani, Guiomar Inez. Condições históricas e sociais que regulam o acesso a terra no espaço agrário brasileiro. **GeoTextos**, vol. 2, n. 2, 2006. Guiomar Inez Germani 115-147.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GLIESSMAN, Stephen R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

GOMES, R. N.; LIMA, L. K. S.; SOARES, J. P.; ARAÚJO, A. E. de. **Feira agroecológica: uma alternativa para comercialização de produtos oriundos da agricultura familiar na cidade de Solânea –PB**.

GUERRA, A.C.; TOLEDO, D. A.C.; CASTANHEIRA, L. F. M.; OLIVEIRA, B. A. M. Agricultura familiar e economia solidária: o programa compra direta como política de inserção. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SISTEMAS DE PRODUÇÃO, 7., 2007, Fortaleza. Anais... Disponível em: Acesso em: 01 jun. 2008.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 15. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 103-133.

IBGE. **Censo Demográfico, 2010**. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 01 dez. 2020.

KOPENAWA, Davi e BRUCE, Albert. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRAUSER, Raul Ristow. A agroecologia e o plano camponês. **Candiota**: Instituto Cultural Padre Josimo, 2015.

KRENAK, Ailton. **IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO**. Editora SCHWARCZ S.A, São Paulo, 2019.

LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.

MACÊDO, Maria Dalva de Lima. **RESISTÊNCIA CULTURAL DE ESTUDANTES NEGROS DA ROÇA, NAS ECOLAS PÚBLICAS DE SANTA BARBÁRA-BA**. 2011. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2011.

MACHADO FILHO, Reinilson. **Fraternidade**. São Gabriel. Entrevista concedida a Efigênia Rocha Barreto da Silva. 2020.

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. Do sonho à memória: lívia de oliveira e a geografia humanista no brasil. **GEOGRAFIA – LONDRINA – V. 12 – N. 2 – JUL./DEZ.2003**. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia>>. Acesso em: 22 de mai. de 2020.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990. p. 62-136.

Massey, Doreen. **Space, Placê and Gender**. Cambridge: Polity Press, 1994.

MATTEI, L. Impactos do Pronaf: análise de indicadores. Brasília: MDA/NEAD, 2005. 136 p. Disponível em: . Acesso em: 25 mar. 2007.

MENEZES, Willian Guedes M. D.. GLOBALIZAÇÃO E FRAGMENTAÇÃO: AGRICULTURA CIENTÍFICA EM FORMOSA DO RIO PRETO – BAHIA. **Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia**. 2014, p. 1-15.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Disponível em: <http://189.28.128.100/nutricao/docs/geral/alimentos_regionais_brasileiros.pdf>. Acesso em: 01 de fev de 2020.

MOLINA, Manuel González. Algumas notas sobre agroecologia y política. **Agroecologia**. MÚRCIA, Espanha, v.6, p.9-21, 2011a.

MOVIMENTO DOS PEQUENOS AGRICULTORES - MPA. **Caderno de Estudos n.1: I Congresso Nacional do MPA**. 2020.

MOVIMENTO DOS PEQUENOS AGRICULTORES - MPA. **Plano Camponês: da agricultura camponesa para toda a sociedade**. 2012.

OLIVEIRA, A.U. de; STÉDILE, J.P; AGRÁRIA, Fórum Nacional de Reforma. **A Natureza do Agronegócio no Brasil**. Brasília: Secretaria Operativa, 2005.

PEDROSO, Ízula Luiza Pires Bacci; JÚNIOR, João Cleps. PRODUÇÃO FAMILIAR E ASSOCIATIVISMO: Modos de vida e reprodução socioeconômica da comunidade rural de Taquaruçu Grande- Palmas (TO). **Campo- Território revista de geografia agrária**. Minas Gerais. V.3, n.5, p.162-194, fev.2008.

PETRUCCELLI, J. L.; SABOIA, A. L. **Características étnico-raciais da população: classificações e identidades**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Rio de Janeiro, 2013, n.2, 314.9-054(81)-C257c.

PORTILLO. José Thales da Motta. **Composição, etnoecologia e etnotaxonomia de serpentes no Vale do Paraíba, Estado de São Paulo**. 2012. 80 f. Dissertação (mestrado em Ecologia). Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto. 2012.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização**. 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.p.1- 461.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana. In: CRUZ, V. C.; O. D. A. (Orgs). **Geografia e Giro descolonial: experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento crítico**. 1ed.Rio de Janeiro: Letra capital, 2017, v. 1, p. 37-56.

RAMALHO, Â. M. C.; SANTOS, J. G.; SILVA, S. S. F. da. Ressignificando As Práticas De Consumo: As Feiras Agroecológicas Do Agreste Da Borborema- PB. V SANTOS, J G; CANDIDO, G. A. **A Sustentabilidade da Agricultura Orgânica Familiar dos Produtores Vinculados a Associação de Desenvolvimento Econômico, Social e Comunitário (ADESC) de Lagoa Seca- PB**, V Encontro Nacional da Anppas Florianópolis – SC- Brasil, 4 a 7 de out de 2010.

RELPH, E. **Place and placelessness**. London: Pion Limited, 1976.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência do lugar. In: MARANDOLA, JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. de. (Orgs.) In: **Qual o espaço do lugar?: Geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite: A história e a ciência do sonho**. 1 ed. São Paulo. Companhia das Letras, 2019.

ROCHA, Livia Regina Pereira. **Fraternidade**. São Gabriel. Entrevista concedida a Efigênia Rocha Barreto da Silva. 2020.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria de Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. p.1-384.

_____. (2002). *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: Edusp.

SANTOS, Tiganá Santana Neves. **A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu- Kia: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil**. 2019. (Tese de doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo. 234 f.

SERPA, A. Ser lugar e ser território como experiências do ser-no-mundo: um exercício de existencialismo geográfico. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 21, n. 2, p. 586-600, agosto. 2017. ISSN 2179-0892.

SERPA, Ângelo. O TRABALHO DE CAMPO EM GEOGRAFIA: UMA ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA. In: Associação dos Geógrafos Brasileiros. **Boletim Paulista de Geografia**. nº 1 São Paulo: AGB- 1949, 2006.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da Mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**: Tradução Daniela Abreu Azevedo. 1 ed. São Paulo: Gaia, 2003.

SILVA, Cátia Antonia da. **Política pública e território: passado e presente da efetivação de direitos dos pescadores artesanais no Brasil**. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

SILVA, Marcia Alves Soares da. **O EU, O OUTRO E O(S) NÓS: GEOGRAFIA DAS EMOÇÕES À LUZ DA FILOSOFIA DAS FORMAS SIMBÓLICAS DE ERNST CASSIRER (1874-1945) E DAS NARRATIVAS DE PIONEIROS DA IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL**. 2019. 303 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2019.

SOGLIO, Fábio Kessler Dal. A AGRICULTURA MODERNA E O MITO DA PRODUTIVIDADE. In: **KUBO**, Rumi Regina; SOGLIO, Fábio Dal. 2016.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA (SEI). São Gabriel. Salvador. p.328. Disponível em: <https://www.sei.ba.gov.br/images/publicacoes/sumario/estatisticas_municipios/sumario_est_mun_2011_v20.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2019.

TUAN, Y.-F. **Space and place: the perspective of experience**. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 1977.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo, Difel, 1983.

VASCONCELOS, Mickaelon Belchior. **Poços para a captação de Águas subterrâneas: Revisão de Conceitos e Proposta de Nomenclatura**. 2014. Disponível em: <<https://aguassubterraneas.abas.org/asubterraneas/article/viewFile/28288/18401>>. Acesso em 28 jul. 2019.

VASCONCELOS, Mickaelon Belchior. **Poços para a captação de Águas subterrâneas: Revisão de Conceitos e Proposta de Nomenclatura**. Disponível em: <<https://aguassubterraneas.abas.org/asubterraneas/article/viewFile/28288/18401>>. Acesso em 28 jul. 2019.

VENTURI, Luis Antonio Bittar. O PAPEL DA TÉCNICA NO PROCESSO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA. In: **Boletim Paulista de Geografia / Seção São Paulo - Associação dos Geógrafos Brasileiros**. - nº 1 (1949) - São Paulo: AGB, 1949. 2006. p. 69-76.

WANDERLEY, Maria N. B. **O mundo rural como espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009.

ZAMBERLAN, Jurandir; FRONCHETI, Alceu: **Preservação do pequeno agricultor e o meio ambiente**. Petrópolis: Vozes, 2001.

Apêndice I:

QUESTIONÁRIO/PRODUTOR

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA- UNEB

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- DCH – CAMPUS IV COLEGIADO
DE GEOGRAFIA

Questionário Nº. _____ Data ____ / ____ / ____

Localidade: _____

1. Sexo Masculino Feminino**2. Raça** Branco Amarelo Pardo Negro**3. Idade** _____**4. Escolaridade** Ensino médio incompleto Ensino médio completo Ensino superior incompleto Ensino superior completo**5. Qual produto era cultivado no modelo de agricultura de sequeiro?** Mandioca Mamona Feijão Milho Outro _____**6. Há quanto tempo o Sr. cultiva produtos agroecológicos?** 1 ano 2 anos 3 anos 4 ou mais

7. Com a adoção desse sistema sua rentabilidade econômica?

- () Aumentou () Diminuiu
 () Continuou a mesma

8. O Sr. tem mais de uma fonte de renda?

- () Sim, aluguel de imóvel () Sim, aposentadoria/pensão
 () Sim, benefícios/ bolsa família () Sim, outro _____
 () Não

9. A sua produção é somente de trabalho familiar?

- () Sim () Não

10. Onde costumava vender sua produção anteriormente à produção agroecológica?

- () Feiras () Agroindústria
 () Atravessador/ intermediário () Outro _____

11. O Sr. se sente satisfeito com a forma de comercialização da sua produção?

- () Sim () Não
 () Poderia melhorar _____

12. Qual sua renda mensal com a prática agroecológica?

- Menos de 1 salário mínimo Um salário mínimo
 Até dois salários mínimos Acima de dois salários mínimos

13. Qual o principal fator para a transição em 2015 da agricultura convencional à agroecológica?

- Fatores climáticos (seca) Melhores oportunidades/ rentabilidade
 O ideal de produzir alimentos agroecológicos

14. O Sr. já teve acesso a alguma política pública?

- Sim, AGROMIGO Sim, PRONAF
 Sim, SEGURO SAFRA Não
 Sim, todos citados acima

15. Quais dessas instituições já prestaram assistência técnica e apoio em sua propriedade?

- EMATER Secretaria de Agricultura do município
 BAHIATER Nenhum

16. Na prática do modelo convencional de agricultura, quanto, em média, se baseava a sua renda?

- R\$ 500,00 R\$ 800,00
 R\$ 1.000,00 R\$ 1.200,00

17. Número de pessoas no núcleo familiar

3 4 5 6 7 8 ou mais

Apêndice II:

QUESTIONÁRIO/CONSUMIDOR**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA- UNEB****DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- DCH – CAMPUS IV COLEGIADO
DE GEOGRAFIA**

Questionário Nº. _____ Data ____/____/____

Localidade: _____

1. Sexo Feminino Masculino**2. Idade** _____**3. Raça** Branco Amarelo Pardo Negro**4. Escolaridade**

- Importante, pois possibilita o consumo de produtos agrosustentáveis benéficos a saúde
- Não é importante, pois os produtos são caros

10. Quanto à localização da feira, o Sr considera:

- Acessível Prefiro comprar na propriedade
- Compro em qualquer lugar

11. O que o Sr. acha que deveria ser feito para aumentar o consumo desses produtos?

- Aumentar a divulgação Aumentar a diversidade
- Dar incentivos ao agricultor Conscientizar a população da importância desse produtos

12. Quanto ao preço dos produtos, o Sr. Considera:

- Preço justo Muito caro
- Admito pagar mais caro pela qualidade do produto achando o preço justo Admito pagar, não

13. Quanto à qualidade dos produtos, o Sr. Considera:

- Excelente Boa
- Razoável Fraca

Apêndice III:

ENTREVISTA/PRODUTOR

- Como se deu o início da associação Fraternidade?
- Quais os principais fatores que impulsionaram a transição nas agriculturas?
- Por que ocorreu a transição da agricultura de sequeiro para a agroecológica?
- Quais as principais dificuldades enfrentadas na implantação da feira?
- De que forma poderia melhorar as práticas?
- Quais assistências técnicas disponibilizadas ao grupo?
- Há incentivos ou políticas públicas a nível municipal, estadual ou federal às quais o grupo tem acesso? Se sim, quais são?
- Em qual atividade era baseada a renda familiar antes das práticas agroecológicas?
- Para você, qual a importância em cultivar produtos agroecológicos?
- O que lhe motiva a continuar?

Anexo I:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: _____

Sexo: () Feminino () Masculino

Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____ Complemento: _____

Cidade: _____ Bairro: _____

Telefone: () _____

II – DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA

1. TÍTULO DA PESQUISA:

2. PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Paula Regina de Oliveira Cordeiro

3. CARGO/FUNÇÃO: Graduanda em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia – Campus IV – Jacobina

III – EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: A FORMAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO FRATERNIDADE E A IMPLANTAÇÃO DA FEIRA AGROECOLÓGICA NO MUNICÍPIO DE SÃO GABRIEL, BAHIA: UM ESTUDO DE CASO que tem como objetivo entender como a formação da associação Fraternidade e a implantação da feira agroecológica possibilitou um recurso alternativo para uma nova agricultura sustentável no município de São Gabriel Bahia.

IV – ESPECIFICAÇÃO DOS RISCOS, PREJUÍZOS, DESCONFORTO, LESÕES QUE PODEM SER PROVOCADOS PELA PESQUISA:

Existem alguns riscos em participar da pesquisa, estes podem ser de natureza psicológica, moral, social, etc. Os riscos incluem a possibilidade de constrangimento ao responder a entrevista; desconforto; estresse; quebra de sigilo; dano; cansaço ao responder as perguntas; quebra de anonimato. Conscientes desses possíveis riscos e danos e como forma de minimizá-

los na pesquisa, serão seguidas as normas estabelecidas para a pesquisa em ciências humanas predisposta na resolução do CNS nº 510/2016. Para tentar minimizar esses riscos as respostas serão confidenciais; o entrevistado não será identificado pelo nome para que seja mantido o anonimato; os indivíduos receberão esclarecimento prévio sobre a pesquisa; a entrevista poderá ser interrompida a qualquer momento sem nenhum dano ao entrevistado; leitura do TCLE; garantia do sigilo; participação voluntária.

V – ESCLARECIMENTO SOBRE A PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

* Caso o senhor (a) aceite, será adotado como procedimento para construção de dados de uma entrevista semiestruturada, utilizada pela graduanda Efigênia Rocha Barreto da Silva. Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela.

* Garantimos que sua identidade será tratada em sigilo e, portanto, o Sr (a) não será identificado.

* Caso queira, o (a) Senhor (a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

* Quaisquer dúvidas que o (a) senhor (a) apresentar serão esclarecidas pelo pesquisador e, caso o (a) senhor (a) queira, poderá entrar em contato também com o comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia.

* O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

As gravações serão guardadas por cinco anos pelo pesquisador, sendo excluídas após esse período.

VI – INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS:

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Paula Regina de Oliveira Cordeiro

ENDEREÇO: Travessa J J Seabra, 158 - Estação, Jacobina - BA, 44700-000 E-MAIL: paulareginacordeiro@gmail.com

VII - CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após ter sido devidamente esclarecido (a) pelo pesquisador Efigênia Rocha Barreto da Silva, sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa: A FORMAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO FRATERNIDADE E A IMPLANTAÇÃO DA FEIRA AGROECOLÓGICA NO MUNICÍPIO DE SÃO GABRIEL, BAHIA: UM ESTUDO DE CASO E ter entendido o que me foi explanado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário consisto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja divulgada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra via a mim será entregue.

São Gabriel, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do orientando

Assinatura do professor orientador